

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Flávia Sidônia Camargos Pereira

A guerra do futebol:  
Um estudo sobre o jornalismo esportivo

Flávia Sidônia Camargos Pereira

A guerra do futebol:  
Um estudo sobre o jornalismo esportivo

Monografia apresentado ao  
Departamento de jornalismo na  
disciplina Projeto Experimental.  
Orientador Acadêmico: Prof. Márcio de  
Oliveira Guerra.

PEREIRA, Flávia Sidônia Camargos. A guerra no futebol: um estudo sobre o jornalismo esportivo. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 1.sem.2005, ..... fl. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

Banca Examinadora

---

Kleber Ramos  
Relator

---

Ricardo Bedendo  
Convidado

---

Márcio de Oliveira Guerra  
Orientador

Projeto Examinado em \_\_\_/\_\_\_/2005

Conceito: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Dedico este projeto:

À minha mãe Glória e à minha tia Nininha, que são responsáveis por grande parte do que sou hoje e sem as quais eu nunca teria chegado até aqui. Agradeço pelas noites de sono perdidas, pelas papinhas, pelos conselhos, pelos ensinamentos e principalmente pela paciência.

Ao meu pai Hamilton, do qual sou fã incondicional, por sempre ter me apoiado, torcendo e se orgulhando de mim, mesmo que sem motivos. Obrigado por falar as palavras certas na hora em que precisa ouvir.

À minha irmã Flora, que esteve ao lado desde do dia em que nasci me incentivando e que foi a pessoa que acompanhou mais de perto essa monografia. Agradeço por ter me cedido o computador durante a reta final do trabalho e por ter agüentado os meus momentos de estresse. Irmãzinha, você é muito importante para mim e obrigado por existir.

A todos os meus amigos, que me entenderam quando não pude estar junto a eles para escrever esse trabalho. Obrigado por acreditarem em mim e confiarem no meu potencial.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a elaboração desse projeto e aos inúmeros amigos que fiz na faculdade que ficarão para sempre no meu coração dos quais gostaria de não me separar nunca.

Ao Márcio, meu orientador, que me guiou, sem me prender, na elaboração desse projeto. Agradeço também pela chance que me deu ao abrir as portas da Imagem me possibilitando aprender e conviver com pessoas maravilhosas.

E a Deus, por ter me possibilitado encontrar a profissão certa e que, tenho certeza, me fará feliz até os últimos dias de minha vida.

## SINOPSE

Estudo sobre jornalismo esportivo com abordagem na semelhança entre o futebol e a guerra e nas ligações entre eles. Foco na relevância dessa modalidade, sua importância durante conflitos, e no tratamento dispensado a ela pela imprensa.

## EPÍGRAFE

Nenhum torcedor diria que se “entretém” com seu time, que vai ver um jogo como vai a um concerto. Vai para dilacerar ou ser dilacerado, vai para a guerra, mesmo que seja quase sempre uma guerra metafórica. Assim, para ser atraente, o esporte não pode ter (...) nenhuma sugestão de montagem ou faz-de-conta. Tem de ser uma séria e quase trágica competição por um cetro (...) a busca do coração do inimigo e da glória eterna – mesmo que no ano seguinte todos voltem a ter zero ponto”

Veríssimo

Bem-aventurados os que não entendem nem aspiram a entender de futebol. Deles é o reino da tranqüilidade.

Drummond

# SUMÁRIO

- 1. INTRODUÇÃO**
  
- 2. LIGAÇÕES ENTRE ESPORTE E GUERRA**
  - 2.1 Origem da prática esportiva**
  - 2.2 Origem do futebol**
  - 2.3 Futebol no Brasil**
  - 2.4 Futebol moderno**
  
- 3. O FUTEBOL DURANTE E DEPOIS DA GUERRA**
  - 3.1 Jogos X conflitos**
  - 3.2 A equipe ucraniana do Start**
  - 3.3 Biafra X Nigéria**
  - 3.4 Brasil X Haiti : o jogo da paz**
  
- 4. A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DO FUTEBOL**
  - 4.1 A mimese da guerra**
  - 4.2 Política e futebol**
  - 4.3 Espetáculo**
  - 4.4 A arte da guerra**
  - 4.5 O futebol e a evolução das mídias no Brasil**

## **5. A TORCIDA E SEUS HERÓIS**

### **5.1 Rivalidade**

### **5.2 Torcidas organizadas**

### **5.3 A identificação com os jogadores**

### **5.4 O anti-herói**

## **6. AS PALAVRAS DA GUERRA**

### **6.1 Linguagem**

### **6.2 A cobertura do futebol e da guerra no globo on line**

### **6.3 A cobertura do futebol e da guerra no jornal O Globo**

### **6.4 A guerra nos veículos esportivos**

## **7. CONCLUSÃO**

## **8. ANEXOS**

### **8.1 Glossário de termos bélicos do futebol**

### **8.2 Matérias do Globo on line**

#### **8.2.1 Matérias de guerra**

#### **8.2.2 Matérias de esporte**

### **8.3 Matérias do jornal O Globo**

### **8.4 Matérias dos veículos esportivos**

## **9. BIBLIOGRAFIA**

## 1. INTRODUÇÃO

O jornalismo esportivo é uma área pela qual temos muito interesse. Por acompanharmos com grande frequência este tipo de cobertura, percebemos a presença constante de elementos ligados às guerras, tais como hinos, bandeiras, gritos, comandantes.

A partir de um texto, que abordava esse tema, tivemos a idéia de analisar as semelhanças entre o futebol e os conflitos bélicos, tanto na simbologia que possuem quanto no tratamento que recebem dos meios de comunicação. Escolhemos esse por ser um estudo inédito na Faculdade Comunicação.

Desse modo, a idéia, neste trabalho, é apresentar as ligações entre o futebol e os conflitos armados e mostrar como uma partida pode ser transformada em uma representação da guerra, através do simbolismo que nela é embutido e da linguagem usada pela mídia em sua cobertura.

Primeiro será feito um resgate tanto da história da prática esportiva como do futebol, ressaltando o quanto é antiga a conexão de ambos com a guerra. Mostraremos como esse esporte de elitizado, quando era um meio de treinamento de exércitos, sendo praticado apenas pelos soldados, passou a ser popular em todo o mundo.

Em seu início, esse esporte possuía caráter extremamente conflituoso, sendo praticado com cabeças de inimigos derrotados nas batalhas, algum tempo depois, quando era normal o fato de jogadores saírem feridos e até mesmo morrerem durante as partidas.

Também é de destaque de que modo suas regras foram sendo aprimoradas, como se deu a diminuição da agressividade dentro de campo até ganhar os aspectos que possui hoje, e conseqüentemente a sua popularização mundial.

Com isso, o futebol chegou ao Brasil, através de um brasileiro, filho de um inglês e uma paulista, Charles Miller. Pouco depois, veio a sua democratização mundial que, em seguida, criaria valores simbólicos que foram sendo atribuídos a esse esporte. Assim, equipes se transformaram em representantes de uma nação e as partidas em verdadeiras batalhas, nas quais uma derrota passou a ser vista como a comprovação da inferioridade ou, até mesmo, a perda da dignidade de um país.

Por possuir essa relevância, em vários momentos, durante conflitos bélicos, o futebol ganhou destaque. Esse foi o caso do time do Start, na Ucrânia invadida por tropas nazistas na Segunda Guerra, em que a equipe passou a ser vista como uma representante da cultura ucraniana e uma negação daquele regime; ou do jogo do Santos de Pelé, na Nigéria, que foi o único acontecimento capaz de interromper a guerra civil, uma das mais sangrentas da história, pela qual o país passava; ou ainda, do Haiti, que, sob a ameaça de um conflito do governo com milícias, parou para ver a partida entre o Brasil e a seleção local.

Devido a essa importância atribuída, o futebol foi transformado em um espetáculo mimético de guerra, fazendo com que um tratado de estratégia militar seja adotado por técnicos brasileiros como livro de cabeceira na busca pelas vitórias dentro de campo.

Também, em decorrência dessa transformação, trouxe inúmeros benefícios para os governos, assim como para os meios de comunicação.

Essa modalidade e as disputas bélicas possuem vários elementos em comum, tal qual, a presença de forte rivalidade, de heróis, de anti-heróis, tendo estes dois tratamentos muito parecidos comparando a guerra e o futebol. Além disso, eles possuem papel decisivo, capaz de fortalecer torcidas organizadas, sendo transformados em estrelas que conseguem vender qualquer produto. Além do mais, a imprensa possui grande influência na criação desses “quase deuses”.

Com base no conteúdo de 10 dias dos cadernos “Mundo” e “Esportes” de um jornal e de um site informativos, vamos elaborar uma análise da linguagem bélica presente no futebol mostrando, ainda, comparativamente, a cobertura de eventos ligados às guerras e a dos ligados ao futebol apontando os termos que as duas têm em comum. Já em relação aos veículos unicamente esportivos, a presença do do linguajar da guerra é ainda mais presente, seja através das palavras usadas, das montagens, ilustrações e artes.

## 2. LIGAÇÕES ENTRE ESPORTE E GUERRA

### 2.1 ORIGEM DA PRÁTICA ESPORTIVA

A história dos esportes se confunde com a própria história do ser humano. Correr, saltar, nadar, lutar são práticas que nasceram e se desenvolveram junto à humanidade. Elas guardam, também, forte ligação com a guerra, sendo muitas vezes usada nela.

Na Grécia Antiga, onde acredita-se tenha nascido a prática esportiva, 2.700 anos antes de Cristo, o exercício físico se restringia a uma pequena parcela da população: os soldados. Era usado como forma de treinamento militar, o que deixa claro, já naquele período, a preocupação com o preparo físico e o quanto ele poderia ser determinante nas batalhas.

A idéia usada é a de “aprimorar e desenvolver a força física do soldado, além de significar mais chances de vitória nas batalhas, serve para demonstrar a superioridade de um povo (...) os egípcios praticam, com fins militares, a luta corpo-a-corpo e com espadas. Na China, treinava-se kung-fu (...) Arqueólogos encontraram monumentos de babilônios, assírios e hebreus com representações de jogos com bola, natação, acrobacia e danças.” (LUNA, [www.multirioi.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirioi.rj.gov.br/seculo21))

Os guerreiros ficavam mais fortes se exercitando com pesos, conseguiam dominar os inimigos praticando artes marciais, ultrapassavam barreiras saltando, atravessavam rios e lagos nadando, conseguiam fugir e alcançar longas distâncias correndo.

Com o tempo, as outras camadas da população puderam sentir o gosto do "privilégio" das tropas. O esporte se tornou mais democrático a ponto de, na Grécia Antiga, filósofos, como Sócrates, defenderem a teoria de que todo cidadão livre tinha como obrigação exercitar e aprimorar a forma física.

Com isso, a sua prática passa a ocupar um lugar de destaque na sociedade. “A Educação Física deixa o campo militar e se torna motivo de distinção social. A prática esportiva é a única atividade que, mesmo gerando suor, causa orgulho nos cidadãos.” (LUNA, [www.multirioi.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirioi.rj.gov.br/seculo21)). Na antiguidade grega, sua importância era tamanha a ponto de apenas a realização dos jogos ser capaz de parar conflitos.

As Olimpíadas foram criadas cerca de 2500 a.C. como forma de adoração a Zeus, a maior divindade da mitologia grega. Porém, com a dominação de Roma, ela entra em declínio até que, em 383 a.C., o imperador Teódosio I proíbe a realização das competições.

Já no século seguinte e durante toda a Idade Média, o esporte vive um período de estagnação. O cristianismo ocidental prega a purificação da alma, deixando de lado o desenvolvimento de aptidões esportivas para usar o corpo como meio de cumprir penitências. Nesse momento, a prática física, principalmente a de competições, observada na Grécia, desaparece.

Mais de trezentos anos depois, com o Humanismo, que lança na Europa bases dos conceitos modernos que surgiriam no século XVIII, a prática esportiva começa a ser retomada lentamente. Já no século seguinte, em Oxford, na Inglaterra, são definidas regras para os jogos e um padrão dos regulamentos das disputas. Com isso, há um ambiente propício a internacionalização do esporte.

Assim, a prática física vai se desenvolvendo e junto a ela vão surgindo diferentes concepções.

“No fim do século XIX, há três linhas doutrinárias de atividade física: a ginástica nacionalista (alemã), que valoriza aspectos ligados ao patriotismo e à ordem; a ginástica médica (sueca), voltada para fins terapêuticos e preventivos; e o movimento do esporte (inglês), que introduz a concepção moderna de esporte e impulsiona a restauração do movimento olímpico, com o barão Pierre de Coubertin. Esta última linha prevalece e leva à realização da primeira Olimpíada da Era Moderna em 1896, em Atenas.” (Luna, [www.multirioi.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirioi.rj.gov.br/seculo21))

Já no século XX, mais uma vez os conflitos e batalhas se sobrepõe às competições. O período que engloba as cinco primeiras décadas é marcado por um desenvolvimento lento no que se refere ao esporte, já que, duas guerras mundiais pararam as disputas. Junto a elas veio a revolução comunista de 1917 e o crack da Bolsa de Nova York em 1929, o que acabou impossibilitando o treinamento de atletas e as viagens das equipes. Entre os anos de 1914 e 1918 e 1939 e 1945, com as guerras mundiais, três edições dos Jogos Olímpicos foram canceladas, as de 1912, 1940 e 1944.

Na segunda metade do século XX, notadamente entre 1950 e 1990, a educação física vive uma nova realidade e recebe uma injeção de ânimo. Com a Guerra Fria há um estímulo à rivalidade e o esporte, outra vez, é usado como forma de provar a superioridade de uma nação sobre a outra. O fair play é colocado à parte e o rendimento e os resultados passa a ser de suma relevância. Começa, então, uma corrida desesperada em busca de recordes e títulos.

Inicia-se, nesse momento, um processo de preocupação sobre a forma através da qual será formado o atleta. Logo em seguida, vem a profissionalização dos mesmos, e a elevação à categoria de estrelas da mídia e, em determinados casos, até de heróis nacionais. Então, os governos começam a ter novas responsabilidades no que se refere às atividades físicas, que não devem ficar restritas apenas aos competidores e sim democratizadas.

Já na década de noventa, o exercício físico vive um acelerado processo de mudanças, há uma maior preocupação com a saúde e com a estética corporal. Além disso, a idéia da prática esportiva democrática é consolidada e grupos, até então quase que excluídos, como a terceira idade e os portadores de deficiência, ganham mais espaço. Desmembra-se, nesse momento, dois conceitos distintos do esporte: o da participação como modo de lazer e o do rendimento competitivo.

Nesse último caso, percebe-se uma clara invasão dos princípios do capitalismo, já que há uma espetacularização das provas, partidas, torneios e competições, as equipes de futebol, atletismo, vôlei ou basquete passam a funcionar como uma espécie de companhias artísticas, promovendo shows levados pela mídia para imensas platéias ávidas por distração. Já os atletas viram mercadorias milionárias e produtos em exibição. Também é característico desse período o aparecimento de novos esportes.

“Estimuladas pela cobertura das TVs, novas modalidades ganham importância. Os chamados esportes radicais (surfe, skate, kitesurfe, bicicross, motocross, entre outros) proporcionam imagens de impacto e conquistam novos fãs a cada dia. Além disso, multiplicam-se os "esportes-filhotes", derivações de modalidades amplamente difundidas. Vôlei de praia, futsal e beach soccer são alguns exemplos do fenômeno.” (LUNA, [www.multirioi.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirioi.rj.gov.br/seculo21)).

## 2.2 ORIGEM DO FUTEBOL

O jogo praticado com os pés, ancestral do futebol que conhecemos hoje, não tem uma data de nascimento precisa, no entanto, historiadores encontraram vestígios de formas primitivas desse esporte em várias culturas, o que é considerado um sinal do grande interesse, tanto do homem antigo quanto do atual, pela brincadeira com a bola.

Mesmo no início, esse esporte já possuía fortes ligações com a guerra. Sua prática se dava quase sempre depois dos enfrentamentos, quando a cabeça dos inimigos era decepada e usada como bola. Na disputa do jogo, muitas vezes sangrenta, não existiam regras: a idéia era apenas divertir-se aproveitando a vitória na batalha.

“No inicio não havia penaltis, nem tiros livres, muito menos juizes ou bandeirinhas. Quando a bola escapava para fora dos limites do campo, acabava ganhando a jogada quem tivesse o jogador mais vivo e veloz. Quem chegasse primeiro, como se estivesse fazendo uma conquista de guerra e a bola fosse um troféu, reiniciava a peleja. E a torcida precisava tomar seus cuidados. Afinal, os jogadores nem sempre eram gentis na sua desesperada busca de ganhar a posse da bola. Jogava-se com as mãos e os pés. A forma não importava muito. O importante era jogar. “ (A HISTÓRIA DO FUTEBOL, [www.mundodabola.com.br/historia](http://www.mundodabola.com.br/historia))

Era o que acontecia no Egito e na Babilônia, onde há mais de trinta séculos, mas sempre depois dos conflitos, essa prática era observada. Já no Japão Antigo, 4500 antes de Cristo, o contato físico entre os jogadores era proibido. O jogo se chamava *Kemari* e era praticado por integrantes das cortes dos imperadores Engi

e Menrei, num espaço de 200 metros quadrados em volta de campos de cerejeiras. A bola, feita de fibras de bambu, era tocada com os pés e as mãos.

Porém, foi entre os chineses, por volta de 3000 aC., que o princípio de se fazer o gol começou a ser pensado. Os militares do imperador Huang-tsé, que praticavam o *tsu-chu* ("golpe na bola com o pé"), eram divididos em duas equipes com oito jogadores e cada uma delas tentava passar a bola de pé em pé, sem cair no chão, até que chegasse à meta.

As partidas chinesas eram disputadas num campo quadrado, com uma bola de couro recheada de cabelos, as traves eram bambus fincados no chão e o travessão uma tira de seda. Essa disputa era “uma forma de prepará-los em corpo e espírito para as batalhas guerreiras” (A HISTÓRIA DO FUTEBOL, [www.mundodabola.com.br/historia](http://www.mundodabola.com.br/historia)), uma vez que aguçavam a rivalidade e possibilitavam melhor preparo físico.

No século I a.C. surge, em Esparta, o *epyskiros*, que consistia em chutar uma bexiga de boi, cheia de areia, por equipes de quinze atletas. O jogo era praticado num terreno retangular e foi através dele, que essa forma de treinamento dos exércitos se popularizou na Europa ocidental. Nessa época, a Grécia vivia sob o domínio do Imperador Júlio César e foi com o contato, entre gregos e romanos, que esse exercício chegou e foi assimilado pelos Europeus.

No entanto, ao chegar na Roma Antiga o jogo ganhou traços mais violentos. Os legionários se divertiam, num campo de terra, jogando o *harpastum* ou *soule*, que também era muito apreciado por César. A disputa consistia em levar a bola até o final do campo do adversário e possuía características muito parecidas às do rugby.

Destaca-se, pela primeira vez na história, a preocupação com o posicionamento dos atletas, que eram divididos em corredores, dianteiros, sacadores e guarda-redes. Além disso, eram permitidos socos, pontapés e rasteiras e não raros eram os casos de mortes durante as partidas.

Baseado neste “divertimento”, surgiu na Itália Medieval uma vertente parecida, o *gioco del calcio*. Nele, a bola, já era de couro e cheia de ar, deveria ser conduzida até os dois postes de madeira que ficavam nas extremidades das praças em que era praticado.

Os participantes usavam as partidas como válvula de escape e levavam para campo todos os seus problemas, principalmente os de cunho social, causados por questões típicas da época, fazendo com que a agressividade fosse constante. Como consequência, no ano de 1300, sua prática foi proibida por um decreto do rei Eduardo III, sendo mandado para o calabouço quem ousasse descumprir a ordem.

Pouco depois, surge o *Calcio* que, embora fosse primitivo, era o mais organizado da Idade Média, com equipes compostas por 27 atletas. Em seguida, no século XVI, ele chegou em Florença, onde uma aldeia jogava contra a outra, embora nem a nobreza e nem o papa aprovassem. A modalidade foi tão marcante que até hoje são realizados jogos que relembram esse período, com os participantes vestindo, inclusive, roupas da época.

Na seqüência a brincadeira apareceu na França, onde era jogada nos jardins. Naquele instante, via-se, pela primeira vez, um futebol de massa, com equipes compostas aproximadamente por 500 jogadores.

Pouco depois da Idade Média, o jogo é levado para o Reino Unido. Partidários do rei Carlos, que haviam se refugiado na Itália, voltam à Inglaterra quando o monarca recupera o seu trono e levam também costumes assimilados no exílio, dentre eles a prática do *cálcio*. Naquele momento, este tipo de jogo é de cunho extremamente popular, sendo depreciado pela aristocracia por ser considerado quase que um ato de selvageria.

Logo, se destaca, também na Inglaterra, a “terça-feira gorda,” jogo considerado o precursor do futebol moderno. Praticado na cidade de Ashbourne, usava como campo as ruas e os gols eram os arcos das duas saídas. Era jogado por duas equipes e sua popularidade era tão grande que chegavam a ter entre 400 e 500 pessoas de cada lado.

A violência com que era praticado se aproximava da barbárie, causando ferimentos graves e mortes entre os participantes. Além disso, gerava grande tumulto, barulho e desorganização, o que causava forte repulsa por parte da nobreza e da igreja.

Partindo desse ponto, houve uma preocupação em criar uma nova variante do jogo, com medidas que regulassem a prática e juizes para observá-las. Desse modo, começou a se desenhar o futebol moderno e, conseqüentemente, veio a sua popularização, impulsionada pelos ingleses.

A Inglaterra promovia, em suas colônias, jogos nas ruas de terra e com bolas rústicas. Além disso, os navios ingleses, junto aos produtos fabricados nas manufaturas, levavam à prática aos mais longínquos pontos do mundo.

Na América do Sul, ela desembarcou primeiro na Argentina, em 1864, com o professor inglês Alexander Watson-Hutton. Ele fundou uma escola e usava o futebol para acalmar o espírito dos estudantes. Duas décadas depois veio sua popularização entre os argentinos, “em 1890, mais de dezena de clubes proliferavam em Buenos Aires” (A HISTÓRIA DO FUTEBOL, [www.mundodabola.com.br/historia](http://www.mundodabola.com.br/historia)). No Brasil, ele chegou em 1894 com Charles Miller.

### 2.3 FUTEBOL NO BRASIL

Existem várias versões para o aparecimento desse esporte em território brasileiro:

“Fontes dizem que o Football chegou ao Brasil com marinheiros ingleses em 1872, no Rio de Janeiro. Outros dizem que foram os trabalhadores ingleses das fábricas de São Paulo que trouxeram o futebol. Recentes estudos nos mostraram que o futebol já era praticado em diversos colégios pelo Brasil. Em 1880 já se praticava o esporte no colégio São Luiz, em Itu; em 1886 se praticava no colégio Anchieta, no Rio de Janeiro; também no Rio, em 1892, se praticava o "esporte bretão" no colégio Pedro II” ( Lima, 2004).

Juiz de Fora, inclusive, estaria incluída nesta lista. Em 1893, o americano John Lander, professor do Instituto Granbery, teria passado férias na Inglaterra e conhecido o futebol. Porém, antes de retornar, Lander comprou uma bola e a trouxe para o colégio, onde teria apresentado a nova prática esportiva aos alunos.

Porém, oficialmente, esse esporte só chegou em 1894, com Charles Miller, um paulistano filho de um inglês e de uma brasileira, nascido no bairro do Brás, que se mudou para a Inglaterra aos nove anos para estudar.

Lá conheceu essa modalidade esportiva e 10 anos depois, ao voltar, além do diploma de Banister Court School, trouxe nas malas: bolas, chuteiras,

uniformes, um livro com as regras e a sua experiência como centroavante do time inglês do Southampton e da seleção do condado de Hampshire.

Assim, Miller levou o futebol até a elite paulista, iniciando o que se transformaria no esporte mais popular do país, e até 1910, foi o melhor jogador em atividade no país. Em seguida, abandonou as chuteiras e se tornou árbitro, atividade que exerceu até 1914, quando se desligou definitivamente do esporte.

A aceitação, pelos clubes das mais diferentes comunidades, da prática por ele introduzida foi rápida. Simultaneamente, a difusão do futebol também se dava entre a classe operária. A popularidade veio devido, dentre outros, ao seu jeito simples de jogar. Basta ter jogadores, uma bola e as traves, que podem ser facilmente improvisadas. Já sua prática pode acontecer em qualquer espaço, seja na rua, na escola, no clube, no quintal de casa;

Interessante notar que, ao contrário do que aconteceu na Inglaterra, em momento algum da história, o Governo se opôs à prática do futebol, seja nos colégios, nas várzeas ou nas ruas. A modalidade era apresentada como modo de modernizar o esporte no país, uma vez que, naquele momento, os ingleses tinham um forte poder colonizador, sendo vistos como detentores de toda cultura e saber mundiais, e o fato de aceitar um esporte deles era o mesmo que abrir as portas ao progresso.

O primeiro jogo em campos brasileiros foi realizado em 14 de abril de 1895, entre imigrantes ingleses que trabalhavam em empresas, também inglesas, que atuavam em São Paulo. A partida foi Várzea do Carmo, entre “Funcionários da Companhia de gás” e “Funcionários da Companhia Ferroviária de São Paulo Railway”. O placar foi de 4 a 2 para a São Paulo Railway.

Em 1898, estudantes do Mackenzie College de São Paulo fundam o primeiro clube brasileiro de futebol, a Associação Atlética Mackenzie. Em seguida surge o São Paulo Athletic, clube de ingleses, que é o pioneiro na organização de um departamento exclusivo para o futebol. Na seqüência vem o Sport Club Internacional e o Sport Club Germânia, atualmente Esporte Clube Pinheiros.

“(…) surgem os primeiros craques: Friedereich, Neco, Amílcar... (….) Seis anos depois da primeira partida disputada em São Paulo (14 de abril de 1895), surgia a primeira Liga de Futebol formada pela Associação Atlética Mackenzie College, Sport Club Internacional, Sport Club Germania, Club Atlético Paulistano e São Paulo Athletic Club (….)” (BORGES, 2004)

Em 1901, realizam-se os primeiros jogos entre as equipes paulistas e cariocas. No ano seguinte é realizado o primeiro Campeonato Paulista, no qual o campeão foi o time do São Paulo Athletic Club.

No Rio de Janeiro, Oscar Edwin Fox, que também era filho de ingleses e havia voltado da Inglaterra depois de um longo período, realizou um processo semelhante ao de Miller em São Paulo. Posteriormente, e com caráter elitista, os dois se reúnem buscam a organização dos clubes e das partidas destes dois estados. Baseado nisso, Fox fundou o Fluminense Football Club, talvez o único clube que era de elite e que ainda tem o futebol como seu esporte principal.

Entretanto, o primeiro clube de futebol fundado no país foi o Paissandu do Rio de Janeiro. Criado em 1872 por um grupo de ingleses para a prática de cricket, tênis e atletismo, se tornou pioneiro no país ao incorporar o futebol, em 1898.

O futebol, porém, não ficou restrito apenas às duas grandes cidades do País, um ano antes da formação da Liga Paulista, em 1900, já se encontrava adeptos no interior do Estado de São Paulo, com a fundação da Associação Atlética Ponte Preta, em Campinas, e no Rio Grande do Sul, com o Sport Club Rio Grande de Porto Alegre.

Já nessa época, o futebol era apaixonante e levava multidões para as assistir às partidas, que viam nesses jogos verdadeiros acontecimentos sociais: damas da sociedade freqüentavam os campos, usando vestidos longos, sombrinhas rendadas e leques de babados. A elegância também se fazia presente dentro de campo, já que, era proibido que os jogadores usassem calções acima dos joelhos, as camisas deveriam ter colarinho e mangas compridas e os atletas deveriam usar gravata.

Mesmo assim tinha grande apelo popular, embora os resultados dos primeiros jogos internacionais não fossem tão animadores. “Em 1906 a Seleção Paulista joga sua primeira partida internacional oficial no Velódromo, em São Paulo, contra uma seleção sul-africana. Perde por 6 a 0, mas valeu a experiência.”

(OS INVENTORES DO FUTEBOL

<http://www.anzwers.org/trade/taxibrazil/taxicamfutebol.html> ).

Buscando aprimorar a técnica, os brasileiros se aproximam da Inglaterra. Em 1908, o Clube Atlético Paulistano contrata o técnico inglês John Hamilton. Em 1910, o Fluminense promove uma excursão no Rio dos ingleses do Corinthians, e vê os súditos da rainha alcançarem vitórias expressivas nos gramados brasileiros.

Mesmo com as derrotas, os brasileiros ganharam experiência e em homenagem a esse time foi fundado o Sport Club Corinthians Paulista, equipe que

hoje tem a maior torcida do Estado de São Paulo. Dois anos depois, em 1911, nascia o mais popular entre os do país, o Flamengo.

A primeira vitória de uma equipe brasileira no exterior só aconteceria em 1913, com o Americano do Rio de Janeiro, que venceu por 2 a 0 o combinado de Buenos Aires na Argentina.

Mas, é com o Paulistano que o futebol brasileiro chega à Europa, em 1925, quando, numa excursão ao velho continente, disputou dez partidas e venceu nove, o que já sinalizava certo avanço. Porém, o primeiro título em gramados estrangeiros só viria em 1948, com o Vasco conquistando o Torneio dos Campeões no Chile.

Mesmo antes disso, a preocupação com o esporte já era grande, tanto que em 1912 foi fundada a Federação Brasileira de Sports com objetivo e promover e incentivar o futebol. Em 1916, ela passou a se chamar CBD (Confederação Brasileira de Desportos), sendo reconhecida pela FIFA em 1923.

Já na década de trinta, um outro fator preocupava os jogadores: o amadorismo. Conseqüentemente, foram surgindo os primeiros atletas trabalhadores, até que em 1933, foi disputada, em Santos, a primeira partida do futebol profissional no Brasil, entre o Santos e o São Paulo.

A chegada do profissionalismo gerou um estouro de crescimento no esporte nacional, que quase duas décadas depois culminaria com a conquista do I Campeonato Pan-Americano de futebol, em 1952. Entretanto, a evolução continuou e em 1958, na Suécia, a Seleção venceu a primeira Copa do Mundo.

Quatro anos depois se sagrou bicampeã mundial, jogando no Chile, e consolidou o Brasil como o país do futebol. Tendo essa supremacia confirmada com o Santos ganhando, em 62 e 63, o bicampeonato mundial interclubes.

O terceiro título da seleção viria do México, em 70, dando ao Brasil a posse definitiva da taça Jules Rimet. O tetra foi conquistado nos Estados Unidos, em 94, e o penta na Coréia e no Japão, em 2002. Assim, de vitória em vitória, o Brasil permanece mantendo a fama de possuir o melhor futebol do mundo.

## 2.4 FUTEBOL MODERNO

Na Inglaterra, vindo da Itália, o futebol começou a avançar e transformou-se num esporte escolar. Os estudantes o praticavam de forma quase que bárbara o que gerou inúmeras tentativas de afastá-los dele, uma vez que, esse esporte era de cunho extremamente popular. “Como a repressão a esses jogos não deu muito certo, as questões tiveram que ser resolvidas de outra forma. Já que não parariam de ser praticadas a melhor maneira era de que tais jogos fossem regulamentados.” ( Lima, 2004)

O primeiro passo em direção a modernidade no futebol foi dado em 1830, com a decisão de mudar as estruturas dos colégios públicos. Um sistema de prefeitos e monitores foi criado dando grande importância à religião e aos esportes. Baseadas na rígida disciplina da época, as mudanças pregavam que os jogos deveriam ser muitos bem organizados.

Assim, havia muitas características e formas de se praticar o futebol (especialmente no que se refere à permissão ou não do uso das mãos) variando

de acordo com o estabelecimento de ensino. De 1810 a 1840 surgiram inúmeras regras com os nomes dos colégios onde o jogo era praticado: Eton, Harrow, Rugby, Shresbury, Westminster. As formas próprias de jogar de cada uma delas impediam a disputa entre equipes de colégios diferentes.

Foi na escola de Eton, que se organizou o primeiro jogo em que era permitido apenas o uso dos pés. Também não existe, ainda hoje, um registro preciso do que tenha levado a instituir onze jogadores em cada equipe, com apenas o goleiro podendo colocar as mãos na bola. Entretanto, algumas hipóteses já foram levantadas:

“(…)as turmas escolares da época eram formadas por dez rapazes, que se enfrentavam. Mas os bedéis de cada turma, nunca abriam mão do direito de entrar em cada um de seus times. Assim, dez rapazes, mais um bedel, formaram o número onze, que persiste até hoje”. (A HISTÓRIA DO FUTEBOL, [www.mundodabola.com.br/historia](http://www.mundodabola.com.br/historia))

O que se sabe é que rapidamente esse novo esporte se espalhou pela Inglaterra dominando as universidades, escolas e criando fortes rivalidades. As regras, ainda assim, eram cada vez mais diferentes chegando a se adaptarem, inclusive, às condições físicas de cada estabelecimento de ensino, como o tamanho do campo.

Como tais jogos só haviam sido regulamentados apenas nas escolas da elite inglesa, o passo seguinte era normatizar também entre as classes mais

"baixas", uma vez que, já no início do século XIX, durante a primeira Revolução Industrial, a classe operária já se divertia com essas partidas.

Estas, no entanto, eram muito violentas e faziam com que a produção dos operários caísse, devido ao cansaço e às lesões obtidas nos jogos, conseqüentemente os lucros também tiveram uma queda brusca. Assim, houve um interesse da burguesia e do Estado em instituir as regras também entre o proletariado.

Em 1846 houve uma reunião, com o objetivo de unificá-las, que elaborou o "Regulamento de Cambridge", estabelecendo um código único, que homologando as leis desse esporte e massificando-o. Com o passar do tempo, e baseadas neste regulamento, foram sendo criadas e adaptadas várias outras medidas.

Mas a organização, como conhecemos hoje, só começou a ser desenhada em 1863, a partir do surgimento da Football Association, também na Inglaterra. Nesse momento, usando o Regulamento de Cambridge, o futebol foi sistematizado, com equipes, tabelas e datas para todos os jogos, normalmente os sábados à tarde, dia de folga dos operários. Com ela, foram definidas dezessete regras, dentre as quais as medidas para o campo, o gol e a bola.

No ano de 1871 foi criada a figura do goleiro; em 1875, o tempo de 90 minutos; a definição e legalização das atribuições do juiz foram resolvidas em 1890, um ano depois, por sugestão da Federação Irlandesa, era criado o pênalti, para punir a falta dentro da área, além do travessão e da rede. Na virada do século XIX, foram definidos o tamanho da grande área e o número de jogadores mas, só em 1907, aparece o impedimento.

Já em 1855, nasce o primeiro clube de futebol do mundo, o “Sheffiel”, em 1862 aparece o Notts County, que pertencente até hoje à *Football League* e é o mais antigo clube de futebol inglês.

O primeiro jogo internacional só seria realizado dez anos depois, em 1872, num empate sem gols, entre as seleções da Inglaterra e Escócia, disputado no Queen's Park da cidade de Glasgow. Já entre os anos de 1883 e 1884 aconteceria o primeiro torneio internacional do mundo: o Campeonato Interbritânico.

Porém, a primeira excursão de um time fora da Europa só aconteceu em 1897. Uma equipe inglesa chamada Corinthians, que posteriormente mostraria seu futebol em gramados brasileiros e daria nome a um dos clubes mais populares do país, ficou uma temporada jogando na África do Sul.

Treze anos depois nasce o profissionalismo, que mesmo antes de ser institucionalizado já causava polêmicas: “(...) em 1853 o West Bromwich Albion fora expulso da Associação de Futebol da Inglaterra, por ter pago um jogador.” (A HISTÓRIA DO FUTEBOL, [www.mundodabola.com.br/historia](http://www.mundodabola.com.br/historia)).

Com a profissionalização foram aparecendo várias entidades inglesas com o intuito de organizar a prática. A primeira foi a International Board, em 1886, que tinha como princípio estabelecer e mudar as regras do futebol quando necessário. Dois anos depois, pensando em organizar torneios e campeonatos do futebol profissional, foi fundada a Football League.

Em 1904, foi criada, em Paris, e sem o apoio da Inglaterra, a FIFA (Federação Internacional de Futebol Association) que ainda hoje organiza e controla o futebol, sendo responsável pelos campeonatos e torneios de seleções

e clubes e que foi imprescindível na popularização dessa modalidade, promovendo o que hoje é um dos maiores mundiais, a Copa do mundo.

“Finalmente, em 1929 acontecia o fato mais marcante na história do futebol: a FIFA decidia realizar a primeira Copa do Mundo, disputada no Uruguai em 1930. Assim, o futebol afirmava-se como o esporte mais popular do mundo”. (OS INVENTORES DO FUTEBOL, <http://www.anzwers.org/trade/taxibrazil/taxicamfutebol.html> ).

### 3. O FUTEBOL DURANTE E DEPOIS DA GUERRA

#### 3.1 JOGOS X CONFLITOS

Em vários momentos da história mundial, o futebol ganhou destaque durante guerras, seja por seu poder de união, conseguindo amenizar ou até mesmo parar conflitos, seja por sua capacidade de adquirir simbolismo e conseqüentemente potencializar as diferenças gerando um aumento dos enfrentamentos diretos.

Esse esporte, quase sempre, é usado como forma de integração e divertimento. Porém, durante os conflitos bélicos, sejam eles internos ou externos, o lazer é esquecido e, por conseguinte, o futebol também é colocado em segundo plano. Ainda assim, sua importância pode ser sentida durante e depois desses confrontos.

As partidas realizadas em países em reconstrução, que saíram recentemente de guerras, são verdadeiros acontecimentos sociais, lotando os

estádios. Os jogos, normalmente entre equipes locais e times da ONU, dos médicos sem fronteiras, de ONGs de ajuda humanitária ou até mesmo de seleções, são capazes de parar países inteiros.

Outros confrontos, porém, durante as guerras ganham enorme destaque e simbolismo. Na Espanha, durante a ditadura de Franco, em que o país quase mergulhou em uma guerra civil, os jogos de futebol eram usados pelos torcedores do Barcelona e do Athletic Bilbao como forma de manifestar as culturas basca e catalã.

“...os dois estádios, o Camp Nou de Barcelona e o San Manés de Bilbao, serviram de refúgio aos sentimentos nacionais proibidos. Ali, catalães e bascos cantavam sem suas línguas e agitavam suas bandeiras clandestinas. E foi num estádio de futebol que pela primeira vez apareceu a bandeira basca, sem que a polícia espancasse os que a carregavam...” (GALEANO, p.127, 2002).

Mas, tem um gosto especial a volta de um país às disputas de campeonatos, o que possibilita ao povo ter, através da disputa com outros povos, a idéia de unidade, de conjunto e o que permite se afirmar como nação. Foi o que houve no Afeganistão, que durante quase duas décadas viveu em uma guerra civil, travada entre milícias e o regime ditatorial Talibã. Durante esse período, foi impedido de disputar todas competições internacionais.

Em 2002, no entanto, a população viveu momentos de euforia durante o retorno ao cenário mundial esportivo. Jogando futebol, a Seleção afegã pode competir nos Jogos Asiáticos na cidade de Busan, na Coreia do Sul. A importância desse campeonato foi tanta que o presidente da Federação Afegã de Futebol, Abdul Kohistani, disse em entrevista à revista *Football Ásia*, que o futebol era a

única coisa, que poderia ser capaz de unificar os diferentes grupos étnicos que vivem naquele país.

Nesse capítulo vamos analisar momentos da história mundial, como esse, em que, com guerras em andamento ou terminadas há pouco tempo, mas deixando países totalmente arruinados, o futebol se destacou e teve uma relevância superior a dos conflitos.

Primeiro, vamos falar da Ucrânia, que durante a Segunda Guerra Mundial sofreu com a invasão militar alemã, e da equipe do Start de Kiev, que se tornou um foco de resistência ao nazismo e viu sua extinção passar a ser vista pelos seguidores de Hitler como indispensável.

Em seguida, abordaremos a excursão do Santos de Pelé pela África. A equipe que, na Nigéria, foi capaz de parar momentaneamente a guerra civil entre os nigerianos e o estado separatista de Biafra. Durante dois dias, nenhum tiro foi dado para que uma multidão pudesse comparecer ao jogo amistoso entre os santistas e a Seleção da Nigéria e ver o maior jogador do mundo atuar.

Por último, vamos ressaltar “o jogo da paz”, realizado em agosto de 2004, entre Brasil e Haiti. A partida, vencida por 6X0 pelos brasileiros, teve um significado especial para o povo do país mais pobre da América Latina, que acabava de sair de um conflito civil e vivia uma crise econômica e social sem precedentes.

### 3.2 A EQUIPE UCRANIANA DO START

A Ucrânia, país do leste Europeu, viveu até segunda guerra mundial sob o domínio da Rússia. Da União Soviética herdou o gosto pelo futebol, tendo ele “se tornado parte da cultura da região” (DOUGAN, 2001, p. 31). Por volta da década de vinte, as equipes, que já contavam com torcedores fanáticos, foram se firmando no cenário nacional.

Mas, seus jogadores eram, em sua grande maioria, vindos de corporações como fábricas, escritórios, escolas e tinham no esporte um hobby. O Dínamo da cidade de Kiev, por exemplo, o time mais popular do país, era formado por membros do clube esportivo da polícia e do Ministério do Interior do regime comunista.

Com o passar do tempo, as rivalidades clubísticas foram aumentando e já não era possível jogar com operários, a profissionalização dos atletas tornava-se necessária, mas a fama corporativa dos times permaneceria. No Dínamo, embora não atuassem assim, os jogadores “eram nominalmente policiais e como tal, participavam comumente das reuniões comunistas e dos comícios dos partidos.

Alguns eram até mesmo registrados como membros da NKDA (polícia soviética) nos documentos oficiais do time”.( DOUGAN, p.82)

Em junho de 1941, durante a Segunda Guerra, o país foi invadido por mais de três milhões de soldados alemães, e a URSS estava prestes a perder o domínio do território. Parte da população estava satisfeita com a tutela soviética, porém, alguns grupos não concordavam com a imposição do regime comunista e acreditavam na possibilidade de um futuro promissor com o Fascismo.

Os fiéis a Rússia resistiram bravamente à invasão nazista, mesmo assim, em setembro daquele mesmo ano, Kiev já estava totalmente dominada e dentro de pouco tempo, o sonho de uma vida melhor foi se transformando em um pesadelo. Foi dissipada, brusca e brutalmente, qualquer idéia que os kievanos pudessem ter de que a vida melhoraria com a chegada dos seguidores de Hitler. Em alguns meses, o medo, a miséria e a fome já estavam instaladas.

“As pessoas se despojaram de qualquer vestígio de dignidade na busca desesperada de algo para comer. Bebia-se água que havia sido usada para lavar os pratos alemães, na esperança de encontrar algum sustento nas sobras que ela poderia conter. Outros faziam sopa de grama ou de casca de árvores, ou até mesmo mastigavam, diretamente as cascas arrancadas de carvalhos e bétulas.” (DOUGAN, p.104).

Os jogadores do Dínamo, que por sua ligação com a polícia soviética eram considerados fiéis a União Soviética, teriam duas opções: assinar um termo de fidelidade a Hitler e receber a possibilidade de trabalhar para o governo alemão em rotinas extenuantes de trabalho, sem descanso, comendo pouco e não ganhando praticamente nada, ou ir para um campo de concentração, onde provavelmente morreriam de fome, doentes, ou simplesmente seriam executados.

Todos optaram por assinar o termo e foi isso que, posteriormente, os levou a trabalhar na Padaria nº 1, cujo responsável era um checo, com falsa descendência alemã, chamado Josef Kordik. Como fanático por esportes que era, procurava ter como seus operários os grandes atletas do país. Entre os jogadores de futebol, o primeiro a chegar foi o ex-goleiro do Dínamo, Kolya Trusevic, considerado o melhor do país e conhecido por capacidade de liderança.

Com a ajuda de Trusevic, foram chegando grandes nomes do futebol ucraniano da época. Zagueiros, meias, alas e atacantes, quase todos antigos colegas do Dínamo, foram lotando o pátio da padaria até que uma equipe completa pudesse ser formada. “Kordik (...) tinha (...) convicção de que os operários se beneficiariam se houvesse algo em suas vidas além, do trabalho, algo que pudesse afastar de suas mentes sua existência massacrante. O que eles precisavam, Kordik acreditava, era de um time de futebol”. (DOUGAN, p.100).

Assim também pensaram os alemães e uma quantia altíssima foi destinada à conclusão de um estádio que estava sendo construído no momento da invasão. A idéia era usar os eventos esportivos como forma de deixar a população local mais dócil, uma vez que, uma resistência vinha se fortalecendo naquele momento.

Um time nacional chamado Rukh seria criado para jogar contra uma equipe de alemães. Os jogadores que trabalhavam na padaria foram convidados para integrar o grupo, mas se negaram pelo fato desta equipe ser vista como uma tentativa de conseguir adeptos ao nazismo, através da falsa idéia de liberdade que seria dada com a possibilidade de torcer.

Vendo isso, Kordik acabou convencendo os alemães que seria bom para Kiev que equipe da Padaria treinasse. Ansiosos pela paz os nazistas permitiram, num primeiro momento apenas os treinamentos, mas dos treinos aos jogos o caminho foi rápido. Bastou a reabertura do campeonato oficial de futebol para que a presença do time de Kordik fosse confirmada. Precisava-se, no entanto, de um nome e o escolhido foi Start, que significa em ucraniano, recomeço. A primeira partida seria contra o Rukh e a expectativa era grande.

“(…) cartazes em alemão e em ucraniano foram afixados nas ruas pela cidade inteira, anunciando o jogo. Esperava-se que chamassem a atenção, uma vez que era a maior distração da guerra oferecida à população em meses. (...) O time da padaria, contudo, não havia tomado levemente a decisão de jogar.” (DOUGAN p.121).

Ao entrar em campo, a torcida se surpreendeu, pois ao invés do azul e branco do Dínamo, o Start usava camisas vermelhas, numa clara alusão ao comunismo. A disputa não seria fácil, já que, os adversários comiam bem, descansavam e estavam melhor fisicamente, entretanto, a motivação levou o time da padaria a uma goleada de 7X2.

Nesse momento, os integrantes do Rukh convenceram os nazistas que o Start, por ser formado por ex-comunistas e prisioneiros de guerra, não merecia jogar no Estádio Ucraniano, recém reformado e com maior capacidade. A equipe passou a atuar, então, no pequeno Zenit. Mesmo assim a motivação era constante, já que “não importava o quão mal conservada estivesse a grama, aquele campo sujo ainda era a pátria mãe para os jogadores do Start, que lutariam por ele e o defenderiam (...) heroicamente.” (DOUGAN, p.127)

Logo na estréia no novo estádio, uma goleada, venceram a equipe da guarnição húngara por 6X2, e, em seguida, a romena por 11X0. Os bons resultados chamavam a torcida, o público presente não parava de crescer e “cada vitória da equipe levantava o ânimo população (...) o time fez uma genuína diferença na vida dos habitantes comuns de Kiev” (DOUGAN, p.125).

Até então, os seguidores de Hitler viam com bons olhos o Start. Mas as preocupações começaram depois da partida contra o time do PGS, formado por membros de uma unidade militar alemã, que foi vencida pelos ucranianos por 6X0.

“... o Start se tornava cada mais problemático para os alemães. (...) Uma população, que se não totalmente acorvadada, estava se tornando submissa, encontrava no F.C. Start um motivo de união.” (DOUGAN, p.128). E jogo a jogo, adversários mais fortes iam sendo encontrados, mas a equipe, jogando como se lutasse em campo, vencia uma disputa atrás da outra.

Até então, a política de não intervenção nos esportes adotada pelos nazistas estava sendo mantida. Entretanto, o ânimo criado entre os kievanos pelas vitórias do Start começava a incomodar os alemães e alguma providência deveria ser tomada.

“O incontestável potencial do Start como ponto de união dos kievanos precisava ser abafado imediata e definitivamente. A solução mais simples – mandar os jogadores para a prisão ou fuzilá-los – só criaria mártires para os ucranianos, o que era menos desejável. O Start não podia ficar com qualquer vestígio de grandeza mística. Ele teria que ser destruído dentro do campo de futebol,

diante de seus próprios torcedores, e seus destruidores necessariamente teriam que ser os alemães.” (DOUGAN, p.133).

Um jogo foi marcado contra o Falked, equipe da guarda de Hitler que sustentava a fama de ter um futebol invencível. Porém, o resultado negou as expectativas dos invasores, e os ucranianos venceram por 5X1. Então uma revanche foi marcada e a intenção dos seguidores de Hitler era uma só: a vitória, não importando o modo que ela viesse. Vencer era impreterível, pois o que estava em cheque era a superioridade ariana.

Começava, então uma guerra de nervos, pois “os alemães estavam determinados a vencer a partida” (DOUGAN, p.138). Mas a torcida iria apoiar o time da padaria, e, embora o preço do ingresso fosse o equivalente à metade do salário mensal, lotaria o estádio para assistir aquele que ficaria lembrando como “o jogo da morte”.

No momento da partida, o clima não era de festa, não se ouviam gritos, nem havia bandeiras, já que todos os oficiais do exército invasor estavam presentes. Embora desejasse mais uma vitória, a população sabia claramente que isso poderia significar mais violência e repressão. Porém, o drama não era só dos torcedores, nos vestiários, os jogadores foram ordenados para gritar, ao entrar em campo, a saudação nazista “Heil Hitler”.

Entretanto, já no gramado, instantes antes da bolar rolar, os jogadores alemães fizeram a saudaram a Hitler e, quando todos esperavam o mesmo dos atletas do Start, veio o grito “fizculthura”. Um cumprimento que os soviéticos usavam antes de qualquer competição e que ao pé da letra significa “vida longa ao esporte”. Logo, ficou claro, que os ucranianos da padaria se negavam a aceitar o

nazismo e que aquela não era uma simples partida, tendo o seu resultado um significado muito maior.

Com o jogo em andamento, outra preocupação surgira: o árbitro, que era um oficial alemão e claramente beneficiava os nazistas nas marcações. Ainda assim, o Start saiu na frente, vencendo o primeiro tempo por 3X1. Já no intervalo, a equipe teve outra surpresa:

“O juiz (...) comentou, muito à vontade, que o Start tinha jogado muito bem no primeiro tempo e que os alemães estavam impressionados com sua perícia e espírito esportivo. Entretanto, assinalou, deviam compreender que o time não podia esperar vitória. Os jogadores deviam parar por alguns instantes para avaliar as conseqüências antes de voltarem para campo.” (DOUGAN, p.152)

A equipe avaliou, mas não se sentiu intimidada e golpeou o orgulho da Alemanha vencendo por 5X3. Enquanto a torcida gritava, os jogadores kievanos, ao contrário, saíam de campo calados e de cabeça baixa. Estavam certos que uma resposta alemã não demoraria a vir e que algum tipo de punição seria imposta pois “cada dia que aqueles homens andassem na rua era considerada uma vitória comunista” (DOUGAN, p. 156).

E a resposta dos invasores veio: os escalados na última partida foram sendo detidos um a um e levados para interrogatório. O intuito dos alemães era que admitissem que eram ladrões ou sabotadores, o que os levaria automaticamente para o fuzilamento. Porém, os atletas, mais uma vez, se mostraram guerreiros e não confessaram nada.

O time todo foi conduzido para o campo de concentração de Siretz, onde o melhor que poderiam desejar era a morte. Lá, os prisioneiros viviam em barracas, dormiam em beliches tão estreitas que mal cabiam um homem, a água, sem tratamento, era trazida do rio manualmente, não havia sistema sanitário e o mau cheiro das latrinas era insuportável, a comida se limitava a cento e cinqüenta ou duzentas gramas de pão por dia e a fome era principal causa dos óbitos.

O trabalho era árduo e ininterrupto, começava às quatro da manhã e nunca terminava antes das seis da tarde. A pressão psicológica, os espancamentos e as humilhações eram constantes, além do que, qualquer infração às regras era punida com a morte. Quem fosse pego comendo uma fruta ou até mesmo uma folha na floresta onde trabalhavam era espancado e abandonado lá, sem proteção em temperaturas próximas de 0°C.

Já em 1942 a soberania dos alemães na Ucrânia começa a cair. O Exército Vermelho avançava cada vez mais forte. Sentindo a ameaça, os seguidores de Hitler ficaram mais violentos no tratamento com os prisioneiros e começaram a buscar novas torturas e formas de matar, muitos cativos chegaram a ser queimados vivos. Nesse quadro a sobrevivência dos jogadores do Start era cada vez mais difícil e quatro deles foram executados no Campo de Siretz.

Em 1943, Kiev já estava mais uma vez sob domínio russo e as notícias sobre o Start já haviam se espalhado por todo o território ucraniano. Os atletas sobreviventes foram transformados em lendas vivas e saudados como heróis nacionais em todo o território ucraniano.

“Os jogadores do Dínamo acabaram exaltados como indivíduos. O mito os tornou heróis e o estado cumulou-os de honrarias e prêmios. Eles foram louvados como super-estrelas do esporte aonde quer que fossem(...) Em 1971 um monumento (...) foi erguido em homenagem aos jogadores na entrada do estádio do Dínamo.”(DOUGAN, p.190,191).

### 3.3 BIAFRA X NIGÉRIA

A partir de 1946, o governo britânico, que colonizava várias regiões africanas, começa a conceder gradativamente autonomia à Nigéria, até que em outubro de 1960 é declarada a sua independência. Porém, nesse momento, a antiga colônia era formada por duzentas e cinqüenta etnias diferentes. Algumas delas com enormes dificuldades de conviverem entre si.

Era o caso das tribos Ibos e Hauçá, que com fim do domínio inglês reacendem suas rivalidades e começam a travar uma forte luta pelo poder e por espaço no território, culminando, em 66, com a morte do general Johnson Aguiyi-Ironsi, líder dos Ibos, que é assassinado por militares hauças.

Em seguida, milhares de civis Ibos são massacrados no norte do país, onde constituem minoria, os sobreviventes, então, começam a fugir para Biafra (atual região dos Congos), território no sudeste da Nigéria formado em sua maioria por Ibos. A população da região, além disso, não aceita a legitimidade do governo nigeriano, chefiado pelo general Yakubu Gowon.

Em 1967, Gowon divide a Nigéria em 12 estados, nesse momento os ibos do leste rejeitam essa divisão por divergências culturais e tentam se separar da Nigéria e formar um país independente. Baseado nisso, decidem tomar o poder, extinguem a federação, centralizando o governo e matam o primeiro-ministro Akubar Tafawa Balewa e outros dirigentes, todos da etnia hauçá.

Em seguida, estabelecem a criação de um estado independente e o tenente-coronel Odumegwu Ojukwu proclama a República de Biafra, com o novo estado sendo dirigido por ele mesmo. O governo da Nigéria reage de imediato e leva o país a mergulhar numa sangrenta guerra civil, iniciada em janeiro de 1966.

Com isso, a região de Biafra é invadida pelas tropas nigerianas, e começa a sofrer com os embargos, bombardeios e bloqueios que lhe foram impostos. No entanto, dois anos depois, o seu governo é reconhecido pelo Gabão e pela Costa do Marfim. Mas, ainda em 68, o exército nigeriano consegue tomar duas importantes cidades, Aba e Owerri, deixando os biafrenses com o controle de apenas uma, a sede do governo, Umuahia.

Em janeiro de 69, as forças governamentais da Nigéria lançam uma ofensiva contra Biafra. Dois meses depois, em março, vem a contra-ofensiva dos biafrenses, que cercam Owerri. Porém, em abril desse mesmo ano, as tropas nigerianas voltam ainda mais fortes e tomam a cidade de Umuahia e o líder separatista Odumegwu Ojukwu foge. Então, Biafra se rende e é reincorporada à Nigéria.

A disputa que se estendeu durante 32 meses, terminou em 15 de janeiro de 1970. Durante esse tempo, a região tornou-se palco de uma verdadeira carnificina e o conflito ficou marcado pela violência usada pelos nigerianos. Além disso, deixou como saldo, entre um e dois milhões de civis mortos, quase todos ibos, vítimas da fome ou dos confrontos.

Nesse período, só um evento foi capaz de criar uma trégua temporária na região. Em janeiro de 1969, um cessar-fogo de dois dias aconteceu para a realização de uma partida amistosa, que ficou empatada em 2 a 2, entre o time de futebol do Santos, que na época era campeão paulista, sul-americano e mundial, e a seleção da Nigéria.

No dia do jogo, uma multidão lotou o estádio com um objetivo claro: ver Pelé, o camisa 10 santista e a maior estrela da equipe e do futebol mundial. O atacante, que naquele momento tinha vinte e oito anos, havia ganhado fama em todo o mundo depois de ser campeão mundial duas vezes com a seleção brasileira.

Sua popularidade e seu talento com a bola foram capazes de cessar, mesmo que momentaneamente uma das guerras mais violentas de que se tem história. Menos de um ano depois ele encantaria os torcedores com seus dribles e gols na conquista do tricampeonato mundial na Copa de 70 e ficaria para sempre marcado como o melhor jogador o mundo.

### 3.4 BRASIL X HAITI: O JOGO DA PAZ

O Haiti é o país mais pobre da América Latina e, em fevereiro de 2004, viveu momentos tensos, quando o presidente Jean Bertrand Aristide abandonou o cargo e partiu para o exílio. O país ficou mergulhado num caos econômico e social e viu o aparecimento de uma forte milícia dissidente e o início do que seria uma violenta guerra civil pela conquista do poder.

A destruição e a insegurança no país eram tamanhas, até que, no mês de junho, uma força das Nações Unidas, com a participação de mil e duzentos soldados brasileiros, assumiu o controle das operações de paz iniciadas pelos EUA. Para ajudar nesse processo de paz, foi marcado um acontecimento social, no dia 18 de agosto de 2004, que injetaria novo ânimo à população.

Um jogo amistoso entre a Seleção local e a brasileira levaria uma constelação de astros do futebol e pararia o país para ver o desfile de jogadores como Ronaldo, Ronaldinho, Roberto Carlos. A pedido do presidente Luiz Inácio

Lula da Silva, o Brasil enfrentaria a equipe haitiana no "jogo da paz" para ajudar a força pacificadora que o governo brasileiro havia enviado aquele país.

Usando o futebol e a grande paixão que ele desperta nos haitianos, Lula contou com a participação da seleção brasileira para realizar um plano que visava estabelecer um relacionamento de cooperação com Haiti. O esporte seria usado como um meio de abrir caminhos através da conquista da simpatia da população e conseqüentemente do governo.

A empolgação dos haitianos era tanta que muitos dos rebeldes, opositores ortodoxos do governo, estavam dispostos a trocar armas por ingressos. Porém, as autoridades locais decidiram não colocar a idéia em prática por temer estar premiando a milícia com tal iniciativa.

Também por questões de segurança, a Seleção não se hospedou em território haitiano, ficando na cidade de Santo Domingo, na República Dominicana, país vizinho ao Haiti e, no dia da partida, os brasileiros foram para capital haitiana Porto Príncipe, minutos antes do jogo. O percurso até o estádio Sylvio Cator foi feito em tanques de guerra e com a proteção de soldados armados.

Os moradores, porém, não se intimidaram pela forte guarda que envolvia os astros do Brasil e lotaram as ruas por onde a Seleção passaria até chegar ao estádio. Deixavam, nesse percurso, estampada a satisfação que sentiam com a presença dos pentacampeões.

A preocupação com resultado do jogo praticamente não existia. O técnico dos donos da casa, Carlos Mocelin, durante entrevista coletiva, reconheceu que

todos esperavam a derrota de sua equipe, inclusive ele, e que seria muito complicado conseguir até um empate, além do que não era vergonha perder para o Brasil pois Itália, Alemanha e Argentina já haviam sido derrotadas.

Mocelin ressaltou ainda que mais importante que o placar do jogo era a festa que os torcedores iriam fazer com a Seleção brasileira, o que iria marcar o Haiti, chamando a atenção do mundo para as necessidades urgentes daquele país.

Dentro de campo, o Brasil deu show e não teve problemas para derrotar os haitianos. A vitória por 6 a 0, sem grande esforço por parte dos jogadores, refletiu as diferenças entre as duas seleções. Mesmo assim, os torcedores comemoraram o resultado gritando, aplaudindo e comemorando cada gol brasileiro como se fosse um legítimo gol do Haiti. Afinal, mais importante que o placar da partida era a presença das estrelas brasileiras e quebra na rotina de pós-guerra que o jogo traria.

## 4. A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DO FUTEBOL

### 4.1 A MIMESE A GUERRA

“... o futebol é um teatro de guerra: territórios são invadidos ou defendidos (...) os jogadores são incitados com gritos uníssonos (...), agitam-se bandeiras, cantam-se hinos nacionais e os treinadores são aclamados entusiasticamente como brilhantes estrategistas. Um dos prazeres do futebol internacional é a oportunidade de dar livre curso à vingança contra velhos inimigos (*ganhar dos argentinos ...*). E, para quem cresceu em tempos de paz, o futebol é a experiência mais próxima da belicosidade coletiva que podem ter (...) não esqueça sua camisa, nossa farda, vista-a” (FILHO, [www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/020917\\_afeganistaoir.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/020917_afeganistaoir.shtml)).

Uma partida vista do ponto de vista simbólico, é muito semelhante a uma batalha, já os campeonatos são claramente guerras simuladas, miméticas. Os atletas, assim como os soldados, são “escalados” para atuar e defender a honra de seu país até as últimas conseqüências, ou pelo menos é isso que o torcedor espera que façam. Cada equipe tem seu hino, seus gritos de guerra entoados pela torcida, sua bandeira, seu uniforme.

Algumas associações com violência e conflitos também dão conta desse significado. As alcunhas populares de duas das mais tradicionais equipes europeias são um exemplo. Na Espanha, os jogadores, que vestem o vermelho da seleção, compõem a “Fúria Espanhola”, já na Itália, o selecionado de azul é chamado “Esquadra Azzurra”.

Além disso, o simbolismo aplicado em cima das equipes e dos atletas, faz com que o desempenho seja “encarado pela população como um atributo moral coletivo” (AGUIAR). Com isso, os jogadores não escapavam da comparação com protetores da pátria e a responsabilidade de vencer é colocada toda em cima deles.

“Quando nossos craques entravam em campo para um encontro internacional, alguém se levantava no vestiário para fazer um discurso moral e cívico aos nossos bravos defensores da pátria amada, idolatrada, salve salve, olhando em posição de sentido para a bandeira nacional pendurada na parede. Parecia que estava diante de um batalhão de heróis, na frente de combate, levantando o espírito de cada um para evitar a invasão do nosso território, naquele instante ameaçado de queda iminente. O jogo virava uma carnificina. Cada jogador era um destemido soldado de chuteiras nos pés para defender a soberania nacional” (ROVERI, <http://www.berro.com.br/Html/RibeiraoPreto/RibeiraoPreto2.html>).

Nesse momento a participação da mídia é fundamental difundindo maciçamente o ufanismo entre os receptores - torcedores. Uma vez que “nunca como agora as telas brasileiras associaram o selecionado de futebol com a própria Nação, ‘confundindo’, deliberadamente, a torcida pelo sucesso do time em

campos europeus com o patriotismo e o orgulho de ser brasileiro”. (A PÁTRIA DE ANTENAS, <http://www.ceas.com.br/cadernos/cc178ed.htm>)

Desse modo, quando se entra em campo, não se joga com outro time e sim contra um inimigo que ameaça a soberania e a integridade nacional, o que acaba por super valorizar os resultados.

“A emoção do futebol, suas alegrias e tristezas, vêm do fato de que futebol é guerra (...) Daí a importância das bandeiras e dos hinos nacionais. Quem está em campo é um país em guerra contra um inimigo. A seleção são seus melhores heróis guerreiros, como na guerra de Tróia. O campeão é o vencedor da guerra. Os outros são os vencidos (...) O vice-campeão é também um vencido.” (A PÁTRIA DE ANTENAS, <http://www.ceas.com.br/cadernos/cc178ed.htm>).

Talvez por isso seja tão difícil assistir um jogo sem torcer, fato esse que apenas poucos torcedores e até jornalistas conseguem possuir. Já que os torcedores, em sua maioria esmagadora não vêm os jogos para formular juízos imparciais e sim para vivenciá-los.

Nesse contexto, o gol adquire um valor diferenciado, significando uma confirmação de força, de superioridade, enquanto que, cada gol que se leva é mostra impotência, desse modo, tomar um gol pode significar uma morte moral. Como nenhuma nação quer ter a imagem de impotente, há uma busca desesperada pela vitória, incentivada pela imprensa, que, leva em alguns casos a situações de violência.

“...o fair play sofre uma forte influência da mídia. Comportamentos antidesportivos de jogadores famosos são imitados por outros atletas, na maioria jovens e adolescentes, que ‘se inspiram’ em seus ídolos (...) a responsabilidade pelo espírito esportivo envolve não apenas atletas, árbitros ou dirigentes, mas também as torcidas e os meios de comunicação (...) A mídia

tem construído uma rivalidade agressiva.” (LIMA, <http://www.ufpe.br/ascom/cconline/025/pesq001.html>).

Porém compreender a violência como algo que vem unicamente de fora e entra nos gramados é, de certo modo, complicado, já que ela está presente desde as origens desse esporte. Há a idéia de que o futebol, desse modo, conseguiria purgar a violência através da reprodução simbólica da guerra, se tornando uma válvula de escape para os conflitos contraditões sociais .

A maior representante dessa simbologia seria a Copa do Mundo, que pode ser considerada uma guerra estilizada entre muitos países. Uma vez que, se trata do mais importante evento esportivo do mundo, ganhando financeiramente, inclusive, das Olimpíadas que envolvem mais modalidades e teoricamente deveriam gerar mais movimentações econômicas.

Assim como futebol, a Copa foi uma invenção dos ingleses, e já no seu início mexia com a vaidade das nações, tanto que os súditos da rainha se recusaram a participar dos primeiros Mundiais por se julgarem superiores e não aceitarem disputar com seleções de menor nível técnico.

## 4.2 POLÍTICA E FUTEBOL

O futebol é muitas vezes o mais importante fato social de uma comunidade. Sua relevância indiscutível guarda forte semelhança com a de uma guerra, sendo que os sentimentos evocados por ambas são praticamente iguais, como, por exemplo, a relação de poder e vaidade.

“O escritor e técnico de futebol inglês Peter Shankly, por exemplo, afirmou que ‘futebol não é uma questão de vida ou morte: é mais do que isso’, enquanto George Orwell constatou que ‘o futebol é uma mímica da guerra’ (tendo feito essa constatação na guerra). Joseph Goebbels, marqueteiro e assassino, descobriu - e confessou - que, para fazer o povo esquecer a fome ou os seus mortos na guerra, uma vitória no futebol podia ser melhor do que a tomada e destruição de uma cidade inimiga” (DIENSTAMANN,

<http://proex.reitoria.unesp.br/edicao05fev2002/materias/futebol.htm>).

O caso do Brasil não é diferente, aqui, ele “não é apenas o ópio do povo: é também o feijão e o arroz, o aluguel, luz e água” (DIENSTAMANN, <http://proex.reitoria.unesp.br/edicao05fev2002/materias/futebol.htm>), e “assim como o carnaval e o samba, o futebol é um dos patrimônios culturais brasileiros” (RIBEIRO, <http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>). Hoje, leva milhões de pessoas, no mundo todo, a grudarem seus olhos em de telas de TV, ou do computador para acompanhar as partidas .

O futebol então passa a criar, interferir e influenciar na realidade. Em determinados casos, o horário de trabalho é cancelado por causa de um jogo, os ônibus param de circular, a rotina é modificada. Mudam também aspectos comportamentais, os temas das conversas, dos programas de TV, dos jornais, sendo todos centrados no universo dos jogos.

Sua capacidade de mobilizar pessoas, principalmente durante as Copas do Mundo, não encontra parâmetros em nenhum outro momento da sociedade brasileira, seja ele político, social, financeiro e até mesmo esportivo. Só uma partida é capaz de parar o país inteiro. Além disso, provoca uma super exposição midiática dos eventos que acontecem antes, durante e depois dela. Essa exibição, entretanto, não é notada só nos dias de hoje, sua presença já era marcante há muito tempo atrás.

“Na final da Copa de 50, perdida para o Uruguai, por 2x1. A euforia do país e, principalmente, da cidade do Rio de Janeiro, na semana que antecedeu o jogo, a exploração política da decisão do campeonato, não tendo sido dado o direito de descanso aos jogadores da seleção, a todo momento incomodados por prefeitos, governadores e seus discursos demagógicos,

a multidão presente (calculada em duzentas mil pessoas) e o silêncio pungente de toda a nação” (OLIVEIRA, <http://www.verbo21.com.br/arquivo/34ltx3.htm>).

Antes da disputa, o povo estava unido, gritava, sorria e acreditava fielmente que o Brasil era um vencedor. Porém, depois da derrota, o país ficou de luto, foi como se a dignidade nacional houvesse sido derrotada pelos inimigos uruguaios. Essa presença do nacionalismo através do esporte ganha mais destaque no fim do século XIX, quando se tornou comum a valorização de elementos ligados ao patriotismo e à ordem devido a uma linha doutrinária que de atividade física alemã.

Linha essa que se fez presente no Brasil nos anos 40, durante o Governo de Getúlio Vargas, sendo marcante a preocupação com a área esportiva que fez com que o Estado assumisse o seu controle desse setor, criando e unificando leis em todo o território nacional, sendo que algumas dessas regras que vigoram até hoje.

Notando essa força de união que esse esporte possui, não só Getúlio, mas diversos governos se aproveitaram dos sucessos das seleções ou dos times para fazerem propaganda política e “os resultados de seus atletas em competições eram como uma espécie de ‘cartão de visita’ de seus sistemas políticos” (LUNA, [http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/chave.asp?cod\\_chave=1990&letra=c](http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/chave.asp?cod_chave=1990&letra=c))

No caso das equipes brasileiras, as vitórias na Copa de 1958, foram rapidamente associadas com os anos JK e deram ao presidente a alcunha de “pé quente”. Associação essa que também aconteceu durante a Ditadura Militar, na década de 70: “Médici, que aparecia nos estádios com um radinho de pilha no ouvido, conseguiu impor a convocação do atacante Dario Peito-de-Aço. E o Brasil

foi tri, em 70, sem o João, e com Médici tirando foto com o time no Palácio do Planalto”(DIENSTAMANN,<http://proex.reitoria.unesp.br/edicao05fev2002/materias/futebol.htm>).

Lembrando que João Saldanha seria o técnico a dirigir o Brasil, no entanto Médici quis estabelecer a convocação de Dadá Maravilha. Com isso, o então treinador afirmou que não interferia na escalação dos Ministérios e que não queria intervenções em sua equipe, no entanto, momentos antes da Copa de 70, foi obrigado a deixar a seleção e substituído por Zagalo.

A afirmação da identidade brasileira nesse período foi marcante, e se deu devido sermos todos brasileiros, ou seja, membros de mesma torcida. Afinal não éramos só o Brasil, éramos o país do futebol. Em seguida, a idéia de um estado moderno e reconhecido como potência mundial foi construída e fortalecida no imaginário popular. Pipocavam slogans como "ninguém segura esse país", "todos juntos, vamos pra frente Brasil", "esse é o país do futuro".

Percebeu-se então que os resultados dentro de campo eram extremamente relevantes, e as partidas foram ficando cada vez mais embutidas de simbolismo. Perder um jogo tinha o mesmo significado de ser derrotado em uma batalha. Assim como a vitória poderia sinalizar para a população que este era um país vitorioso. Com base nisso, os ditadores começaram a se preocupar com preparação dos esportistas e com as conquistas de títulos.

Nessa ocasião, inclusive foi criada a Assessoria Especial de Relações Públicas, a AERP, cuja finalidade específica consistia, com o apoio da mídia, em trabalhar o ufanismo dos brasileiros e mudar a imagem do governo através do futebol.

“A julgar-se pela cobertura da imprensa escrita da época, obteve êxito: para um governo repressor, não parece pouca coisa reunir na Praça dos Três Poderes, em Brasília, quase 100.000 pessoas (a maior reunião pública desde a inauguração da cidade) para saudar os jogadores, devidamente ladeados por Médici e seus ministros. Todavia, mais significativo que tais ajuntamentos populacionais (500.000 pessoas em São Paulo, 1.500.000 no Rio de Janeiro), de resto pontuais, tal esforço propagandístico conseguiu associar as vitórias do ‘escrete canarinho’ com a pátria brasileira e, por simplificação, com o governo oficial. Tornamo-nos, então, 90 milhões em ação, uma verdadeira Pátria de Chuteiras, diante da qual não havia a possibilidade da crítica, restando apenas duas alternativas: ‘amá-la ou deixá-la’ “. (A PÁTRIA DE ANTENAS, <http://www.ceas.com.br/cadernos/cc178ed.htm>)

Porém era necessário que a seleção continuasse vencendo e conquistando títulos e com esse intuito outras providências foram tomadas.

“Para (...) tentar conquistar a Copa da Argentina - os militares colocaram no comando da Seleção Brasileiro uma verdadeira tropa de militares. No comando estava o Almirante Heleno Nunes, presidente da CBD e da Arena - partido político criado pelo regime militar - do Estado do Rio. No comando técnico, o Capitão da reserva, Cláudio Coutinho. O tesoureiro era o Tenente-coronel Cavalheiro. (RIBEIRO, <http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>).

Para alcançar esses objetivos eram traçadas verdadeiras táticas de guerra. O ex-militar e técnico da seleção na época, Cláudio Coutinho, ao falar com a imprensa, se pronunciava como um legítimo comandante e buscava dar aos jogadores a disciplina dispensada às tropas responsáveis por defender a honra e o território brasileiro: “usamos táticas que aprendemos no Exército, pois entre comandar um time de futebol, um pelotão ou um regimento existem muitas

semelhanças quanto a organização, disciplina, entendimento e cooperação” (RIBEIRO, <http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>).

Porém, é um grande engano pensar que o uso do esporte como propaganda política era um privilégio do nosso país. A equipe italiana que ganhou os mundiais de 34 e 38, entrava em campo defendendo o país e a ditadura de Mussolini. Os atletas, antes do início das partidas davam vivas à Itália e saudavam o ditador.

Na Espanha, o time escolhido foi o do Real Madrid, que, entre 1956 e 1960, ganhou quatro campeonatos da Liga Espanhola, cinco Copas da Europa e uma Copa Intercontinental. Nesse período, a equipe corria o mundo para divulgar e dar suporte à ditadura implantada por Franco, porém, sempre com o apoio da imprensa.

“Os gols que rádio transmitia eram toques de clarim triunfais mais eficazes que o hino Cara ao Sol. Em 1959, um dos chefes do regime, José Solís, pronunciou um discurso de gratidão diante dos jogadores, ‘porque gente que antes nos odiava, agora nos compreende graças a vocês’ “ (GALEANO, p.42, 2002).

Recentemente, os franceses viveram momentos parecidos. Na Copa de 98, o presidente Jacques Chirac travestiu-se de "torcedor número um" dos azuis, e comemorou o título inédito de campeão mundial de futebol em pleno 14 de Julho, dia nacional do país, junto a meio milhão de franceses, na maior concentração pública de Paris desde a expulsão dos alemães, na Segunda Guerra Mundial.

Existe, ainda, a idéia que o futebol seria usado como meio de acalmar, apaziguar as massas. O que dá a entender que as massas viveriam a ponto de

explodir e se rebelar contra a elite e, o futebol, através de um mecanismo de projeção e catarse, poderia acalmar essa fúria.

“...seria uma espécie de ópio que anestesiaria os torcedores, desviando-os das mazelas cotidianas e de uma conscientização política da realidade. O futebol produziria, assim, uma "despolitização" das massas, fazendo parte do aparato simbólico de dominação das "classes dominantes".

(PERRUSI,

[http://geocities.yahoo.com.br/adeusanosnoventa/esporte\\_patriotismo.htm](http://geocities.yahoo.com.br/adeusanosnoventa/esporte_patriotismo.htm)).

O futebol seria uma instituição usada para sublimar a violência intrínseca na sociedade, a catarse por ele oferecida purgaria seu potencial caráter violento, possuindo, assim uma função terapêutica, pois a impetuosidade do indivíduo seria aliviada e tratada. Quanto a essa posição, várias críticas podem ser listadas, uma vez que ela pressupõe a insistência de senso crítico no torcedor.

“... isso quer dizer que o ‘popular’ é um débil mental que vai ao estádio e ‘esquece’ que é miserável, que há pobres e ricos, sacanagens, dominação, repressão, exploração nesse mundo? (...) Evidentemente, há imbecis no povo, tanto quanto há na pequena ou grande ‘burguesia’; afinal, a imbecilidade não é um monopólio de classe. Em suma, geralmente o ócio e o lazer distraem-me o suficiente para esquecer-me *momentaneamente* das mazelas do cotidiano e da dura realidade brasileira. No fundo, não é propriamente um esquecimento, e sim uma mudança de foco e de atenção”

(PERRUCI,

[http://geocities.yahoo.com.br/adeusanosnoventa/esporte\\_patriotismo.htm](http://geocities.yahoo.com.br/adeusanosnoventa/esporte_patriotismo.htm)).

### 4.3 ESPETÁCULO

A atenção despertada pelo futebol se faz muito com base na idéia de vida e morte, de vitória e derrota, possibilitando aos participantes e espectadores provarem da alegria e da tristeza em uma mesma partida.

“Um jogo raramente possui um desenvolvimento linear, tendendo a oscilações significativas (...) Ao contrário do teatro, em que os atores *ensaiam* exaustivamente o roteiro para apresentá-lo o mais fiel possível, no esporte os atletas *treinam* para, a partir do domínio de certas técnicas elementares – chamadas de fundamentos –, improvisar durante o espetáculo, daí porque cada jogo é um jogo, dizem os torcedores. Enquanto Hamlet já foi não apenas reconstituído, mas adaptado segundo diferentes versões dos diretores, ainda não surgiu nenhuma adaptação da final da Copa de 50” (DAMO, [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011)),

E é essa ambigüidade que é uma das maiores responsáveis pelo interesse dispensado a esse esporte. Sua existência se dá em decorrência da imprevisibilidade e da expectativa geradas em relação ao seu desfecho, o que acaba por manter em tensão os envolvidos na partida. Devido a isso, e ao seu apelo econômico, o futebol ganha uma dimensão muito maior que a lúdica, sendo transformado em um espetáculo de entretenimento.

“As disputas deixaram de ser apenas eventos esportivos; viraram superproduções com aparato de megashows. Já os atletas consagrados atingiram a condição de ídolos mundiais cujas imagens são disputas a peso de ouro pelos patrocinadores”

(LUNA,

[http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto\\_link.asp?cod\\_link=1292&cod\\_chave=1990&letra=c](http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=1292&cod_chave=1990&letra=c)).

Podemos notar isso claramente na nossa seleção, na qual muitas vezes, verificamos a perda de sentido na realização de certas partidas, uma vez que, inúmeras vezes o Brasil disputa jogos que não tem a menor valor na busca de títulos e nem mesmo na preparação para disputas. O objetivo único é a exibição do futebol e de seus astros e, para isso, a CBF é muito bem paga.

Ainda assim, o jogo ganha contornos diferenciados, sendo vivenciado como um momento fora da realidade, um modo muito particular de sociabilidade, se caracterizando pela posse de atmosfera e espaço únicos, em que normalmente são permitidas várias ações interditas no dia a dia. No entanto, sua duração não deve ultrapassar o tempo de jogo e as proximidades do estádio.

“Findo o ritual (...) os torcedores seguem o curso normal da vida. Visto sob esta perspectiva, o jogo mais parece uma fissura no tempo e, no caso dos que vão ao estádio, no

espaço. Apenas em circunstâncias especiais, como ocorre por ocasião de eventos como a Olimpíada, a Copa do Mundo ou uma final de certame nacional, os fatos esportivos avançam sobre a vida real. São raros os episódios em que o futebol, popularíssimo entre nós desde o início do século XX, produziu perturbações duradouras na política ou na economia nacional, vindo alterar o curso geral da Nação.” (DAMO, [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011)).

Ainda assim, os meios de comunicação tentam prolongar esse tempo de permanência do jogo, abordando-o em todos os seus detalhes nos inúmeros programas de mesa de debate. Nestes, o gol recebe uma abordagem especial e, refletindo a busca incessante da vitória, ele é ampliado e valorizado de tal forma que prenda a atenção do espectador.

Desse modo, novas significações são introduzidas no futebol e torcedores passam a esperar, não só passes, dribles e domínios tecnicamente bem executados, mas feitos com eficácia, de forma que possibilitem uma vantagem sobre os adversários. Assim, é configurada uma relação de força, como a notada nos dribles de Garrincha, em que o “êxito representava a humilhação do adversário incapaz de contê-lo, numa inequívoca demonstração de poder, de violência simbólica” (DAMO, [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011)).

Essa relação de supremacia é catalisada pela ampla exposição feita pela imprensa, o que rende grandes índices de audiência. E transforma o jogo, ao mesmo tempo, em guerra e festa, das quais todos são participantes ativos. No

futebol-espetáculo, o espectador ganha um papel fundamental, deixando de ser observador para ser parte integrante e indispensável do show.

Afinal, como imaginar um clássico sem torcida, gritos, bandeiras, rostos pintados e canções. “Vai-se aos jogos para torcer, empurrar o time ou, em certas circunstâncias, para protestar, por meio das vaias (...) Os torcedores, de modo geral, têm uma atitude ativa, participando intensamente do espetáculo” (DAMO, [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011)).

Porém, no atual Campeonato Brasileiro vivemos momentos únicos, já que, algumas equipes receberam como punição jogar no estádio com os portões fechados. O resultado foi um receio por parte dos atletas de falar o que costumam, uma vez que, sem o barulho da torcida os sons dentro de campo estavam muito mais expostos à mídia do que ficam normalmente.

Em certos casos, há uma inversão de papel, e os torcedores, de coadjuvantes, passam a ser o foco central do jogo, sendo capaz de interferir e até mesmo interromper seu andamento. Desse modo, observa-se uma comunhão entre espectadores e espetáculo, facilmente perceptível quando se têm brigas nas arquibancadas, ou invasões de campo, fazendo com que o que se passa no gramado seja secundário mesmo momentaneamente.

Porém, essa mudança de foco e, até mesmo o próprio espetáculo, só são possíveis devido à interseção entre a mídia, o futebol e o capital que nele

investido. Pois, “como tornar as provas e competições eventos globais sem a cara tecnologia envolvida nas transmissões televisivas? O esporte sobrevive porque tudo é marketing. E porque os ídolos e heróis estão nos outdoors, nos comerciais de TV e nas páginas coloridas das revistas...” (CAVALCANTI, [http://www2.metodista.br/unesco/midi@forum/midi@forum\\_2000/midiaf2-7.htm](http://www2.metodista.br/unesco/midi@forum/midi@forum_2000/midiaf2-7.htm),)

*E é com e através da imprensa que as competições ganham dimensões globais.* As próprias coberturas ganham características de um *show*, sendo montados estúdios nos locais dos jogos, movimentando um incontável número de profissionais e transformando “toda transmissão esportiva em um espetáculo” (CAMARGO, [http://www2.metodista.br/unesco/midi@forum/midi@forum\\_2000/midiaf2-7.htm](http://www2.metodista.br/unesco/midi@forum/midi@forum_2000/midiaf2-7.htm)), que tem como única intenção atrair e prender a atenção do espectador.

Como conseqüência, o amadorismo sai de cena, fazendo com que os clubes se transformem em verdadeiras empresas, fato visto principalmente na Europa, onde os times negociam a transmissão das partidas diretamente com as TVs, administram a venda de ingressos, vendem ações nas bolsas de valores, publicam balanços e fiscalizam o licenciamento de suas marcas.

Como em qualquer empresa, caso não dê lucro, o clube é fechado, como aconteceu com o Nápoli, na Itália, que teve sua falência decretada em virtude

dos 30 milhões de euros em dívidas que possuía. Nesse momento, não importava o tamanho da torcida, a sua tradição, nem os títulos nacionais conquistados em 87 e 90 com a ajuda de Maradona, já que, financeiramente a equipe napolitana não era mais viável.

#### 4.4 A ARTE DA GUERRA

A pressão pela vitória faz com que os técnicos procurem os mais diversos meios para chegar até ela. No Brasil, um dispositivo que está cada vez mais comum é utilização dos conselhos do chinês Sun Tzu, autor de um tratado de estratégia militar chamado “A Arte da Guerra”. A obra, que se tornou livro de cabeceira de vários treinadores foi escrito cerca de 500 a.C, quando batalhas eram travadas entre senhores feudais, e ensina como eles deveriam guerrear.

Seu objetivo é expor os conhecimentos de como fazer para sair vitorioso de um conflito. O autor fala desde o clima ideal para a hora do combate, passando pelos gastos com as tropas e pelos atributos que o bom soldado deve ter, chegando ao seu posicionamento no campo de batalha.

Embora seja voltado diretamente para o confrontos bélicos, em várias passagens podemos adequá-lo às situações do futebol, confirmado, mais uma

vez, a semelhança entre os dois. As indicações podem ser aplicadas ao ataque, defesa, contra-ataque, marcação, posicionamento em campo, dentre outros.

“Todo guerreiro se baseia em simulação (...) Assim o capaz se fingirá de incapaz e ativo apresentará inatividade” (TZU, p.27, 2002). Esse seria o jogador tipo Romário, que fica parado e, como os adversários costumam dizer, parece estar morto mas em um momento inesperado surge para marcar o gol.

“Se o general inimigo é teimoso e dado a fúrias, deve ser insultado e enfurecido para que, irritado confuso e sem planos, seja atacado sem precauções” (TZU, p.28, 2002). Ou seja, se no time adversário existe um atleta pouco paciente, estilo Edmundo, provoque-o a ponto dele perder a cabeça e ser expulso, assim, com um jogador a menos do outro lado, os ataques serão muito mais fáceis.

“Surja-se em pontos que o levem a apressar-se; mova-se velozmente onde ele não espera” (TZU, p.59, 2002) implicam a idéia do contra-ataque e das saídas rápida de bola. Também expressas no trecho: “Atacai-o onde não estiver esperando. Executai as vossas investidas somente quando não vos esperar”(TZU, p.30, 2002).

Além do que, “a velocidade é a essência da guerra. Aproveita-te da falta de preparo do inimigo. Viaja por estradas onde não sejas esperado e ataca-o onde não está precavido” (TZU, p.98, 2002). O desperdício de uma oportunidade, no entanto, é considerado uma falta grave. “Quando o inimigo te der uma oportunidade, aproveite-a com vantagem” (TZU, p.103, 2002).

Outra semelhança é que “(...) o essencial na guerra é a vitória, e nunca as operações prolongadas” (TZU, p.38, 2002), quer dizer, o ideal é vencer dentro dos 90 minutos regulamentares, a prorrogação e os pênaltis podem ser literalmente uma morte súbita.

“Portanto, na guerra é de suprema importância atacar a estratégia do inimigo” (TZU, p.39, 2002). Ou melhor, conheça os atletas da outra equipe e em cima deles monte a sua. “Conhece-te a ti e a ti e a teu inimigo e, em cem batalhas que sejam, nunca correrás perigo” (TZU, p.46, 2002).

O clube normalmente sobre um gol e até perde um jogo “quando manda o exército avançar em momento inoportuno e não dá ordem de bater em retirada quando a situação exige” (TZU, p.43, 2002), quer dizer, os atletas vão ao campo do inimigo e não retornam para marcar, deixando a defesa aberta e dando ao adversário a possibilidade de um contra-atacar.

A tática de surpreender os adversários na honra de escalar o time também é lembrada: “Mude os métodos e altere os planos para que ninguém saiba o que está fazendo” (TZU, p.101, 2002).

Outro princípio, muito comum nos gramados europeus, mas pouco difundido nos brasileiros, é o de manter o técnico um longo período no comando e deixar que faça com o time o que achar melhor, sem intervenção de torcida, mídia ou diretoria, pois, “aquele cujos generais são hábeis e possibilitados de atuar sem interferência será vitorioso” (TZU, p.45, 2002).

Mas um bom treinador não é garantia de sucesso, títulos e vitórias, uma vez que, “quando os oficiais são valentes, mas as tropas, ineficazes, o exército está em apuros” (TZU, p.91, 2002).

Até a desobediência tática e a capacidade de improvisar, muito comuns nos jogadores brasileiros, também podem ser observados nas idéias de Tzu. “Ocasões há em que as ordens do soberano não necessitam ser obedecidas” (TZU, p.76, 2002).

Porém, isso não deve acontecer sempre: “coloca tuas forças em posições das quais, mesmo em perigo de morte não possam fugir (...) Oficiais e soldados cometerão o impossível. Em situação desesperada, nada temerão. Quando não há saídas, agarram-se às suas posições e, ali, sem alternativas combaterão corpo a corpo” (TZU, p.99, 2002).

O treinador, ainda, deve mostrar claramente ao atleta qual o seu posicionamento dentro de campo e quais as funções ele deve cumprir durante a partida. “Tens de instruir o teu agente minuciosamente quanto a todos esses pormenores” (TZU, p.111, 2002).

#### 4.5 O FUTEBOL E A EVOLUÇÃO DAS MÍDIAS NO BRASIL

-

Esse futebol espetáculo também foi muito útil na evolução dos meios de comunicação, fazendo com que fossem buscadas novas formas de cobrir os jogos e meios de transmiti-los. Com isso, muitas foram as mudanças introduzidas nas coberturas dos eventos esportivos até chegarmos ao formato de jornalismo esportivo feito hoje.

O que continua igual, no entanto, é a paixão que moveu torcedores e comunicadores do futebol, fazendo com que fossem considerados fanáticos e exigentes ao extremo, sendo a imprensa nacional, inúmeras vezes, taxada de rigorosa pelos atletas, técnicos e dirigentes que acreditam serem mais sacrificados por ela que pela internacional.

Ainda assim, nos anos 60, o futebol, como os esportes em geral, não possuíam uma longevidade considerável na mídia: “um acontecimento esportivo não tem duração maior que o caso de assalto a uma jovem...” (BELTRÃO, L. 1969: p.28).

Já a forma de trabalhar da imprensa, basicamente, não mudou: os jornalistas permanecem produzindo "reportagens diretas em seus relatos de específicos jogos de futebol..." (BOND, F. 1962: p.138), usando linguagem marcada pela coloquialidade e sem formas rígidas.

Além disso, abordam os mesmos aspectos, já que "o forte da reportagem esportiva é a competição que deve ser coberta em todos os seus pormenores (...) os menores incidentes ocorridos no estádio, nas concentrações, durante os treinos..." (BELTRÃO, L. 1969: p.343).

Em 62, ano do bi, o rádio foi o meio mais importante, os brasileiros se amontoavam em bares e cafés para ouvirem os jogos da Copa. Porém, era demasiado precário, muitas vezes não havia equipamentos necessários para uma boa emissão, nem cabines para os narradores, que diversas vezes tinham suas vozes abafadas pelo barulho da torcida.

No entanto, com o aparecimento da TV, em 66, ele teve que ser modificado e, para fazer frente a concorrência, desenvolveu o som estereofônico, e viabilizou a diminuição do tamanho do aparelho. Sua forma de emissão também principiou uma grande mudança, a gradativa diminuição do tempo dos comentaristas nas transmissões.

Nos anos 90, o rádio também perdeu patrocinadores para a TV e várias medidas de economia foram tomadas, incluindo inúmeros cortes no setor de jornalismo. Entretanto, adaptações foram aparecendo com o intuito de continuar transmitindo as partidas. Um recurso chamado "OFF TUBE", que consiste na narração do jogo através de um monitor em local afastado do estádio, possibilitou

grande economia nos gastos com viagens e viabilizou a permanência das coberturas.

Os impressos, por sua vez, usavam nos anos 70 diversos artifícios para enviarem suas mensagens: "...as agências de notícia chegavam a instalar aparelhos de telex no local em que se efetuavam as grandes competições e das próprias praças esportivas eram enviados flashes e a notícia final. (ERBOLATO, 1981: p.15). Além disso, era comum, principalmente em jogos internacionais, o envio de material por avião que rapidamente era recolhido e preparado para ser impresso.

Porém, o advento e a popularização da internet nos anos 90 causaram nos impressos uma profunda e irreversível mudança, que foi acompanhada também pelo surgimento de máquinas de impressão mais ágeis, dando aos jornais a possibilidade de prolongar o horário do fechamento levando informações cada vez mais atuais.

No caso da TV, apareceram câmeras mais leves, que possibilitaram maior movimento, sendo posicionadas em ângulos novos, surgiu a possibilidade de rever os lances, houve uma melhor qualidade da imagem. Além disso, apareceram e foram aprimorados durante as disputas os satélites, vídeos e computadores, no entanto, sempre com o mesmo objetivo: chamar a atenção do público.

"Um componente decisivo, no entanto, separa aquela conjuntura de 1970 da que vivemos atualmente, sobretudo em termos de conformação de uma opinião mais ou menos hegemônica: a mídia televisiva. (...) Quando da conquista do título no México, o país ensaiava as primeiras transmissões coloridas. Hoje, a diversidade de alternativas tecnológicas de recepção de mensagens e imagens (internet, TV a cabo, TV por assinatura etc), bem a política de comunicação,

potencializaram de tal forma este veículo que não poucos o chamam de Quarto Poder.” (A pátria de antenas).

O futebol foi ganhando mais e mais espaço na mídia, com programas de rádio e TV, cadernos, jornais, revistas especializado, cobrindo maciçamente tudo o que se refere à seleção e aos seus atletas, principalmente durante as Copas. Com isso, se explora cada vez mais, através dos esportes, o nacionalismo e patriotismo dos brasileiros visando aumentar a audiência ou as vendas.

“O que mais chama atenção, porém, nesta nova ‘ditadura’ (agora mais difícil de ser combatida, na medida em que traz o alibi de governo democrático), é a interpretação que ela faz do nacionalismo (...) Não é casual, portanto, que se tenha dedicado tanto espaço (...) a este tema. No caso da mídia, a utilização feita dos símbolos nacionais (sobretudo a bandeira) chegou, em alguns momentos, à escala do patético, caso não soubéssemos ser intencional.” (A PÁTRIA DE ANTENAS, <http://www.ceas.com.br/cadernos/cc178ed.htm>).

## 5. AS TORCIDAS E SEUS HERÓIS

### 5.1 RIVALIDADE

Em um país como o Brasil, o ato de torcer é tão importante que normalmente a escolha da equipe acaba sendo feita nos primeiros anos de vida. Em vários casos, o primeiro presente da criança é a camisa do time, dada pouco depois do nascimento, passando o amor de geração em geração. A duração dessa torcida, porém, é eterna, já que, “uma vez realizada não pode ser alterada facilmente, cabendo ao torcedor arcar com o ônus da sua opção. Trocar de clube, “virar a casaca”, é uma falta gravíssima, podendo gerar suspeitas sobre a honrabilidade do sujeito” (DAMO, [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011)).

Com isso, é introduzido um sentido diferenciado no uniforme do clube, sendo ele visto como um manto sagrado. “A camisa do meu time, para muitos é a honra mais importante de minha vida. Ela me faz mais homem, ela me dá a possibilidade de viver batalhas e conquistas e me tornar um grande vencedor no final da guerra dos 90 minutos” (LUNA, [www.multirioi.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirioi.rj.gov.br/seculo21)).

A cada jogo essa identificação com a camisa se intensifica, seja pelo gosto da vitória ou pelo desejo de revanche, e, de acordo com a importância do jogo e com a paixão do torcedor, o pertencimento é atualizado e reafirmado, perpetuando a fidelidade.

Com a fidelidade surge um componente fundamental do futebol, a rivalidade. Frequentemente usada e incentivada pelos meios de comunicação visando estimular a população a torcer de maneira frenética e apaixonada pelos seus esportistas, como se estes fossem soldados a defender o país numa guerra, com haveria um aumento no consumo de informações, gerando mais lucro para empresas jornalísticas.

Embora as vitórias de um determinado time ou da seleção não beneficiem diretamente os torcedores, as mídias mostram esses eventos como se fossem o ápice do civismo, no caso dos jogos da seleção. Sendo que ato de torcer se transforma em um dever patriótico. É como se a vitória dentro das quatro linhas pudesse resolver a situação do país ou nos tornasse melhor que nossos adversários.

Durante essas disputas internacionais, a rivalidade entre os times brasileiros é esquecida e o sentimento de disputa é transferido para o contato com

outras seleções. Os torcedores se unem, contra um único opositor, entretanto, essa união não possui grande longevidade.

“O entusiasmo do futebol provoca a união. Essa unanimidade de sentimentos e ações é característica dos tempos de guerra. Diante de um inimigo comum que ameaça, os conflitos internos perdem o seu sentido”. Terminada a guerra contra o grande inimigo, começam os conflitos entre os irmãos. Passada a Copa os torcedores tiram a camisa verde-amarela e cada um veste a camisa do seu time.” (A PÁTRIA DE ANTENAS, <http://www.ceas.com.br/cadernos/cc178ed.htm>)

Assim retornam as disputas entre torcidas que, muitas vezes, surgem a partir de conflitos históricos, refletindo a realidade sócio política vivida, e fazendo com o ato de torcer se aproxime do engajamento político.

“Torcer é uma forma de participação política bastante peculiar (...) permite-nos acessar alguns conflitos subjacentes à dinâmica social. Ou seria mero casuísmo o fato de os clubes de futebol no Brasil estarem, via de regra, identificados em pares de contrários do tipo elite/popular, branco/negro, centro/periferia, grande/pequeno, entre outros? (...) Há um sentido profundo nos embates, um pano de fundo cultural no qual os sentimentos de pertença e o próprio gosto pelo futebol estão alicerçados (...) pode-se dizer que compreenderemos algo sobre a cultura brasileira – dos homens, especialmente – observando o comportamento em torno do campo(...) No futebol brasileiro as rivalidades entre as torcidas são causadas pelas rivalidades existentes entre os clubes. Em linhas gerais, as torcidas atualizam certas querelas que fazem parte da história das agremiações, boa parte delas circunscrita à própria origem dos clubes. Por isso os enfrentamentos mais densos são aqueles envolvendo clubes da mesma cidade, cujas rivalidades foram forjadas ainda nos tempos do amadorismo – antes dos anos 30. ” (DAMO, [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011)).

Ou mesmo muito antes dele, como aconteceu na Irlanda com as equipes do Celtic e do Glasgow Rangers, que repetem em campo uma disputa religiosa que

começou no século XVI com a Reforma Protestante. Segundo Foer, no livro “Como o futebol explica o mundo”, a rixa nos gramados entre católicos e protestantes é tão grande que no dias de jogos a procura pelos centros de emergência em Glagow chega a ser nove vezes maior que o normal.

O sentimento de pertencer a uma torcida não esgota no fato de ter uma afinidade por um determinado clube, implica ainda a aversão pelo rival. As partidas ganham mais brilho a medida que aumenta essa aversão, como nos clássicos, que envolvem acima de tudo a história dos clubes, devido a isso, quanto mais próximos estiverem os times maior será a rivalidade entre eles.

Quando esse sentimento está envolvido, as disputas, mesmo que tecnicamente fracas, conseguem uma posição de destaque devido à tradição que as envolve. “A cidade de São Paulo ficou até o final dos anos 20 dividida entre três agremiações arquinimigas, o Paulistano, o Palestra, e o Corinthians. Cada final de Campeonato era como uma guerra civil na cidade” (LIMA, [www.klepsidra.net/klepsidra14/futebol.html](http://www.klepsidra.net/klepsidra14/futebol.html)).

Essas batalhas também podem ser observadas nos gramados de todo o mundo. Na Inglaterra, com os arqui-rivais, Tottenham e Chelsea, em Londres, ou Manchester City e o Manchester United, na cidade de Manchester; na Espanha entre Real Madrid e o Atlético de Madrid; na Argentina com Boca Júnior e River Plate, em Buenos Aires; no Brasil com Corinthians e Palmeiras em São Paulo, Vasco e Flamengo no Rio, Cruzeiro e Atlético em Belo Horizonte, Bahia e Vitória em Salvador, Internacional e Grêmio em Porto Alegre, dentre outros.

O que também se repete nos gramados europeus é a influência da mídia no ampliação dessas rivalidades. “Este fenômeno não se restringe à mídia brasileira. Maguire & Poulton (1999) realizaram uma análise sobre as relações entre esporte, identidade nacional e a mídia escrita durante o campeonato europeu de futebol de 1996. Basicamente, eles verificaram que as manchetes (...) acirravam as rivalidades...” (JOS e SILVA, <http://www.geocities.com/aotil/futebol.html>).

## 5.2 TORCIDAS ORGANIZADAS

Com o incentivo da rivalidade e do pertencimento clubístico um tipo diferente de torcedores começou a surgir. Eles se unem em equipes uniformizadas e têm em comum, além da enorme paixão por uma determinada equipe de futebol, a vontade de se diferenciar dos demais torcedores fazendo qualquer coisa para defender as cores de seu time.

Essas são as torcidas organizadas, verdadeiros exércitos dispostos a lutar, literalmente, até a morte por seu clube do coração. O interessante é notar que dentro desses grupos existe, um código de honra, que interdita determinadas ações, e que os liga emocionalmente em um mesmo clã através do amor à camisa.

Ainda assim, entre os vários grupos de torcedores de uma mesma equipe são encontradas facções rivais e fortes diferenças que chegam a provocar enfrentamentos diretos entre seus componentes. Tudo isso visando a diferenciação dos demais seguidores do time.

“A segmentação ‘Nós, os gremistas’ por oposição aos ‘outros’, sejam eles pertencentes a outras ‘nações’ ou simplesmente alheios às predileções clubísticas, perde sua eficácia distintiva no âmbito dos torcedores do Grêmio (...) as diferenças entre ‘nós, das organizadas’ e os ‘outros, que não são’ são suficientes para demarcar a identidade desses grupos de torcedores (...) existem diferentes modalidades de vínculos entre torcedores e clubes e dos próprios torcedores entre si, às quais correspondem formas diferenciadas de expressar o sentimento de ‘pertencimento’ “(DAMO [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011)).

Os integrantes dessas torcidas buscam, através de formas diferentes de manifestar seu amor por um time para conseguir se destacar dos demais torcedores, chamando atenção e conquistando um status que os colocaria mais próximos de sua equipe do coração.

“Eles se diferenciam pela forma e intensidade de pertença. Os membros dessas torcidas organizadas acreditam demonstrar seu amor ao clube com um tipo de envolvimento militante, como se fossem um exército incumbido de defender verbal e fisicamente, se preciso for, a honra da nação-clube de futebol, podendo se envolver em atos violentos, tidos como heróicos. As hostilidades não se limitam aos torcedores dos "outros" clubes. Há divergências fortíssimas mesmo entre as torcidas organizadas de um mesmo clube”. (DAMO, [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011))

Recentemente foram registrados casos de enfrentamentos decorrentes desse tipo de divergências. No Rio de Janeiro, a briga foi entre as organizadas do

Flamengo, Raça Rubro Negra e Torcida Jovem, e em São Paulo entre as do Palmeiras, Mancha e TUP.

Os conflitos diretos porém são muito mais comuns entre times adversários. No Rio a Raça Rubro Negra, flamenguista, e a Força Jovem, vascaína, com freqüência estão envolvidas em confrontos, o mesmo acontece em São Paulo com as organizadas do Palmeiras e a Gaviões da Fiel, corintiana, ou Belo Horizonte, com a Máfia Azul, cruzeirense, e a Galoucura, atleticana.

Entretanto, esse tipo de fenômeno não está restrito aos gramados brasileiros. Os hooligans ingleses e skinhads alemães protagonizam, nos estádio e arredores, cenas de extrema violência que se comparam aos enfrentamentos comumente vistos em tempos de guerra.

A preocupação é tanta, que no Reino Unido, o hooliganismo passou a ser visto como caso de polícia e tratado como um fenômeno relacionado à criminalidade. Para combatê-lo foi criada, na Scotland Yard uma “Unidade Especial de Inteligência sobre o Futebol” para tratar do problema.

“Na verdade, fazem parte de um outro mundo, o do crime - não só do crime, pois a violência do *hooligan* é vista muitas vezes como não humana (*animals*, como dizem os tablóides ingleses) ou mesmo como inumana. Com efeito, há uma clara tendência de criminalização do “torcedor organizado”, realizada principalmente pela polícia brasileira. (...) Torcida organizada e marginalidade são, no senso comum, praticamente sinônimos, e não por mera coincidência” (PERRUSI, [http://geocities.yahoo.com.br/adeusanosnoventa/esporte\\_patriotismo.htm](http://geocities.yahoo.com.br/adeusanosnoventa/esporte_patriotismo.htm)).

Já na década de 80, com base na taxa de mortalidade nos estádios ou em suas proximidades, a Inglaterra era o país que mais possuía hooligans no mundo, fazendo com que Margaret Thatcher os considerasse uma “desgraça para a sociedade civilizada” e medidas drásticas chegassem a ser cogitadas para evitar conflitos.

“Em 1983, o presidente do Chelsea, Ken Bates, propôs que os torcedores fossem rodeados por uma cerca elétrica de 12 volts que lhes causaria choques se tentassem sair de seu setor (...) Só a intervenção do governo local impediu que esse plano fosse colocado em prática” (FOER, p.88, 2005).

Porém, no leste europeu, um grupo de torcedores, chamado Delije, da equipe iugoslava Estrela Vermelha, não perdia para os ingleses no quesito violência. Os sérvios se destacaram, nos anos 90, pelo tratamento agressivo à torcida adversária, “... sua tática de guerrilha favorita: vestir-se com o uniforme dos adversários. Isso lhes permitia fazer amizade com os torcedores visitantes e, atraí-los para seus carros, levá-los para lugares remotos e espancá-los” (FOER, p.16, 2005).

Já na América do Sul, chama a atenção o tamanho desses grupos, que chegam a superar 2 mil membros. O que é claramente notado quando são formadas excursões para acompanhar o time do coração, nas quais, facilmente são lotados mais de trinta ônibus. Além disso a equipe é acompanhada em todas

as partidas, onde quer que sejam disputadas. Porém, a situação das organizadas, em seu início, não era essa.

No Brasil, o agrupamento de torcidas não é um fato recente. Já na década de 20, em São Paulo, apareceram os primeiros torcedores organizados e uniformizados. Porém, a primeira a ser registrada, em 1940, foi a Torcida Uniformizada do São Paulo. Na época os integrantes iam ao estádio uma vez por mês para torcer pelo tricolor e não conseguiam sequer encher um ônibus.

Com o passar do tempo as condições começam a mudar e inicia-se um processo gradativo de crescimento de número de componentes, dos grupos de torcedores e da influência deles sobre as equipes, chegando ao ponto destes determinarem a permanência ou não de jogadores e técnicos.

“... é interessante notar que a partir da década de 70 a relação do torcedor e o futebol adquiriu outros contornos, que foram além da mera paixão pelo clube. O futebol definitivamente torna-se um esporte de massa, largamente incentivado pelo Estado, pela mídia (...) Por volta da metade da década de 70 as Torcidas Organizadas já assumiam um papel de pressão política diante dos times.” (TOLEDO, 1996, p.26,27).

O que também caracteriza a participação desse tipo de torcedor são os cantos e gritos entoados nas arquibancadas, denominados gritos de guerra, que reafirmam a idéia de conflito. Eles falam do clube, ou da própria torcida, sempre de maneira ufanista e exaltada, ou depreciam o adversário, incentivam as brigas,

os confrontos diretos. Mas, todos estes refletem questões sociais e aspectos próprios da sociedade contemporânea.

Segundo a classificação de Luiz Henrique Toledo, no livro “Torcidas Organizadas de Futebol”, essas canções se dividem em: incentivo ao time e jogadores, como “Vamos gritar meu povão! É gol, é gol. A rede vai balançar, vai balançar. Sou Vasco da Gama meu bem Campeão de terra e mar” (da torcida do Vasco); intimidadores, “Ô, ô, ô, ô. Todo viado que eu conheço é tricolor” (dos adversários de São Paulo e Fluminense); de auto-afirmação, “Sou, Independente eu sou! Vou dar porrada eu vou! Ninguém vai me segurar nem a PM” (da organizada do São Paulo);

“Satíricos, jocosos, ofensivos, grotescos, engraçados, alguns criativos enfim, estes cantos e gritos de guerra traduzem uma série de visões do outro expressas nesses padrões de comportamento verbal típicos entre torcedores de futebol. Para além da gratuidade da obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas, filtradas, codificadas em músicas e versos, retiradas da própria sociedade e de seus temas mais recorrentes.” (TOLEDO, 1996, p.65)

Os gritos, o uniforme, o amor pela mesma equipe dão sentimento de unidade aos torcedores. Com isso eles se sentem mais livres para tomar atitudes que, em seu dia a dia, não fariam. Muitas vezes a presença do grupo é um

incentivo à violência, já que, naquele momento, não identificação do indivíduo é quase impossível, tornado-o anônimo e impossibilitando uma possível punição.

“... os xingamentos adquirem um sentido de protesto e zombaria resguardados pelo anonimato e ocultamento daqueles que o utilizam (...) nestas circunstâncias possuem uma via única de expressão (...) Quando torcedores se encontram sozinhos a caminho dos estádios é raro configurar-se estado de ânimo alterado observado quando estão em grupos. Sozinhos rompem o sentimento de pertença...” (TOLEDO,1996, p.71).

O pertencimento clubístico consegue, ainda, criar fortes ligações entre os torcedores e os atletas de uma mesma equipe, fazendo com que os últimos sejam vistos como heróis capazes de impedir a derrota do time.

### 5.3 A IDENTIFICAÇÃO COM OS JOGADORES

Desde a Grécia antiga, os grandes atletas eram lembrados por suas conquistas sobre-humanas, suas vitórias eram passadas oralmente, de geração em geração. Eles recebiam homenagens através de canções e eram eternizados em estátuas. Nos dias de hoje, porém, a memória e a veiculação dos sucessos de

um competidor são feitos através dos meios de comunicação, seu endeusamento para posteridade, no entanto, continua presente.

“Ao longo da história, mesmo com a popularização da prática esportiva, consolidou-se a imagem do atleta como integrante de uma elite. Afinal de contas, o esportista possui habilidades especiais, faz coisas que a maior parte das pessoas tem dificuldades para realizar. Até mesmo nos chamados esportes populares - o futebol, no caso do Brasil -, o mito se impõe e conquista a admiração de toda a sociedade. A aura que cerca o astro (...) o transforma em exemplo de sucesso, fama, realização profissional e reconhecimento público” (LUNA, [http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/chave.asp?cod\\_chave=1990&letra=c](http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/chave.asp?cod_chave=1990&letra=c))

Baseado nisso, há uma projeção dos torcedores, transformado o atleta em “um ídolo, um exemplo para todo tipo pessoas, independente da classe social, da faixa etária, nacionalidade” (ALMADA e RIBEIRO, [www.efdeportes.com/efd82/edmundinho.htm](http://www.efdeportes.com/efd82/edmundinho.htm)). Os jogadores passam a ser vistos como deuses e até ganham alcunhas por isso, como “São Marcos” na Copa de 2002, ou Marcelinho “pé-de-anjo”, dos tempos do Corinthians.

Eles são vistos guerreiros capazes de realizar atos que um ser humano comum, que os vê pela TV, é impedido de fazer. Muitas vezes, remete, também para a histórias de vida dos atletas, uma vez que, a maioria possui origem humilde e conseguiu alcançar o estrelato através do futebol, ganhando visibilidade mundial e aparecendo em comerciais, programas de TV, jornais.

“... é facilmente verificável como as figuras frágeis desses indivíduos são fundamentais na construção da identidade nacional. Os seus desempenhos nos campos determinam em alguns

momentos mágicos - como nos campeonatos mundiais - a essência nacional. A nação fica dependente da genialidade desses indivíduos, na sua grande maioria pessoas de origem humilde - negros, índios ou brancos -, quase todos pobres e semianalfabetos, vindos de bairros proletários, de favelas ou de áreas agrícolas” (RIBEIRO, <http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>).

Como conseqüência, muitos garotos vêm no fato de ser jogador um meio de ascender socialmente e essa projeção maciça acaba por transformá-los em mercadorias altamente rentáveis, fazendo com que haja uma imitação constante do seu procedimento. “Um jogador de futebol no Brasil tem uma grande importância, a ponto de interferir no comportamento de muitas pessoas, seja na forma de falar, andar, se vestir e até mesmo no corte de cabelo” (ALMADA e RIBEIRO, [www.efdeportes.com/efd82/edmundinho.htm](http://www.efdeportes.com/efd82/edmundinho.htm)).

Junto a isso está a veiculação de sua imagem em campanhas publicitárias de todos tipos de artigos, carros, telefones celulares, cervejas, perfumes, refrigerantes, supermercados. Afinal, “apresentando os produtos do seu patrocinador, são como top models na passarela” (CAMARGO, [http://www2.metodista.br/unesco/midi@forum/midi@forum\\_2000/midiaf2-7.htm](http://www2.metodista.br/unesco/midi@forum/midi@forum_2000/midiaf2-7.htm)) e proporcionam, em seguida, um aumento considerável nas vendas dessas mercadorias.

O que deixa claro que “os astros do esporte se transformaram em marcas que atingem faturamento anual de muitos milhões de dólares” (LUNA, [http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto\\_link.asp?cod\\_link=1292&cod\\_chave=1990&letra=c](http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=1292&cod_chave=1990&letra=c)). Afinal, “a notícia ou a informação de um ídolo sempre rende muitas cifras. As revistas e magazines mais vendidas no Brasil são aquelas cujas

reportagens são especializadas na vida dos ídolos ou astros da televisão”. (CAMARGO, [http://www.sergiomattos.com.br/liv\\_tvregionais10.html](http://www.sergiomattos.com.br/liv_tvregionais10.html)).

De fato, muitos atletas usam vários artifícios para se manter na mídia, tendo maior visibilidade e conseqüentemente cachês publicitários mais altos. Devido a isso, uma das profissões que têm crescido muito dentro do mercado dos esportes é a do assessor de imprensa de jogadores.

Para ficar em evidência, entretanto, não é preciso ser craque, basta ter uma boa estratégia de marketing. Para isso, vale usar qualquer recurso, tanto dentro e como fora de campo: comemorar gol com coreografia, homenagear alguém, brigar, ser visto em boate na hora da concentração, ter atitudes polêmicas e até trocar de namorada.

Mas, não é só agora que verificamos isso, já nos anos 70 o atacante Dadá Maravilha se mantinha em alta dando declarações debochadas. “Os números impressionantes (926 gols na carreira, dez gols em um só jogo, 18 clubes, três vezes artilheiro do Brasileirão) não provocam tanta simpatia como a irreverência e o desdém lingüístico...” (REIS, [http://www.tognolli.com/html/mid\\_futeboles.htm](http://www.tognolli.com/html/mid_futeboles.htm)).

Muitos dos atos e afirmações dos atletas, mesmo que não sejam bem vistos pela sociedade, “em última instância, ajudam a preencher as páginas esportivas dos jornais” (ALMADA e RIBEIRO, [www.efdeportes.com/efd82/edmundo.htm](http://www.efdeportes.com/efd82/edmundo.htm)),. Nesse quesito da auto-promoção, alguns jogadores, embora eficientes com os pés, não conseguem emplacar na mídia e nem fazer boas jogadas de marketing.

"O produto Rivaldo é insípido, incolor e inodoro como a água (...) A conclusão é que (...) não consegue criar fatos, notícias, comentários (...) Apesar dessas deficiências, o pernambucano executa impiedosamente os goleiros adversários. Mas isso não interessa para as químicas e poções preparadas pelo marketing e pela mídia. A torcida comemora, mas o jogador cabeça-chata não é vibrante, não contextualiza o gol, não dedica o tento 'aos quinhentos anos do Brasil', 'às criancinhas do Recife', 'ao presidente do Barcelona'. Pior ainda, Rivaldo não aproveita seu gol para emendar uma coreografia, que envolva a bandeirinha de escanteio ou um grupo mais assanhadinho de companheiros de campo (...) Alguém se lembra de alguma malcriação do Rivaldo? De quantas vezes ele foi expulso de campo? E de quantas vezes ele bateu a sua Ferrari de último tipo? Ou se o Rivaldo já foi à ilha de *Caras*? (...) Como se pode ver, em Marketing, Rivaldo, apesar de tudo que ele faz pelo futebol, não passa de um grande perna-de-pau." (NASSAR, <http://www.nao-til.com.br/nao-70/dienst1.htm>).

De fato, a imagem do jogador passa a ser uma mercadoria, ou seja, quando se compra um celular igual ao apresentado por Ronaldinho na propaganda, não se busca apenas o aparelho, no produto estão embutidas uma série de significados como fama, dinheiro, saúde, habilidade no futebol, sucesso com as mulheres, dentre outros.

Assim, cria no consumidor a idéia de que ao comprar aquela mercadoria estará se aproximando do seu ídolo e da vida que ele leva. Uma vez que, o garoto, que deseja ser um craque de bola, não quer ser um jogador como outro qualquer, ele quer ser o Ronaldinho, o Roberto Carlos, o Kaká.

Esse processo de identificação que se com os atletas também acontece com equipes inteiras, transformadas quase que em "*outdoors ambulantes*" (CAMARGO, [http://www.sergiomattos.com.br/liv\\_tvregionais10.html](http://www.sergiomattos.com.br/liv_tvregionais10.html)), como é o caso da Seleção brasileira. A Nike, ao patrocinar o Brasil com suas estrelas da

bola, cola à sua marca a idéia de ser campeã, vitoriosa, de ter habilidade, de ser alegre e torna seus produtos altamente comercializáveis.

“A indústria do lazer e do entretenimento sabe como potencializar ao máximo a paixão dos torcedores e fãs. A mídia abre cada vez mais espaço para a cobertura dos eventos. Na publicidade, um dos setores que mais se desenvolvem é o de marketing esportivo. As grandes estrelas - os atletas - são tratadas pelos publicitários como mitos que transformam em dinheiro tudo o que tocam. Os desportistas encarnam a nova versão do rei Midas. A diferença é que eles não precisam tocar o produto para que este vire ouro; basta apenas "colar" a imagem do vencedor à mercadoria ou serviço.” (LUNA, [http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/chave.asp?cod\\_chave=1990&letra=c](http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/chave.asp?cod_chave=1990&letra=c)).

Essa idéia de associar astros dos gramados com produtos não é tão recente quanto se pensa. Pelé, no decorrer de sua vida esportiva, já participa alguns empreendimentos que posteriormente seriam conhecidas como campanhas de marketing. No mesmo período, Gérson, o canhotinha de ouro, foi estrela de uma propaganda de cigarro, popularizando o slogan "é preciso levar vantagem em tudo, certo?", que ficaria conhecido como a lei de Gerson.

Porém, este período se difere da conjuntura atual pelo gigantesco montante de dinheiro que, contemporaneamente, envolve essas transações. O cachê de um atleta do futebol, dependendo de sua fama, pode ultrapassar o de uma estrela de TV ou de cinema e é sem dúvida mais alto, pelo no menos no Brasil, que o de um esportista de qualquer outra modalidade.

Pelé, no ápice de sua carreira, arrecadou uma cifra considerável para o momento, embora insignificante, se comparada a que um jogador em fim de carreira ou com talento infinitamente inferior, consegue receber nos dias de hoje. São esses atletas, que, mesmo não sendo craques, são amplamente conhecidos,

sendo capazes de lotar os estádios e vender qualquer tipo de buginganga pelo fato de estar presentes na imprensa.

#### 5.4 O ANTI - HERÓI

Esses mesmos jogadores-deuses, no entanto, podem assumir outro papel de acordo e se transformarem em “anti-heróis, figuras que desempenham o

papel de ‘vilões’ do esporte durante as narrativas midiáticas” (ALMADA e RIBEIRO, [www.efdeportes.com/efd82/edmundado.htm](http://www.efdeportes.com/efd82/edmundado.htm)). Nesse momento, o atleta passa a ser odiado pelo torcedor na mesma intensidade em que foi amado.

O fato de ir jogar em uma equipe rival ou de não se esforçar o suficiente dentro de campo, cometendo erros e não cumprindo seu papel, fazem com que ele passe a ser o bandido da história. Sendo tratado como é um desertor na guerra por ter “traído” a equipe.

“A derrota deste nosso lado emocional e pessoal, que foi transferido ao jogador, é uma possibilidade que nos magoa, nos diminui, humilha e faz sofrer. (...) Talvez isso possa explicar, a até desenfreada agressividade de muitas torcidas organizadas que ao verem seus Heróis e Guerreiros não cumprindo suas partes, pois "eles jogam por mim, eles lutam por mim, eles estão em campo para defender um lado meu, ou até a minha honra", tentam resolver de uma maneira "Guerreira e Belicosa" (LUNA, [www.multirioi.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirioi.rj.gov.br/seculo21)).

Muitas vezes essa identificação com o atleta do time é tão grande que os torcedores tomam atitudes violentas para expressá-la. Na equipe sérvia, Estrela Vermelha, um episódio envolvendo membros da torcida organizada Delije mostra claramente essa relação.

“... a torcida (...) tinha invadido o campo durante um treinamento. Com bastões, barras de ferro e outros porretes, espancaram três de seus próprios jogadores. Depois do estrago não se mostraram particularmente acanhados em anunciar seus feitos. Nesse caso, os *hooligans*

disseram claramente aos repórteres que 'não podiam mais tolerar aquela falta de compromisso em campo (FOER, p.13,2005)

Embora seja, considerado como um eleito da raça, especialmente pela mídia, a vida ídolo, nem sempre é fácil, as responsabilidades são muitas e as falhas não são permitidas. Além disso, uma falha pode significar a derrota, representando a exclusão do topo.

Essa obrigação de vencer faz com que a culpa do time ter perdido seja atribuída a um único jogador. Fato esse que se deu no mundial de 98, que “por uma necessidade de personificar o fracasso na competição, uma parcela da mídia e da população atribuiu ao jogador Ronaldo a culpa pela derrota” (JOS e SILVA <http://www.geocities.com/aotil/futebol.html>).

Além desse, vários outros episódios deixaram atletas estigmatizados. Na Copa de 50, depois da derrota para o Uruguai na final, o culpado foi o goleiro Barbosa; em 82, quando o Brasil foi eliminado nas semifinais pela Itália, com três gols de Paulo Rossi, as manchetes focalizaram as falhas individuais do goleiro Valdir Peres; em 86, depois da derrota para a França nos pênaltis, o vilão eleito pela imprensa foi Zico; em 90, Dunga e seu estilo de jogo foram os responsáveis pelo insucesso no mundial;

## 6. 6. AS PALAVRAS DA GUERRA

### 6.1 LINGUAGEM

“O inimigo não bateu em retirada, mas seus ataques não conseguiam semear pânico nas trincheiras locais e se despedaçavam um e outra vez contra nossa bem encouraçada retaguarda. Seus homens disparavam com pólvora molhada, reduzidos à impotência pela galhardia de nossos gladiadores, que se batiam como leões.. E então, desesperados lançaram mão do arsenal da violência, ensangüentando o campo de jogo, com se se tratasse de um campo de batalha. Quando dois dos nossos ficaram fora de combate, o público exigiu em vão o castigo máximo, mas impunemente continuaram as atrocidades próprias de um confronto bélico e indignas das regras cavalheirescas do nobre esporte do futebol” (GALEANO, p.19, 2002).

O futebol pode ganhar ares de confronto direto também da linguagem usada na cobertura de eventos. “Sucedem-se nas editorias de esporte dos jornais e das TVs metáforas como ‘heróis do penta’, ‘bomba’, ‘artilheiro’, (...) ‘massacrar o adversário’ e ‘batalha em campo’, entre outras. Todas guardam alguma relação com exército, guerra ou combate - e, indiretamente, com a defesa da pátria” (LUNA, [www.multirioi.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirioi.rj.gov.br/seculo21)). Uma série de palavras, disponíveis no anexo 8.1, usadas no jornalismo esportivo têm essa referência direta.

“A começar pelo próprio local em que se pratica: o campo (de batalha). E pela identificação dos seus principais personagens: arqueiro (atual goleiro); ponta de lança (meio de campo); artilheiro (centro-avante). Aliás, a mídia traduz essa homologia de maneira cristalina, transformando, nos seus diversos meios de comunicação, a bola em bala (de canhão), o chute em tiro (bomba, petardo), o goleador em matador (carrasco, animal), chegando mesmo ao ponto de associar o tamanho do pé humano (38, 40 etc) ao calibre das armas de fogo!” (A PÁTRIA DE ANTENAS, <http://www.ceas.com.br/cadernos/cc178ed.htm>)

Na briga pela vitória, vale tudo para alcançar “a meta”, “o alvo” ou o gol, desde “criar táticas de jogo”, “estratégias de defesa”, “dar combate”, “marcar o

adversário”, “fazer barreira”, “obedecer ao comandante”, “acertar uma bomba”, “deixar o artilheiro bem posicionado”, “mandar um torpedo”, “acertar a pontaria.”

Com base no texto “Guerra no Futebol e outras Guerras”, podemos afirmar que o vocabulário da precedência pelas consoantes em “p”, por serem explosivas e levarem ao melhor combate. Além disso, são usados sinônimos de jogo, que tem como significado briga, guerra e até luta de vida ou morte, como prélio, pugna, peleja.

“Diretores, treinadores, jogadores, jornalistas e público perderam de vista as palavras que pertenciam ao jogo de futebol para utilizar as do drama do futebol. Não bastaria ao jogo de futebol apenas as palavras ataque e defesa?” ( AS POBRES PALAVRAS DO FUTEBOL [http://www.contrapie.com/vercronicas.asp?id\\_cronica=580](http://www.contrapie.com/vercronicas.asp?id_cronica=580)).

O técnico por decidir os destinos da equipe ganha, como alcunhas patentes do exército, da marinha e da polícia. O ex-treinador da seleção, Luiz Felipe Scolari, era chamado pela imprensa no Brasil de xerife, já Rinus Michels, o ex-técnico holandês era conhecido também por seus adoradores como o general.

Entre os cartolas a associação também é encontrada. “Paulo Machado de Carvalho, o primeiro dirigente assim chamado pela imprensa da época. Era o Marechal da Vitória, de verdade, por ter trazido a Taça “Jules Rimet” para o Brasil em 58, da Suécia, e em 62, do Chile” (ROVERI, <http://www.berro.com.br/Html/RibeiraoPreto/RibeiraoPreto2.html>).

A utilização desses recursos acontece, primeiro pelas semelhanças entre estes dois campos, com disputas, rivalidades, paixões, e, em seguida, em

decorrência do fato do receptor dos meios de comunicação conhecer claramente tanto a guerra quanto o futebol.

Desse modo, por ser de conhecimento geral a idéia que esses termos implicam, é feita uma adaptação do real ao esporte. Assim, é usada a bagagem cultural do público, realizando através dela a produção de sentido, que se dá muito mais fácil através da interseção entre esses dois âmbitos.

“Apresenta-se com uma linguagem metafórica que compreende dois campos semânticos: futebol e guerra(...) pois visa a uma aproximação com o público-leitor à medida em que esse público produz, por meio dessa relação metafórica, sentidos de captação da informação. Isso se dá a partir do reconhecimento, por parte do leitor, da linguagem esportiva e bélica e, sobretudo, do reconhecimento das relações de similitude entre estas linguagens (...)é, também, uma preocupação em se fazer um jornal mais "digestivo", mais acessível e sedutor.” (OLIVEIRA, <http://www.mundocultural.com.br/artigos/4/8/530.shtml>).

O rádio, como um veículo popular, utiliza com mais assiduidade esse tipo de vocabulário, e ele é intensificado com a dicção, a inflexão e a tonalidade com que o jogo é narrado, o que é uma conseqüência da necessidade de atrair o ouvinte. A linguagem, “que oscila entre a propaganda bélica e o êxtase lírico” (GALEANO, p17, 2002), é capaz de colocar o futebol num patamar de fascínio.

Para isso, utiliza-se muito de metáforas, metonímias e hipérboles como um expediente que visa atingir imaginário social. Já que “o linguajar diferente do comunicador esportivo tem motivos vários, que vão desde a necessidade de fugir do comum, imprimindo à expressão verbal um significado conotativo, até a incessante luta pela conquista de maior audiência” (CAPINUSSÚ, p15, 1988).

Um ponto em comum entre todos os veículos é a repetição dos termos que refletem esse universo bélico, chegando a transforma-los em chavões. Entretanto,

ao invés de revelar redundância, constituem um meio eficaz de estabelecer a comunicação, já que, estando o receptor familiarizado com as palavras usadas, a mensagem será passada de forma mais ágil e atraente.

Com isso, comunicador esportivo passa a ser visto como fora dos padrões jornalísticos, uma vez que "adota uma linguagem própria, deferente daquela que os demais companheiros utilizam, tornando-se um desviante, embora não haja tacitamente uma normatização quanto à terminologia mais correta a ser utilizada" (CAPINUSSÚ, p20, 1988).

No entanto, podemos concluir que este desvio só é usado porque há um público cativo que o aceita e o consome e que é essa cumplicidade que faz com que o comunicador perpetue o uso dessa linguagem. "Estes recursos são utilizados pelas emissoras na disputa em busca do *point* de audiência, e assim conquistarem o público, que identifica-se com as características dos programas esportivos" (CAMARGO, [http://www.sergiomattos.com.br/liv\\_tvregionais10.html](http://www.sergiomattos.com.br/liv_tvregionais10.html)).

## 6.2 A COBERTURA DO FUTEBOL E A DA GUERRA NO GLOBO ON

LINE

Durante o período de 10 dias analisamos os cadernos “mundo” e “esportes” de dois veículos noticiosos: o jornal O Globo e o site [www.globoonline.com.br](http://www.globoonline.com.br). As matérias (disponíveis nos anexos 8.2, 8.3 e 8.4), mundiais, foram selecionadas com base na sua ligação com guerras, atentados, confrontos civis ou qualquer proximidade que tivessem com conflitos armados. Já nas de esportes foram escolhidas somente aquelas relacionadas ao futebol.

Encontramos notícias que falavam sobre seqüestros, ataques terroristas no Iraque, Cairo, Somália, Líbano, Mianmar e Afeganistão, protestos das famílias de soldados ingleses mortos no Iraque, o caso Adu Gharaib, disputas na Palestina, no Uzbequistão, a prisão de membros da Al Qaeda no Paquistão e Iraque, as Bombas atômicas da Coréia do Norte, Liga dos Campeões, campeonatos Italiano, Espanhol e Brasileiro e Copa do Brasil.

Nas matérias do site relacionadas às guerras notamos a presença de termos apropriados pelo futebol como violência, ataque, lançamento, bomba, tiro, estratégia, ameaça, treinamento, guerra, explosão, arrasador, comandante, comando, capitão, coronel, general, alvo, força, armas, luta, batalha, canhão, desarme, munição, invasão, domínio, defesa, perigo, enfrentamento, heróis, ofensivo, confronto, abuso.

Entretanto, se relacionarmos os textos de futebol e os de conflitos, encontraremos nos dois as seguintes palavras e termos delas derivados: ofensivo,

confronto, defesa, bomba, armas, dominar, ataque, ameaça, violência, enfrentamento e abuso.

O termo ofensivo e seus derivados aparecem relacionados aos apoiadores e atacantes da equipe do Santos e sua partida contra o Flamengo pelo Campeonato Brasileiro (14/05). No entanto, essas mesmas palavras são notadas quando se fala sobre ataques norte-americanos ao Iraque (09/05).

No Uzbequistão, tropas militares e manifestantes rebeldes, contrários ao governo, se confrontaram (10/05). Assim como Parma e Livorno, que não tiveram um jogo e sim “um confronto em que as redes mais balançaram” pelo campeonato italiano (01/05), ou entre Grêmio e Fluminense, pela Copa do Brasil ou PSV e Milan pela Liga dos Campeões (03/05).

Além disso, o Barcelona leva vantagem nos “confrontos diretos” com o Real Madrid pelo Campeonato Espanhol (08/05) enquanto que tropas uzbeques e rebeldes tiveram como palco de confronto uma praça (10/05). O interessante é notar que o termo aparece uma única vez no noticiário referente às guerras, já no de futebol, é citado quatro.

Já a palavra defesa é encontrada nas notícias ligadas ao caso Abu Ghraib (01/05, 03/05 e 04/05), apontando as estratégias usadas para inocentar a militar acusada de abusos contra prisioneiros, e nas do ataque a cidade iraquiana de Arbil (04/05), no qual o Ministério da Defesa levantava o número de mortos e nas referentes às bombas atômicas da Coréia do Norte que vêm trazendo preocupação para o departamento de defesa americano (08/05).

No futebol aparece relacionada aos lances ou aos atletas que impedem que os gols aconteçam, como com o goleiro do Liverpool em uma cobrança de falta

(03/05) e com o goleiro Fábio no jogo entre Fluminense e Cruzeiro (08/05), ou ainda com atletas flamenguistas que deixavam rebotes aos adversários colorados (08/05), ou na partida entre Ponte Preta e Paysandu em que a palavra é citada em quatro momentos.

Na cidade do Cairo (30/04), em Bagdá (02/05), Arbil (04/05), no Líbano (06/05) e em Mianmar (07/05) bombas explodiram matando centenas de pessoas. Já partida entre Vasco e Fortaleza pelo Brasileiro (30/04), uma delas explodiu no trave, e na do Fluminense com o Cruzeiro (08/05), Rodrigo Tiui mandou outra pela linha de fundo.

Assim como estavam armados os suicidas (01/05), os seqüestradores iraquianos (06/05), milícias afegãs (02/05) e soldados norte americanos (09/05), também possuía armas a equipe do Fortaleza, que as usou no jogo contra o Vasco (30/04).

No Paquistão, a região de Ismalabad é dominada por líderes tribais (04/05) como o Iraque era por uma minoria sunita na época de Saddam Hussein (04/05). Já o Palmeiras dominava o meio campo no jogo contra o Brasiliense (01/05) e o Grêmio, os rebotes do Flamengo (08/05). Por sua vez, o atacante da Ponte Preta Kahê, fez grande jogada ao dominar a bola (07/05) assim como colorado Gustavo antes de marcar (08/05).

Ataques terroristas provocaram mortes no Iraque, quando um homem bomba atacou uma fila de jovens (04/05), no Líbano (06/05), Mianmar (07/05) e na Faixa de Gaza (08/05). Dentro de campo, o Santos usou Deivid e Robinho para

chegar ao ataque (10/05), assim o Chesea (03/05) e o Inter (08/05) se beneficiaram de contra-ataques.

No Iraque, insurgentes ameaçaram a população local (06/05), enquanto que a Agência Internacional de Energia Atômica alertou para a ameaça que a Coreia Norte poderia representar (08/05); já no Uzbequistão, o presidente Islam Karimov usa o islamismo como forma de ameaçar os insurgentes.

No entanto, o Brasiense, jogando no Palestra Itália, ameaçava os donos da casa nos contra-ataques e com um chute de letra de Tiano (01/05). O Flamengo, porém, quase não ameaçou o gol do Inter e por isso foi ameaçado nos chutes de Rafael Sóbis (08/05).

A campanha de violência que matou 13 pessoas em Bagdá continuava (01/05), enquanto o ataque que matou 58 iraquianos foi o mais violento e fazia parte de um plano de violência de rebeldes (06/05). O governo uzbeques, porém, creditou a extremistas islâmicos a violência no país (10/05) e ela, mesmo com acordos, continuou presente na Cisjordânia (08/05).

Dentro de campo, o volante Pituca do Brasiense recebeu o segundo cartão amarelo e, em seguida, foi expulso ao fazer uma falta violenta no meia Juninho Paulista. Já o Palmeiras quase ampliou o placar num chute violentíssimo do atacante Osmar (01/05).

Na fronteira entre Afeganistão e Paquistão milícias e terroristas tem enfrentado juntos forças de segurança paquistanesas (04/05), e as tropas do Uzbequistão enfrentaram rebeldes na cidade de Andishan (04/05). Já o Palmeiras

enfrentará o Coritiba, o Brasiense, o Atlético Mineiro (01/05), o Santos, o Flamengo (07/05), o Paysandu, o São Caetano (07/05) e o Flu enfrenta o Grêmio pela Copa do Brasil (03/05).

A soldado americana Lynndie England foi julgada por abusos cometidos contra prisioneiros em 2003 (03/05, 04/05) e o presidente uzbeque, Karimov, é criticado por seus abusos aos direitos humanos (10/05). Porém, o Fluminense abusou das jogadas de meio campo (08/05).

### 6.3 A COBERTURA DO FUTEBOL E A DA GUERRA NO JORNAL O GLOBO

Notamos que, se comprada ao site, a presença de palavras que lembravam conflitos era bem menor. Sendo que, algumas matérias não chegavam a possuir sequer um desses termos. Outro ponto relevante foi o fato desse tipo de linguagem ter uma presença mais constante nos textos que se referiam diretamente aos relatos de jogos.

Encontramos, nas reportagens de guerra, basicamente as mesmas palavras que estavam presentes no site. Achamos, porém, nas matérias de futebol algumas que ainda não haviam sido vistas, como: comandar ou comandante, ferido, força, fracasso, fúria, inimigo, luta, tensão, pressionar, temor, medo e vítima.

Dário Lourenço ao invés de dirigir equipes da terceira divisão, as comandava (30/04), no Flamengo, o time não era a cara do técnico Celso Roth e sim do comandante (02/05), já Abel Braga comandou o treino do Flu (03/05). Porém, durante a Segunda Guerra Mundial, para acelerar a invasão da Alemanha, Stalin promoveu uma disputa entre dois comandantes (07/05) e a comandante da prisão de Abu Ghraib foi rebaixada depois da denúncia de tortura de presos (06/05).

O ataque a uma fila de candidatos à polícia, em Bagdá, feriu 150 pessoas (05/05) e um fuzileiro americano matou um iraquiano ferido e atirou em outros três (06/05). Já os jogadores do Vasco estavam feridos com os maus resultados do início do campeonato (06/05).

O Botafogo compensou a falta de brilho com força (02/05), o Santos confirmou a sua ao vencer o Coritiba no Couto Pereira (02/05), Parreira, por sua vez quer levar força máxima para Copa das Confederações (03/05). Entretanto, os

EUA estavam dispostos a usar a força para discutir a questão das armas nucleares na Coreia do norte e no Irã (03/05) e os rebeldes iraquianos não aceitavam negociar com forças americanas (30/04).

Iniciativas internacionais não alcançaram seus objetivos, fracassando ao tentar diminuir ambigüidades do acordo de não proliferação de armas nucleares (02/05). Nos times grandes brasileiros, no entanto, só os técnicos pouco conhecidos que conseguem vencer dirigindo equipes de massa não vão ter seus nomes na lista dos que fracassaram (08/05).

A manchete estampava mais um dia de fúria no Corinthians, se referindo à briga entre Tézé e Marquinhos (30/04), na Segunda Guerra Mundial, por sua vez, a população alemã, vendo o Nazismo ser extinto, ficou entregue à fúria dos exércitos soviéticos (08/05).

O time do PSV, na Holanda, tem como principal inimigo a equipe do Ajax (04/05), já os militares alemães, com a proximidade do fim da Segunda Guerra, tiveram muitas baixas devido ao fato de ficarem expostos aos inimigos soviéticos (08/05).

O Real Madrid precisava vencer, não para continuar tendo chances de ser campeão, e sim para lutar pelo título com Barcelona (30/04), já Obina tinha espírito de luta na vitória sobre o Figueirense (02/05) e o time do Chievo, de Júlio César, lutava contra Brescia, Fiorentina e Atalanta para não cair no Campeonato Italiano (06/05).

O terrorista Abu Faraj al-Libbi, preso no Paquistão, lutou no anos 80 contra a ocupação soviética no Afeganistão (05/05) e o capitão alemão Wather Wenck, já

perto do fim da Segunda Guerra e com o seu país praticamente dominado, lutava para salvar o que restava do seu exército (08/05).

Enquanto o problema entre Tevez e Marquinhos deixou a situação tensa no time do Corinthians (30/04), ataques no Iraque poderiam fomentar a tensão entre xiitas e sunitas (07/05). Além disso, o fato de Irã e Coréia do Norte possuírem armas nucleares causou tensão mundial (02/05).

O Chievo é uma equipe com pressão da torcida infinitamente menor que a de uma equipe de massa (06/05), o também italiano Bologna pressionou o Juventus mas não conseguiu vencer (02/05). Quem também pressionou, só que os aliados, foram os rebeldes iraquianos através da divulgação de um vídeo de um australiano seqüestrado (07/05).

O time de estrelas do Corinthians não fez medo no volante Joílson do Botafogo (30/04), ao contrário do Vasco que, com seu mau começo no brasileiro, fez a comissão técnica sentir temor quanto ao seu futuro (02/05). Por sua vez, o ataque à cidade de Suwayra fez aumentar o medo de uma guerra civil (07/05), sentimento esse, sempre presente entre soldados e oficiais soviéticos durante a Segunda Guerra (08/05).

No Iraque, ataques de rebeldes, com suicidas ou carros-bomba, vitimaram inúmeras pessoas (05/05), já no Flamengo, as duas maiores vítimas da falta de jogadores ofensivos no elenco foram os atacantes Fabiano Oliveira e Fellype Gabriel (07/05).

Encontramos ainda palavras que deveriam ficar nas páginas de guerra, mas estavam nas de futebol, como agressivo, se referindo ao PSV na semifinal da Liga

dos Campeões contra o Milan, escapar, em relação à chance perdida aos 45 do segundo tempo (05/05) ou traumática, com a situação vivida pelo Fluminense nas eliminações traumáticas da Copa do Brasil em 1995 e em 2002 (04/05).

Além disso, Ronaldinho Gaúcho, ainda, obrigou o goleiro Valbuena do Albacete a fazer uma defesa (02/05), já Fellype Gabriel foi caçado por Júnior durante treino na Gávea (07/05) e o Tricolor carioca iria sofrer por ter que viajar para o jogo contra o Paysandu (30/04) assim como o PSV por não ter se classificado para a final da Liga dos Campeões europeus (05/05).

O goleiro Júlio César participou em 2002 da conquista da Copa América (06/05) já o Chelsea conquistaria o título inglês se derrotasse o Bolton (30/04). Assim como o Brasil conquistou o tetra em 1994 (30/04), o técnico do Liverpool buscava a conquista do quinto título europeu do clube (03/05).

O jogo entre Corinthians e Botafogo não era uma partida e sim um duelo na ilha (30/04), do mesmo que foi o entre os veteranos das equipes brasileira e mexicana que disputaram a copa de 94 (30/04) e o que aconteceria na partida de volta da semi-final da Copa dos Campeões europeus entre PSV e Milan (04/05).

#### 6.4 A GUERRA NOS VEÍCULOS ESPORTIVOS

Verificamos também jornais e revistas com conteúdo voltado exclusivamente para os esportes, mas com destaque para o futebol. Entendemos que o uso de termos ligados à guerra é muito maior nestes que nos veículos informativos anteriormente analisados. Além disso, usam de outros artifícios, principalmente nas capas, como imagens, artes e montagens para expressar a idéia de conflito.

A palavras de origem bélica são usadas como meio de atrair, por isso sua presença é notada com mais freqüência nas manchetes. “As manchetes, portanto, são chamarizes e precisam cobrir-se de ornamentos para chamar a atenção do público-leitor” (OLIVEIRA, <http://www.mundocultural.com.br/artigos/4/8/530.shtml>).

Desse modo, adquirem um caráter fragmentado, fazendo com que sua compreensão só seja possível com a leitura da matéria, ou com um conhecimento anterior de certos aspectos culturais referentes ao futebol e ao contexto que está atualmente inserido.

O uso desses termos, principalmente nas manchetes, é resultado das próprias práticas jornalísticas. Um dos critérios de noticiabilidade é a curiosidade e o objetivo é que ela seja despertada no receptor, principalmente através de títulos e artes, fazendo com que um desejo de entender a situação seja criado.

Uma manchete como “Cruzada Alvinegra”, da capa do Jornal do Sports (14/05/05), que aborda o jogo entre Botafogo e Atlético Mineiro e traz o atacante Guilherme empunhando uma espada e usando trajes de cavaleiros medievais.

Essa idéia do conflito é reforçada pelo bigode que traz os termos guerreiro, batalha e luta, porém dá uma noção do tema em questão.

O que faz com que o leitor compre o jornal para entender porque aquela partida seria uma guerra de libertação. Ao ler o texto percebe-se que a cruzada de Guilherme é em busca da manutenção de sua invencibilidade, de nove jogos, como titular pelo Botafogo. A palavra “guerra”, entretanto, sequer é mencionada apenas quatro termos, dos mais comuns do futebol são encontrados: enfrentar, conquista, artilheiro e invasão.

Também no Jornal do Sports (17/05/05), encontramos outra capa que tem o mesmo enfoque nos conflitos. Dessa vez, com a manchete “Exterminador de recordes”, aparece o técnico do Fluminense, Abel Braga, comandando um tanque de guerra com as cores do tricolor.

O texto fala sobre a tentativa do time de superar o recorde de nove vitórias consecutivas dos tricolores, obtido em 1941 no Campeonato Carioca. Além disso, a idéia de batalha é quase inexistente, só sendo notada no uso de adversários, comandado e conquistado.

Os recursos usados nos diários esportes são também vistos nas revistas dessa área. Na revista Placar (03/96), o atacante Luizão, que na época jogava no Palmeiras aparece, vestido como um gangster norte americano, com uma arma em punho cujo tiro é uma bola de futebol seguido por um título enfático: “Luizão o matador”.

O reforço dessa idéia vem no índice, em que a matéria é intitulada “Perigo na área” e vem seguida pelo subtítulo “Luizão o gatilho mais rápido do Palmeiras, traz pânico aos goleiros”. Já na matéria, é enfatizado, com o bigode, “um matador

profissional abre caminho no Palmeiras para ocupar a vaga do artilheiro Valdir”, e com as quatro seqüências de dez fotos e uma de página inteira em que empunha dois revólveres.

Além disso, várias palavras de guerra são notadas tais como artilheiro, conquista, morrer, rival, enfrentar, sanguinárias, adversário, comandar e duelo. Porém, os destaques são os termos vítima, que aparece três vezes, e matador, presente em sete.

Já na revista “Lance a +”, na capa da edição de 30 de setembro a 6 outubro de 2001, estão frente a frente, como se prestes a brigar, o presidente do Vasco, Eurico Miranda, e o ex-técnico da equipe, Osvaldo Oliveira. Entre os dois a manchete: “Vai encarar?” e, em seguida, “Brasileiro esquenta com duelo entre desafetos”.

A reportagem fala sobre as disputas entre Marcelinho Carioca e Wanderlei Luxemburgo, que iriam se encontrar na partida entre Santos e Corinthians, e Osvaldo e Eurico, que se encontrariam no jogo entre Vasco e Fluminense. Chama a atenção a idéia de enfrentamento passada e o aparecimento da palavra inimigo.

Essa última, nesse mesmo veículo, mas na edição de 24 a 29 de outubro de 2004, também é destaque na capa. Uma bandeira da Argentina, com o rosto do seu técnico, José Pekerman é colocada sob a manchete “O inimigo”. Já o texto fala sobre a carreira vitoriosa do treinador no comando (termo presente 10 vezes)

das categorias de base daquela seleção e ameaça que ele poderia ser na conquista do hexa.

Já os perigos e armadilhas da série B preocupavam Palmeiras e Botafogo na edição da Lance a +, de 28 de setembro a 4 de outubro de 2003. A abertura da reportagem foi feita com uma ilustração do caminho para a primeira divisão do Brasileiro. Nela, os mascotes dos dois times pisam cuidadosamente num campo repleto de ciladas.

Ainda nesse mesmo veículo, na edição do dia 27 de novembro a 3 de dezembro de 2004, estão frente a frente os técnicos do Chelsea, José Mourinho, e do Arsenal, Arsène Wenger, como se discutissem. No fundo vermelho, que remete à idéia de sangue, os dois têm como sombra o duelo entre cavaleiros medievais junto a um título ainda mais chamativo: “A arte da Guerra”.

Na matéria, que fala sobre a disputa entre o futebol arte e o de resultados, é encontrado uma montagem rasgada ao meio, com dois jogadores, um de cada equipes, em lados opostos com a bola correndo como se buscassem chegar na primeira posição. A manchete é ainda mais enfática em relação à idéia de guerra: “Nova trincheira”.

## 7. CONCLUSÃO

Concluimos que a ligação entre o futebol e a guerra, por ser tão antiga quanto a própria prática esportiva, aproxima muito esses dois tornando-os

semelhantes, sendo que, essa modalidade, inclusive, foi usada como meio de treinamento de exércitos e até de comemoração das vitórias nas batalhas na qual era jogado com a cabeça dos inimigos.

Entendemos também que o futebol é um fato social singular, já que é um dos poucos, senão o único, acontecimento capaz tanto de parar guerras, como no caso do jogo entre Santos e Nigéria que interrompeu momentaneamente a guerra civil, quanto de gerar ou potencializar conflitos, como é comum entre torcidas adversárias.

Percebemos que a relevância dessa modalidade pode ser medida pela fidelidade com a qual os torcedores se dedicam a um clube, a precocidade com que é feita a escolha do time e, ainda, pela força da rivalidade entre as equipes e seleções. Notamos também, que essa rixa entre os torcedores não é casual, podendo ser explicada por fatores históricos, e que fica mais forte quanto mais próximos fisicamente forem os clubes.

Inferimos que essas disputas são usadas pela mídia como um modo de despertar o interesse do receptor para determinadas partidas, ou seja, dando aos jogos contornos de uma batalha, os fãs das equipes envolvidas se sentiriam muito mais estimulados a torcer e consumir as informações a ela referentes.

Concluimos, ainda, que com esse mesmo objetivo, os jogadores são transformados em heróis e vistos como quase deuses capazes de atos impossíveis para a maioria dos que os vêem. Além disso, os jogos passam a ser observados como guerras simbólicas, nas quais não está em jogo apenas a vitória

ou a derrota e sim a dignidade e soberania de uma nação, ou a honra dos apaixonados por um time.

Baseado nisso, vemos que se dá a forte cobrança em cima dos atletas, uma vez que, se dá uma projeção através da qual, os mesmos passam a ser os representantes dos torcedores e, ao não se esforçarem ou errarem demasiadamente dentro de campo, é como se se negassem a defender a moral daquele determinado grupo. Ao contrário, porém, quando fazem a sua parte no gramado, são idolatrados e postos em um patamar muito próximo do de uma divindades.

Ainda no que se refere a isso, entendemos que houve uma apropriação desse esporte pelo marketing, transformando-o em um grande negócio. Os ídolos, por esse poder atrair os torcedores, passaram a ser mercadorias altamente rentáveis e capazes de vender qualquer coisa associada à sua imagem. Desse modo, a visibilidade na imprensa passou a ser de suma importância para os atletas, já que, quanto mais aparecessem, maiores seriam os preços de seus cachês e conseqüentemente cresceriam os lucros produzidos pelos produtos a eles relacionados.

Além disso, apreendemos que para o jogador ter um espaço nos meios de comunicação não é necessário ser um craque, basta ter uma boa estratégia de marketing e usar certos artifícios que alimentem os noticiários, tais como dar declarações bombásticas, ter atitudes polêmicas, inventar comemorações para os

gols, ser visto em festas, fugir da concentração, discutir com o treinador ou até mesmo trocar de namorada.

Também é de destaque, o fato do futebol despertar interesse de políticos devido ao forte apelo popular que possui, como o que foi visto durante o governo de Getúlio Vargas e a Ditadura Militar no Brasil. Muito disso se deve ao nacionalismo que é nele embutido que, com a ajuda dos meios de comunicação, o torna capaz de unir a população e em torno de um único objetivo: ser campeão. Desse modo, busca-se associar as vitórias dentro de campo com a idéia de um país vencedor, vitorioso.

Em relação à linguagem da imprensa esportiva, compreendemos que a mesma está repleta de termos de origem bélica e que essa colocação se dá por dois motivos: chamar a atenção do receptor e usar um linguajar que faça parte do seu universo de receptor, já que, termos como bomba, ameaça, perigo, batalha ou inimigo são de conhecimento geral. Com isso, a notícia se torna mais atrativa e os lucros crescem através do consumo dessa informação.

Também concluímos que se esta linguagem é usada isso acontece devido à existência de um público que a entende, incentiva e consome, seja dando audiência aos noticiários e transmissões de rádio e televisão ou lendo o conteúdo de sites e jornais que usam desse recurso.

No que se refere aos veículos noticiosos, compreendemos que a linguagem da guerra está mais presente nos textos que se remetem especificamente ao relato de jogos. Além disso, notamos que as mídias unicamente esportivas usam

com mais frequência esses recursos bélicos em seus textos e que não se limitam apenas às palavras, apresentando também, artes, ilustrações e montagens.

## 8. ANEXOS

### 8.1 GLOSSÁRIO DE TERMOS BÉLICOS DO FUTEBOL

GUERRA	SENTIDO REAL	SENTIDO DO FUTEBOL
Abafar (a jogada)	Conter; dominar; reprimir; sufocar;	Impedir que a jogada prossiga;
Arqueiro	Aquele que luta com arco e fecha;	Goleiro;
Armador	Pessoa que arma; aquele que dispõe armadilhas;	Atleta responsável por criar as jogadas de ataque;
Armar (equipe)	Munir de armas; fornecer armamento; vestir armadura; preparar-se para a guerra; dispor armadilha; prover-se de armas;	Criar jogadas de ataque;
Ameaça (de gol)	Perigo; intimidação; advertência; ultimato;	Jogada que tem grandes possibilidades de ser finalizada com um gol;
Arrasador	É aquele que arrasa, destrói, devasta;	Equipe que consegue vencer facilmente as partidas;
Artilharia	Conjunto de peças para atirar projéteis a longa distância; tropa dos artilheiros; armas do exército;	Lista dos jogadores que mais marcaram gols em um campeonato;
Artilheiro	Soldado da artilharia;	Jogador especialista em marcar gols; atleta que fez mais gols de uma competição;
Atacante	Aquele que ataca; agressor; injurioso; ofensivo;	Atleta que atua na frente da equipe e tem como função principal marcar gols;
Ataque	Ação de atacar; investida; agressão;	Atletas que jogam na frente da equipe e tem como função principal marcar gols; jogadas que objetivam a marcação de

		gols;
Bala	Projétil com que se carregam armas de fogo;	Chute forte;
Barreira	Trincheira; obstáculo limite;	Jogadores posicionados, em cobranças de falta, de modo a impedir que a bola chegue ao seu gol;
Batalha	Peleja entre dois exércitos ou armadas; combate; luta;	Partida disputada, de grande rivalidade;
Batalhador	Aquele que batalha, lutador;	Atleta que apresenta disposição em campo; que chama para si a responsabilidade do jogo; que se apresenta em todas as jogadas;
Batalhar	Participar de batalhar, lutar contra; combater;	Jogar com vontade;
Batedor	Soldado com farda e a cavalo que precede os veículos de autoridades;	Jogador responsável pelas cobranças de falta;
Bater	Atacar com tiros de artilharia; dar pancadas em; vencer ; tocar violentamente; ir de encontro; combater; dar pancadas em; tocar violentamente;	Cobrar faltas; vencer de forma humilhante o adversário;
Bomba	Projétil contendo substâncias explosivas; engenho bélico baseado na libertação de energia atômica, produzida a partir da cisão de U 235 ou de plutônio;	Chute forte;
Campo	Local onde os exércitos se enfrentam;	Local onde as partidas acontecem;

Canhão	Arma que dispara projétil a longas distâncias; peça de artilharia;	Chute forte; atleta com chute forte
Capitão	Chefe militar graduado entre tenente e major; comandante; designação antiga para chefes de milícias locais;	Jogador que carrega braçadeira; é escolhido pela sua liderança na equipe;
Carrasco	Funcionário executor de pena de morte; homem cruel;	Atleta que determina a derrota de seu adversário;
Comandante (Dar)	Oficial superior da Marinha;	Técnico da equipe;
Combate	Ação de combater; lutar contra; oposição; discussão; batalha;	Marcação;
Confronto	Enfrentamento; acareação; combate direto entre exércitos;	Jogo; partida;
Conquistar	Tomar à força de armas; subjugar pela força; apoderar-se;	Vencer; ganhar; ser campeão;
Convocação	Chamada dos soldados que vão lutar em uma batalha;	Chamada dos jogadores que vão jogar em uma partida;
Coronel	Patente do comandante de um regimento;	Técnico de um time; atleta que exerce liderança dentro de campo;
Defensivo	Que resguarda; protege; poupa; salva;	Estilo que se caracteriza pela presença de jogadas que tentam impedir que os gols aconteçam;
Defesa	Ato de defender; repelir um ataque;	Atletas responsáveis por proteger o gol de sua equipe contra o adversário;
Derrota	Desbarato; ruína; destruição de tropas;	Ser superado pelo adversário no número de gols;
Desarmar	Tirar as armas, o armamento; tirar os meios de ataque ou	Tirar a bola do adversário quando ele está de posse dela; impedir que ele dela se

	defesa; desmanchar;	apodere;
Detonar	Produzir detonação; explodir;	Vencer humilhantemente o adversário;
Disputa	Rixa; discussão acalorada; enfrentamento;	Jogo; partida;
Domínio (da bola ou do jogo)	Autoridade; posse; influência; repressão;	Ato ou efeito de colocar a bola sobre controle; impor seu ritmo de jogo ao adversário;
Duelar	Confrontar-se em duelo; guerrear; lutar;	Jogar;
Duelo	Combate com duas pessoas; luta com armas iguais;	Jogo; partida;
Enfrentamento	Combate direto entre exércitos;	Jogo; partida;
Enfrentar	Atacar de frente;	Jogar;
Estratégia	Arte militar de mover as tropas ou navios de modo que se imponham a o inimigo; tempo e demais condições da batalha; estratagemas;	Ações tomadas fora do campo de jogo que buscam levar a equipe à vitória;
Explosão	Detonação; estouro;	Momento em que atleta usa toda a sua força muscular para obter velocidade; quando a bola, em um chute forte, é interceptada;
General	Título dado ao oficial militar de graduação imediatamente superior a do coronel;	Técnico com temperamento forte; atleta que exerce liderança na equipe dentro de campo;
Guerreiro	Relativo à guerra; combativo; aguerrido;	Atleta que joga com vontade, disputando todas as jogadas;
Herói	Homem extraordinário por suas proezas como guerreiro, por seu valor ou magnanimidade;	Atleta que marca o gol que define a vitória de sua equipe;

Inimigo	Hostil; oponente; opositor;	Adversário;
Invadir	Dominar; tomar violentamente; envolver; conquistar; arrastar; atacar; agredir;	Entrar no campo do adversário;
Ladrão	Aquele que furta ou rouba; salteador; gatuno;	Jogador que tira a bola do adversário com facilidade;
Lançamento	Ato de lançar projétil em direção ao território inimigo;	Tentativa de progressão no campo do adversário através de passe a atleta em posição anterior; passe em profundidade;
Luta	Combate; batalha; confronto; afronta; briga; duelo; guerra;	Jogo difícil;
Lutar	Afrontar; confrontar; batalhar; guerrear; duelar; combater;	Jogar com vontade;
Massacre	Chacina; assassinatos com crueldade; carnificina;	Goleada; derrota vergonhosa;
Matador	Aquele que mata; assassino; homicida;	Jogador que não perde gols;
Matar (a bola ou a jogada)	Tirar a vida; assassinar; liquidar;	Dominar ou controlar a bola; impedir que a jogada adversária prossiga;
Meta	Alvo; mira; arena;	Gol;
Morte súbita	Morte rápida, inesperada;	Prorrogação de jogo, em que sai vencedor o time que marcar um gol primeiro;
Ofensivo	Que ofende; agressivo; injurioso; insultuoso; ultrajante;	Estilo de jogo que se caracteriza pelas jogadas de que buscam o gol;
Peleja	Briga; batalha; duelo; conflito; guerra; combate; luta;	Jogo, partida;
Perigo (de gol)	Ameaça; intimidação; risco; gravidade; estado em há receio de alguma coisa; situação geradora de temor de	Possibilidade de gol;

	uma lesão física ou moral a uma pessoa ou de uma ofensa a seus direitos;	
Prélio	Batalha; combate; duelo; guerra; luta; peleja; pugna;	Partida, jogo;
Pressionar	Manter sob pressão; afligir; coibir,	Jogar no ataque;
Pugna	Batalha; combate; duelo; guerra; luta; peleja; prélio;	Partida, jogo;
Ponta de lança	Extremidade pontiaguda de certa arma;	Jogador de meio campo com características voltadas para as jogadas de ataque;
Pontaria	Ato de atirar na direção da linha de mira, de alvo;	Chutar com competência na direção do gol;
Resistir	Afrontar; combater; opor-se; recusar-se; oferecer resistência; não ceder;	Impedir que os ataques adversários terminem em gol;
Rival	Hostil; agressivo; inimigo; antagonista; concorrente; oposto; oponente; opositor; adversário;	Time contra o qual se irá jogar;
(jogar no) Sacrifício	Imolação de vítimas de holocausto; oferecer vidas como reverência a divindades; atos violentos com requinte de crueldade;	Jogar sem estar em plenas condições físicas;
Sargento	Oficial inferior do exército;	Atleta com liderança em campo; técnico da equipe;
Sofrer	Padecer; apanhar; se submeter à dor física; padecer;	Ter uma partida difícil;
Tanque	Carro de guerra, blindado, apropriado para percorrer terrenos acidentados;	Atleta com muita força muscular;
Tática	Ato de dispor as tropas no território em que elas devem	Ações usadas dentro do campo de jogo que têm como

	combater;	objetivo chegar à vitória;
Tiro	Ato ou efeito de atirar; a carga ou o disparo de uma arma de fogo;	Chute forte;
Torpedo	Míssil; projétil; máquina de guerra submarina, que explode pelo choque contra um navio ou por outro meio;	Chute forte;
Vilão	Homem desprezível, miserável, grosseiro, sórdido;	Jogador responsável pela derrota de um time;
Violento (chute, jogador)	Que comete violência; que comete constrangimento físico ou moral; que coage ou força; quando há emprego de força bruta; agressivo; tumultuoso;	Chute forte; atleta que comete muitas faltas;
Vítima	Pessoa morta em holocausto a uma divindade; indivíduo sacrificado aos interesses ou paixões de outrem; pessoa assassinada ou ferida; aquele que sucumbe a uma desgraça ou que sofre algum infortúnio; tudo o que sofre qualquer dano; aquele contra quem se comete algum crime ou contravenção;	Time derrotado em partida; atleta que sofreu falta;
Vitória	Ato ou efeito de vencer o inimigo em uma batalha; triunfo;	Superar o número gols marcados pela equipe adversária;
Xerife	Encarregado de garantir o cumprimento da leis; delegado;	Jogador com liderança em campo;

## 8.2 MATÉRIAS DO GLOBO ON LINE

### 8.2.1 MATÉRIAS DE GUERRA

01/05/2005 - 10h12m

#### **Violência no Iraque continua: 13 mortos neste domingo**

*EFE*

BAGDÁ - Os rebeldes iraquianos prosseguiram neste domingo com sua campanha de **violência**, promovendo vários **ataques** que deixaram 13 mortos e vários feridos. Segundo porta-vozes do Ministério do Interior, cinco policiais morreram quando um grupo de cerca de 30 homens **armados atacaram** um posto de controle na área de Nahrauan, sudeste de Bagdá, pouco antes de cinco civis terem morrido em um atentado suicida na mesma área.

O grupo do jordaniano Abu Musab Al Zarqawi, chefe da Al Qaeda no Iraque, reivindicou a autoria do primeiro dos **ataques**, em mensagem em um site islâmico.

As mesmas fontes disseram ainda que uma criança de cinco anos está entre as cinco mortos em um atentado suicida ocorrido logo depois do atentado ao posto policial. Esse segundo **ataque** teve como cenário o bairro de Zafaranyia, próximo a Nahraun, e aconteceu durante a passagem de um comboio militar conjunto iraquiano-americano.

Os porta-vozes do Ministério do interior também informaramdo assassinato de três pessoas em Bagdá, entre elas um responsável pelo serviço de saneamento do subúrbio de Al Mansur, oeste da capital iraquiana.

Os novos **ataques** coincidem com uma nova operação de segurança **lançada** por **forças** de elite iraquianas na cidade de Maidan, a cerca de 30 quilômetros a sudeste de Bagdá e um dos feudos rebeldes mais próximos da capital.

As fontes precisaram ainda que em uma operação feita nesta sexta-feira as **forças** iraquianas encontraram a bolsa da britânica Margareth Hassan, seqüestrada no ano passado por um grupo rebelde.

Embora as autoridades iraquianas e britânicas acreditem que ela esteja morta, assassinada por seus seqüestradores, o corpo da refém britânica nunca foi localizado.

30/04/2005 - 16h45m

#### **Atentados deixam dois mortos e sete feridos no Cairo**

*Reuters*

CAIRO - Um **homem-bomba** e duas mulheres usando véus atacaram turistas em incidentes distintos no Cairo neste sábado, alvejando pessoas perto de um museu popular e em um ônibus no Sul da cidade, disseram autoridades. As mulheres foram identificadas como uma irmã e uma namorada do suicida.

Um egípcio, provavelmente o homem-**bomba**, e as duas mulheres morreram. Sete pessoas foram feridas perto do museu, uma grande atração turística do Cairo, com tesouros faraônicos. O responsável pela segurança da capital egípcia confirmou que se tratava de um atentado suicida. Os feridos são três egípcios, um casal israelense de 60 e 55 anos, um italiano de 26 e um sueco de 28, informou o Ministério do Interior.

No ataque ocorrido no ônibus - o primeiro de que há registro no Egito perpetrado por mulheres - uma dupla, usando véu, abriu fogo contra a janela de trás de um veículo para turistas. Nenhum passageiro foi atingido pelos **tiros**, mas o vidro espalhou-se por uma ampla área na estrada.

As duas mulheres cobertas com véus foram identificadas pelo Ministro do Interior como Negat Yousri, irmã do homem-**bomba**, e Iman Ibrahim Khamees, namorada dele. Elas atacaram na rodovia Salah Salem, considerada uma das principais artérias do Sul da cidade.

Dois atentados a **bomba** nos últimos sete meses tiveram pouco impacto sobre a indústria do turismo no Egito, que gerou US\$ 6,6 bilhões em 2004 - ano recorde, com a visita de mais de 8 milhões de turistas. Mas economistas dizem que uma série de **ataque** poderia prejudicar gravemente o país.

O Ministro da Saúde Mohamed Awad Tag el-Din disse que os feridos foram atingidos por pregos que havia dentro dos explosivos. A maioria passa bem, exceto o sueco, cuja gravidade dos ferimentos foi considerada "média".

- Eles estão no hospital em condição estável - acrescentou o ministro do Turismo, Ahmed el-Maghrabi.

O ministério informou que Negat cometeu suicídio. Khamees morreu no hospital de ferimentos a bala. Não está claro quem atirou nela.

O **homem-bomba** foi identificado como Ihab Yousri Yassin, membro fugitivo de um grupo que planejou um **ataque a bomba** que matou três turistas num mercado do Cairo em 7 de abril.

01/05/2005 - 21h44m

## **Jovem militar símbolo do escândalo de Abu Ghraib vai se declarar culpada nesta segunda-feira**

*Agências Internacionais*

WASHINGTON - A jovem militar americana que se tornou rosto mais conhecido - e, de certa forma, o símbolo - do infame escândalo de tortura na prisão de Abu Ghraib, no Iraque, vai declarar-se culpada. Nesta segunda-feira, na corte marcial que poderia condená-la a até 160 anos de prisão, Lynndie England, de 22 anos, vai assumir a culpa pelas nove acusações que pesam contra ela. Seus advogados dizem que a admissão é uma estratégia para que sua pena fique em torno de dois anos e meio. Mas, mesmo com a confissão, ela poderia ser condenada até 11 anos de prisão, segundo seu advogado Jonathan Crisp, capitão do Exército.

Lynndie England é a mulher que, nas fotos que desencadearam o escândalo, arrasta um detendo por uma coleira, faz o sinal de positivo com o polegar por trás de uma pirâmide de presos nus e

aponta alegremente para presos sem roupa e encapuzados.

A figura baixa e franzina de Lynndie England então, com cabelos muito curtos, lembrava um menino. Seu sorriso de desdém nas imagens chocou o mundo.

A seu lado em algumas das fotos está o soldado Charles Graner, com quem Lynndie manteve um relacionamento na prisão - quebrando regras de conduta - e gerou um filho. O escândalo eclodiu quando ela estava grávida. A figura baixa e franzina, com cabelos muito curtos, lembrava um menino.

Charles Graner foi condenado a dez anos de prisão em janeiro. A **estratégia** da defesa foi mostrar Lynndie England como vítima da influência de Graner, uma mulher com histórico de problemas psicológicos e de aprendizado, que foi enviada para a prisão mais notória do Iraque sem **treinamento** para trabalhar como guarda penitenciária. O advogado Crisp disse que a promotora reconhece que sua cliente foi um peão no caso e mostrarão indulgência com ela.

England, agora reservista do **Exército**, vai comparecer nesta segunda-feira ao tribunal militar de Fort Hood, no Texas.

O escândalo de tortura de presos iraquianos em Abu Ghraib, que eclodiu em abril do ano passado, quando as fotos, que eram peça de investigação, foram parar nos jornais americanos. As imagens foram um duro golpe contra a imagem dos Estados Unidos do mundo, então já comprometida pela **guerra** no Iraque.

Dos 17 militares que destinados à corte marcial pelo caso, England é a sétima a declarar-se culpada.

Em testemunhos sob juramento, ela disse que os militares fotografavam daquela forma os prisioneiros americanos porque "parecia engraçado". A coleira, segundo ela, foi uma medida de intimidação, para **forçar** o detento a confessar o estupro de um menino. A **defesa** sustenta que Graner é quem pedia à amante para posar daquela maneira.

02/05/2005 - 16h32m

## Nova leva de carros-bomba sacode Bagdá

*Agências Internacionais*

BAGDÁ - Pelo quarto dia consecutivo, a insurgência iraquiana trouxe caos a áreas urbanas de seu país, com a detonação de mais uma leva de carros-bomba. No domingo, os atentados deixaram pelo menos mortos - 25 deles, vítimas de um carro-bomba detonado no funeral de um líder curdo, no Norte do país.

Nesta segunda-feira, os rebeldes iraquianos prosseguiram a campanha de **violência** desencadeada na sexta-feira, numa aparente reação à formação do primeiro governo eleito democraticamente do país em mais de 50 anos. Os mortos já passam de uma centena em quatro dias.

A jornada de segunda-feira na capital iraquiana foi marcada pela **explosão** de quatro carros-bomba: dois por volta das 10h e dois em torno do meio-dia, deixando 11 a 13 mortos.

Três explosões foram contra **forças** de segurança. O primeiro **ataque**, que matou pelo menos 9 pessoas, ocorreu numa área comercial do bairro de Karada, centro-sul da cidade, por volta das 10h. Doze pessoas ficaram feridas. Todas as vítimas são ou eram civis.

Dez minutos antes, um carro-**bomba** explodiu perto de um comboio de segurança iraquiano, em al-Huriyah, no noroeste da capital.

Duas horas depois, em Zayouna, centro-leste da capital, uma patrulha da polícia foi o **alvo**. Dois policiais morreram e, segundo a BBC, dois civis, também. Enquanto isso, em Al-Tarmiyah, no norte da cidade, a polícia corria para ajudar quatro pessoas feridas na **explosão** do quarto carro-**bomba**.

Em Mosul, no Norte do país, a **explosão** consecutiva de dois carros-**bomba** à tardem matou quatro iraquianos e feriu sete.

DOMINGO SANGRENTO - Segundo porta-vozes do Ministério do Interior, cinco policiais morreram no domingo quando um grupo de cerca de 30 homens **armados atacou** um posto de controle na área de Nahraun, sudeste de Bagdá, pouco antes de cinco civis terem morrido em um atentado suicida na mesma área.

As mesmas fontes disseram que uma criança de 5 anos está entre os cinco mortos em um atentado suicida ocorrido logo depois, no bairro de Zafaranyia, próximo a Nahraun. O homem-**bomba** tentou atacar um comboio militar iraquiano e americano.

No fim da noite de domingo (horário local), autoridades no Norte do país relataram a explosão de um carro-**bomba** num cortejo fúnebre. O número de mortos varia em função do relato: 20 a 25. Segundo o governador de Mosul, Duraid Kasmula, um suicida lançou o carro-**bomba** contra o funeral de um líder curdo na cidade de Talafar - Taleb Wahab, que morreu há três dias, num **ataque** de insurgentes.

O grupo do jordaniano Abu Musab Al-Zarqawi, chefe da Al-Qaeda no Iraque, reivindicou a autoria do primeiro dos dois **ataques**, em mensagem em um site islâmico.

Porta-vozes do Ministério do Interior também informaram o assassinato de três pessoas em Bagdá, entre elas um responsável pelo serviço de saneamento do subúrbio de Al Mansur, no Oeste da capital iraquiana.

Os novos ataques coincidiram com operação de segurança **lançada** por **forças** de elite iraquianas na cidade de Maedan, 30 quilômetros a sudeste de Bagdá, transformada nos últimos meses num reduto de atividade rebelde. Durante a operação foram presos suspeitos da morte da uma refém britânica, no ano passado.

A composição do gabinete foi aprovada na quinta-feira pela Assembléia Nacional eleita em janeiro. A nova arena política liderada por xiitas e curdos deixou os muçulmanos sunitas em segundo plano, depois de décadas de domínio, sob o regime de Saddam Hussein.

Na sexta-feira, pelo menos 12 **explosões** - a maioria de carros-**bomba** - foram registradas no país, matando cerca de 30 pessoas. No sábado, uma nova série de ataques, no Norte do país e na capital, matou pelo menos 15.

02/05/2005 - 11h09m

## **Explosão** de paiol arrasa vizinhança e mata 28 no Afeganistão

*Reuters*

CABUL - A **explosão** de um depósito de munição num vilarejo no Norte do Afeganistão na manhã desta segunda-feira matou pelo menos 28 pessoas e feriu outras 70, **arrasando** a vizinhança.

O paiol, que continha morteiros, balas e outras **munições**, pertencia a um **comandante** de milícia, conhecido como Jalal Bajgaye.

O porta-voz do Ministério do Interior Lutfullah Mashal disse que Bajgaye morreu na **explosão** e que havia temores de que mais pessoas ainda estivessem presas sob nos escombros.

- Todo a vizinhança do paiol foi destruída - disse Mashal, acrescentando que mulheres e crianças estavam entre as vítimas.

A causa da **explosão** no vilarejo de Pajga, na província de Baghlan, 120 quilômetros ao norte da capital, Cabul, está sob investigação, anunciou o porta-voz.

- Equipes de resgate estão tentando achar sobreviventes que se teme que estejam presos sob as ruínas - disse Mashal.

Não se tem conhecimento de atividade dos insurgentes da milícia talibã na área. Eles têm concentrado seus **ataques** no Sul e no Leste do país.

O Afeganistão está repleto de **armas** e velhos estoques de munição, após décadas de **conflitos**. Houve várias **explosões** de paióis nos últimos anos, mas o desta segunda-feira foi o mais letal.

O governo lançou uma operação para **desarmar** milícias e assumir **armas e munição** pesadas em 2003, mas muito ainda não foi recolhido.

A milícia de Bajgaye foi desmobilizada, mas manteve o depósito de **munição**.

03/05/2005 - 10h00m

## **Explosão causa mortes em reunião público de que participava premier da Somália**

*Agências Internacionais*

MOGADÍSCIO - Pelo menos dez pessoas morreram na **explosão** de uma granada durante um discurso do primeiro-ministro da Somália num estádio da capital, Mogadíscio. O próprio premier Ali Gedi tentou dissuadir os temores de que se tratasse de um atentado. A possibilidade era considerada enorme, levando em conta o caos instalado no país desde 1991.

- Entendemos que a granada **explodiu** acidentalmente e não estava intencionalmente dirigida a nós - disse Gedi, numa entrevista coletiva, em sua residência. - Continuarei minhas atividades e isso não vai implicar qualquer mudança em matéria de segurança.

O número de mortos varia em função do relato. Segundo agências internacionais de notícias, varia de 10 a 16. Os feridos passam de 30.

A granada **explodiu** quando Gedi falava das medidas que o governo no exílio vem tomando para instalar-se no país. O primeiro-ministro, o presidente Abdullahi Yusuf Ahmed, o Parlamento e maior parte do governo estão em Nairóbi, no Quênia. A escolha e instalação do governo deram-se no exílio, no fim do ano passado.

A Somália vive em anarquia desde a derrocada do governo de Siad Barre, em 1991. As lutas tribais entre distintos chefes militares tornaram impossível trazer o governo para o país.

03/05/2005 - 20h09m

## **EUA escolhem painel para decidir pena de soldado de Abu Ghraib**

*Reuters*

FORT HOOD, EUA - A Justiça Militar dos Estados Unidos escolheu um painel formado por seis militares, todos veteranos da **guerra** contra o Iraque, para decidir qual será a sentença da reservista do Exército Lynndie England, uma figura central do escândalo envolvendo a tortura de prisioneiros iraquianos.

No dia anterior, England admitiu ser culpada de vários crimes relacionados com os **abusos** praticados em 2003 e que se tornaram mundialmente conhecidos devido à divulgação de fotos em que os prisioneiros aparecem sendo torturados. Algumas imagens mostravam a militar posando ao lado de iraquianos despidos.

Durante o questionamento realizado para determinar a objetividade dos membros do painel, os nove inscritos, todos homens e oficiais das **Forças Armadas**, disseram ter visto as fotos e ter ouvido os relatos sobre os **abusos**. Alguns afirmaram estar profundamente chocados e desapontados com o episódio.

O juiz encarregado de escolher a composição do painel dispensou três deles.

Seis outros soldados envolvidos no escândalo de tortura ocorrido na prisão de Abu Ghraib já tinham admitido sua culpa no caso. No entanto, England, de 22 anos, é o rosto mais conhecido do grupo. Fotos mostram-na segurando um prisioneiro pela coleira e sorrindo ao apontar para a genitália de detentos nus.

O então namorado dela e pai do filho que ela deu à luz recentemente, Charles Graner, contestou as acusações, mas acabou condenado a dez anos de prisão.

O escândalo aumentou as pressões sobre os EUA no momento em que o país era duramente criticado por ter **invadido** o Iraque. Depois de ter firmado um acordo com a Promotoria, England admitiu sua culpa em sete de nove acusações, dizendo ter agido devido à pressão de outros soldados, em especial de Graner.

O acordo prevê uma sentença máxima cuja duração não foi divulgada. Segundo juristas, esse limite deve ser bem menor que os 11 anos de prisão a que England poderia ser condenada.

03/05/2005 - 09h17m

## **Famílias de soldados mortos no Iraque vão processar Blair**

*Reuters*

LONDRES - As famílias de soldados britânicos mortos no Iraque vão tentar processar o primeiro-ministro Tony Blair. A iniciativa foi lançada nesta terça-feira. Os parentes dos mortos dizem que o premier enganou o país a respeito das razões para o país entrar na guerra.

Dois dias antes da eleição que pode garantir a Blair um terceiro mandato, as famílias anunciaram que vão entregar uma carta a Downing Street (a residência oficial do primeiro-ministro), que descreve os argumentos do processo que pretende abrir.

O questionamento da integridade de Blair e de sua decisão de apoiar os EUA na **invasão** do Iraque tem **dominado** as últimas duas semanas da campanha eleitoral.

Na segunda-feira, a mulher do soldado britânico morto mais recentemente no conflito culpou Blair diretamente pela perda.

- É culpa de Tony Blair - disse a viúva do soldado Anthony Wakefield, vítima de uma **bomba** colocada numa estrada no Iraque. - Ele enviou todas essas tropas. Ele não deveria ter feito isso.

Oito famílias que perderam membros no Iraque estão apoiando o processo contra Blair e o governo, sob os termos da Convenção Européia de Direitos Humanos, e disseram que também estão considerando um processo privado contra o premier.

O grupo Famílias de Militares contra a **Guerra** disse que foi orientado por juristas que Blair tinha o que responder na Justiça e descreveu a guerra como "um crime de agressão".

Um porta-voz do grupo disse que a campanha está conquistando crescente apoio.

A carta será entregue a Downing Street na tarde desta terça-feira.

04/05/2005 - 16h28m

## **Juiz anula julgamento de soldado americana no caso Abu Ghraib**

*Agências Internacionais*

FORT HOOD, Texas - Um juiz militar rejeitou nesta quarta-feira a declaração de culpa da soldado Lynndie England, acusada de **abusos** contra prisioneiros iraquianos na prisão de Abu Ghraib, perto de Bagdá. A decisão do juiz foi tomada em grande parte porque que o ex-amante de Lynndie, o também militar Charles Graner, sugeriu em seu depoimento que ela não sabia que o que estava fazendo era errado. Com isso, para o juiz, ficava evidente que a declaração de culpa dela era inconsistente com a própria defesa - quase uma declaração de inocência, para obter um acordo que garantiria uma pena reduzida.

A **defesa** sustenta que a soldado agiu sob influência de Graner, de quem teve um filho, gerado no período em que os dois trabalhavam na prisão. A mãe dela levou o bebê ao tribunal nesta quarta-feira. Allan tem 7 meses.

Lynndie England, de 22 anos, tornou-se a face mais conhecida do **abuso** de presos no Iraque, um escândalo que abalou a credibilidade externa dos EUA e desencadeou uma série de investigações militares e parlamentares sobre o tratamento de prisioneiros no Iraque, Afeganistão e na prisão da base naval de Guantánamo, em Cuba.

A soldado aparece em algumas das imagens mais chocantes do escândalo, que eclodiu quando fotos tiradas pelos guardas da prisão foram publicadas na imprensa americana. Numa delas, England, uma figura franzina que lembra um menino, carrega um prisioneiro numa coleira. Em outra, aponta sorridente para prisioneiros nus. Numa terceira, ao lado de Graner, sorri por trás de uma pirâmide de prisioneiros nus.

Mais cedo, antes de rejeitar a declaração de culpa, o juiz suspendeu a audiência por algumas horas, depois de ouvir de Graner que, ao levar o preso numa coleira, ela estava seguindo ordens dele e não acreditava que aquilo era errado.

- Se você não acredita que é culpada, se você honestamente acredita que estava fazendo o que Graner disse a você para você, então você não se declarou culpada - disse o juiz.

A ré concordou em declarar-se culpada em troca de uma pena menor. Graner cumpre pena de prisão após ser condenado a dez anos por **abusos** cometidos contra presos iraquianos. A

declaração de culpa foi apresentada na segunda-feira. No dia seguinte, um painel de ex-veteranos foi designado para determinar sua sentença.

O acordo previa que England, tendo confessado culpa, fosse condenada a no máximo 11 anos de prisão e possivelmente bem menos, talvez dois anos e meio.

- O acordo está anulado - disse o juiz James Pohl, coronel. - Os dois lados me mostraram que não há maneira de resolver essa inconsistência.

04/05/2005 - 09h44m

## **Paquistão prende número três da Al-Qaeda**

*Agências Internacionais*

ISLAMABAD - Autoridades paquistanesas confirmaram a prisão de um dos principais líderes da Al-Qaeda. O líbio Abu Faraj Farj al Liby foi o mentor de duas tentativas de assassinato do presidente Pervez Musharraf. Havia uma recompensa local equivalente a US\$ 340 mil para quem desse uma pista que levasse à captura dele.

Al Liby teria se tornado o terceiro na hierarquia da Al-Qaeda, depois da captura de Khalid Sheikh Mohammed, em março 2003. Cinco outros membros da rede teriam sido presos com ele.

- Prendemos Abu Faraj Farj al Liby. É um enorme sucesso - anunciou o ministro da Informação paquistanês, o xeque Rashid Ahmed.

Apontado como líder da Al-Qaeda no Paquistão e um dos mais próximos de seu cabeça, o saudita Osama bin Laden, Al Liby foi detido no sul da remota província do Waziristão, perto da fronteira afegã. A região é **dominada** por líderes tribais, suspeitos de dar abrigo a centenas de combatentes da Al-Qaeda. Desde 2004, milícias locais e terroristas têm eventualmente **enfrentado** juntos **forças** de segurança paquistanesas.

Pervez Musharraf é um dos principais aliados dos EUA na **guerra** contra o terrorismo. Em dezembro de 2003, sobreviveu a duas tentativas de assassinato.

04/05/2005 - 11h05m

## **Ataque suicida mata 60 em cidade curda iraquiana**

*Agências Internacionais*

ARBIL, Iraque - Em homem-**bomba atacou** uma fila de jovens iraquianos desempregados nesta quarta-feira, matando pelo menos 60 pessoas, no mais sangrento ataque dos mais de 20 empreendidos no país desde a aprovação, pelo Parlamento, da composição do novo gabinete de governo, há uma semana. O gabinete tomou posse na terça-feira.

Em número de mortes, é o mais sangrento **ataque** desde fevereiro, quando um carro-**bomba** matou 125 na cidade de Hilla, ao sul de Bagdá. O ataque de Hilla foi, isoladamente, o maior desde a **invasão** do país, em março de 2003, e o alvo também buscavam emprego. Exatamente como os mortos nesta quarta-feira, a maioria eram candidatados a uma vaga na polícia iraquiana.

O grupo extremista iraquiano Exército de Ansar al-Sunna afirmou que está por trás do **ataque** desta quarta-feira.

"Essa operação é em resposta aos nossos irmãos que estão sendo torturados em suas prisões e

em resposta às infiéis **forças** peshmerga (combatentes curdos) que se renderam aos cruzados e se tornaram um espinho do lado dos muçulmanos", disse um comunicado que foi publicado no site do grupo na internet.

A autenticidade do comunicado não pôde ser verificada imediatamente.

O atentado desta quarta-feira foi em frente a escritórios de um partido curdo no Norte do país, que vinha servindo de centro de recrutamento da polícia iraquiana. Cerca de 300 pessoas estavam na fila. A esmagadora maioria era jovens desempregados, que haviam visto na TV anúncios convocando ao recrutamento na polícia do país - alvo preferencial dos insurgentes, bem como a Guarda Nacional e o **Exército**, todos identificados, primeiro com a administração interina e os EUA e agora com o novo governo, o primeiro eleito democraticamente em 50 anos, e os EUA.

Seguranças e testemunhas descreveram cenas de horror diante do escritório do Partido Democrático do Curdistão.

- Eu estava esperando na fila para registrar meu nome na **força** policial. Tudo que posso lembrar é uma grande **explosão** vinda de trás, que me levantou do chão - conta Abdul-Razaq Sarmab, de 17 anos, no leito do hospital, onde se recupera de ferimentos causados por estilhaços. - A cena era como um abatedouro, com corpos em todo lugar, cabeças, mãos, olhos. Foi terrível. Os que estão fazendo isso são animais, porque tudo isso é contra o Islã.

Um representante do Ministério da Saúde em Arbil disse que pelo menos 60 pessoas morreram e 150 ficaram feridas. Um comunicado do Ministério da **Defesa** fala em 45 mortos e 16 feridos. Mas, segundo fontes de hospitais, citadas pela CNN, o número de mortos pode chegar a 90.

O banho de sangue deu-se um dia após a posse do novo governo e três meses depois das históricas eleições, celebradas na esperança de que ajudariam a trazer estabilidade e segurança ao Iraque. Xiitas e curdos saíram vencedores das eleições. A minoria sunita, que **dominava** o país no período de Saddam Hussein, teve o pior desempenho. Os EUA haviam alertado que a demora na formação do governo, devida ao impasse em torno de que papel seria dado aos sunitas - até agora não resolvido, porque alguns ministros permanecem interinos - poderia fortalecer a insurgência, que, depois das eleições, pareceu aturdida.

Os políticos iraquianos acusam os rebeldes de tentar desencadear uma **guerra** civil, com atentados planejados para aumentar as tensões sectárias e étnicas. O norte, **dominado** pelos curdos, é uma região relativamente mais calma do que outras no país, onde atentados e tiroteios tornaram-se rotineiros.

Com o novo **ataque**, passa de 200 o número de mortos em atentados no país desde sexta-feira, numa leva de **ataques** aparentemente desencadeada pela aprovação, pela Assembléia Nacional, da composição do novo gabinete, um dia antes.

06/05/05

## **Bomba explode em comunidade cristã perto da capital do Líbano**

*Agências Internacionais*

JOUNIEH, Líbano - A **explosão** de uma **bomba** matou uma mulher do Sri Lanka e feriu sete pessoas e danificou lojas e casas, nesta sexta-feira na cidade portuária libanesa de Jounieh, de população cristã, segundo uma fonte de segurança.

O atentado foi o quinto registrado em comunidades cristãs no Líbano em dois meses e ocorre na

véspera do retorno ao país do líder anti-sírio Michel Aoun, exilado há 15 anos. A tensão aumentou no Líbano após o assassinato do ex-premier Rafik Hariri, em fevereiro passado.

A **explosão** aconteceu por volta das 21h30 (15h30m, horário de Brasília), em rua das Arcadas, na entrada da cidade onde a maioria da população é cristã. Na rua há uma igreja, a emissora de rádio "A voz da caridade", de propriedade de uma associação católica, a casa de um deputado cristão e a sede da Corrente Patriótica Livre, grupo do **general** Michel Aon. Ex-homem forte do Líbano, Aon regressa neste sábado ao país após passar 15 anos no exílio na França.

Segundo a rede de TV LBC, o morto é uma pessoa do Sri Lanka e três dos feridos são egípcios. Ainda não está claro se o **alvo** do **ataque** era a igreja ou a emissora de rádio, que havia dedicado toda a programação desta sexta-feira às famílias de pessoas desaparecidas na Síria e cuja existência é negada até hoje pelas autoridades de Damasco. Há ainda versões de que um grupo de jovens partidários do general Aon estava reunido no local da **explosão**.

A fonte disse que a **bomba** foi colocada dentro de uma velha casa abandonada, provocando um pequeno incêndio e estilhaçando vidraças de prédios vizinhos. A **explosão** ocorreu perto de uma igreja e de uma emissora de rádio e a cerca de 150 metros do novo comitê eleitoral dos seguidores de Aoun.

O presidente Emile Lahoud, aliado da Síria, condenou veementemente o **ataque**. Uma nota do seu gabinete se referiu ao atentado como "uma tentativa desesperada de restaurar o clima de terror e medo entre os libaneses".

- Eu estava diante da minha loja, senti uma grande pressão e me vi caído no chão do lado de dentro. Tudo o que eu vi foi fumaça - disse Joseph Barsomian, dono de uma loja de material esportivo.

Os bombeiros combateram as chamas e ambulâncias levaram as vítimas para um hospital das redondezas. As **forças** de segurança isolaram a área, e os investigadores começaram a vistoriar o local.

Quatro **bombas** mataram três pessoas e feriram cerca de 40 em áreas cristãs do Líbano desde o assassinato do ex-primeiro-ministro Rafik al-Hariri, em 14 de fevereiro, que mergulhou o país na mais grave crise política desde o fim da **guerra** civil (1975-90).

Muitos libaneses culpam a Síria, que tem grande influência no país, pela morte de Hariri. Damasco negou participação, mas, desde então e sob pressão internacional, retirou suas tropas e serviços de inteligência do Líbano, encerrando 29 anos de presença.

Nesta semana, um tribunal suspendeu o mandado de prisão que havia contra o cristão maronita Aoun, o que abriu caminho para seu regresso ainda antes das eleições gerais marcadas para dia 29.

Um simpatizante do ex-**general** negou que o novo comitê eleitoral fosse o **alvo do ataque**.

- Eles só querem criar o caos entre os libaneses - disse Toufic Saloum no escritório.

- Não vamos permitir que esses atos ofusquem nossos avanços em direção à liberdade, à soberania e à independência.

07/05/05 14h44m

## **Explosões na capital de Mianmar matam nove e ferem mais de cem**

*Reuters*

YANGON - Três **explosões** atingiram a capital de Mianmar neste sábado, causando pelo menos nove mortes e ferindo mais de cem pessoas, afirmaram testemunhas e funcionários de um hospital. Esta foi a mais recente de uma série de **explosões** no país, governado por militares desde 1962. O **exército** acusou "elementos destrutivos" pelos **ataques** anteriores - termo utilizado para se referir a oponentes políticos e grupos rebeldes de minorias étnicas.

As duas **explosões**, que foram praticamente simultâneas, ocorreram em dois shoppings lotados e em um centro comercial em Yangon, informaram autoridades sem dar outros detalhes.

Uma das **explosões** matou três pessoas e feriu mais de dez que assistiam a uma exposição num centro comercial em Yangon, disseram autoridades em Bangcoc.

Segundo testemunhas, o trânsito estava congestionado ao redor do centro comercial e dos shoppings enquanto equipes de resgate trabalhavam para retirar os feridos. A polícia impôs segurança rígida na capital e outros shoppings foram fechados imediatamente.

A Karen National Union, grupo rebelde localizado na fronteira entre Mianmar e a Tailândia, negou responsabilidade pelo ocorrido.

No mês passado uma **bomba** matou três pessoas e feriu 15 em uma área comercial na cidade de Mandalay, a 690 quilômetros a norte de Yangon.

O governo militar do país **enfrenta** grande pressão de governos ocidentais e de vizinhos regionais para acelerar o movimento em direção à democracia e liberar o líder detido da oposição Aung san Suu Kyi.

08/05/2005 - 18h49m

## **Iraque prende vice-líder local da Al Qaeda e dois americanos morrem em explosão**

*Agências Internacionais*

BAGDÁ - Amar al-Zubaydi, auxiliar do líder da organização terrorista Al Qaeda no Iraque, o jordaniano Abu Musab al-Zarqawi, foi preso pelas **forças** de segurança iraquianas. Um informe do governo neste domingo informa que Zubaydi, também conhecido como Abu Abbas, foi capturado há três dias em Bagdá. Ele é acusado de ajudar no planejamento de um **ataque** de 60 rebeldes contra uma base americana em abril último com carros **bomba** e morteiros.

O **comando** militar americano no Iraque informou neste domingo que uma incursão contra rebeldes na cidade de Qaim, perto da fronteira síria, matando seis rebeldes e ferindo 54. Dois soldados americanos foram mortos numa **explosão** em estrada perto da cidade de Khaldiya, bastião rebelde na região Oeste do Iraque.

Desde a **invasão** americana de março de 2003, 1.219 militares e funcionários do Pentágono morreram em ação. Outros 377 morreram em outros incidentes, elevando o total para 1.596.

06/05/2005 - 13h23m

## **Atentados matam dezenas no Iraque**

### *Agências Internacionais*

BAGDÁ - Dois atentados distintos sacudiram o Iraque nesta sexta-feira. O mais **violento** deles deixando 58 pessoas mortas. De acordo com as autoridades, a onda de **violência** de um plano insurgente para pressionar o novo governo iraquiano, formado há oito dias. Também hoje, 14 corpos foram encontrados em Bagdá.

No fim da manhã, um terrorista suicida detonou um carro-**bomba** perto de um mercado em uma cidade ao sul do Iraque. De acordo com a polícia, pelo menos 58 pessoas morreram e 45 ficaram feridas no atentado de Suwayra, 165 quilômetros ao sul da capital.

O primeiro **ataque** ocorreu em Tikrit, terra natal do ex-presidente Saddam Hussein. Um carro-**bomba** dirigido por um insurgente suicida matou nove policiais. O carro-**bomba explodiu** ao lado de um microônibus que levava policiais para o trabalho, na cidade natal de Saddam Hussein.

Em Bagdá, um morador alertou as **forças** de segurança depois de ver corpos sendo enterrados. No local, foram encontrados os cadáveres de 14 homens. Algumas das vítimas, que estavam vendadas e usavam roupas civis, haviam levado **tiros** na cabeça - claros sinais de execução.

Os insurgentes intensificaram suas ações contra as **forças** de segurança iraquianas depois do anúncio da formação do novo gabinete de governo do país, oito dias atrás. Desde então, mais de 250 pessoas foram mortas.

Milhões de iraquianos desafiaram as **ameaças** dos insurgentes para votar nas eleições de 30 de janeiro, com a esperança de fundar uma nova era de democracia que colocaria fim ao derramamento de sangue iniciado dois anos atrás, com a invasão do país pelas tropas lideradas pelos EUA.

Mas os políticos eleitos precisaram de três meses de negociações antes de anunciar a formação parcial de um gabinete. Os insurgentes aproveitaram-se do impasse para realizar **ataques** contra as **forças** de segurança.

Uma série de atentados a **bomba** e de emboscadas em Bagdá matou ao menos 24 pessoas na quinta-feira. No dia anterior, um agressor suicida matou cerca de 60 pessoas na cidade de Arbil (norte) enquanto, na capital iraquiana, um carro-**bomba** tirava a vida de nove soldados.

06/05/2005 - 17h53m

### **Seqüestradores de engenheiro dão prazo para Austrália retirar-se do Iraque**

#### *Agências Internacionais*

DUBAI - Seqüestradores de um australiano no Iraque exigiram que o país dele comece a retirar suas tropas em 72 horas. A demanda foi feita num videoteipe, no qual o refém faz o apelo.

Segundo a emissora de TV árabe Al-Jazeera, o refém aparece sentado no chão, segurando seu passaporte, com **armas** apontadas para ele.

Douglas Wood, de 63 anos, está com a cabeça raspada e tem um olho roxo.

No domingo, um outro vídeo mostrara Wood com um rifle apontado para sua cabeça e apelando pela retirada de tropas australianas, americanas e britânicas.

Nesta semana, irmãos de Wood apareceram num vídeo veiculado em emissoras árabes, pedindo sua libertação.

Wood é engenheiro e sua empresa foi contratada para serviços de reconstrução no Iraque. Ele

mora na Califórnia, nos EUA.

O seqüestro foi assumido pelo Conselho da Shura dos Mujahedeen do Iraque, um grupo que já reivindicou a captura de estrangeiros no país antes.

O governo da Austrália é forte aliado dos EUA na **guerra**. No período da **invasão**, chegou a ter 2 mil soldados no país. Atualmente, tem cerca de 950 e planeja o envio de mais 450. O primeiro-ministro John Howard disse não ter a intenção de ceder a pressão dos seqüestradores, seja ordenando a retirada dos soldados, seja pagando resgate.

08/05/2005 - 14h17m

### **Sharon endurece posição para libertar palestinos presos**

*Reuters*

JERUSALÉM - O primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon, recusou-se a libertar mais prisioneiros palestinos até que a Autoridade Palestina atue contra os extremistas, endurecendo sua posição em relação ao presidente Mahmoud Abbas.

- Todo mundo me pede para fortalecer Abu Mazzen, mas eu digo que não às custas de vidas israelenses - disse Sharon ao gabinete segundo uma autoridade do governo, usando o nome popular de Abbas.

Israel libertou 500 prisioneiros palestinos em 21 de fevereiro como parte da promessa de soltar 900 prisioneiros num gesto de boa vontade em relação ao moderado Abbas, que declarou um cessar-fogo ao lado de Sharon em Sharm el-Sheikh, no Egito, em 8 de fevereiro.

Mas em declarações feitas antes da reunião ministerial com palestinos programada para este domingo sobre prisioneiros, Sharon estabeleceu novas condições para libertar os 400 prisioneiros, que deveriam ser soltos em breve.

- Vamos ser claros, não haverá libertação de prisioneiros antes que sejam adotadas medidas contra o terrorismo - afirmou Sharon, ainda de acordo com a autoridade do governo.

- Os palestinos não estão fazendo nada sobre esse assunto. Seria um erro de primeira ordem fazer até mesmo a menor concessão sobre segurança. Não podemos dar a oportunidade para que façam uma campanha contínua de **fogo** em direção a comunidades judaicas.

Assentamentos de Gaza e comunidades no sul de Israel vêm sofrendo **ataques** esporádicos de foguetes e morteiros de militantes, que não concordam com a trégua ou dizem que estão retaliando **ataques** israelenses.

O negociador-chefe palestino, Saeb Erekat, disse que os comentários de Sharon mostram que Israel congelou a implementação das medidas para construir confiança depois do acordo de Sharm el-Sheikh.

- Está claro que a única coisa que não está congelada é a continuidade das atividades dos assentamentos, do muro (da Cisjordânia) e o não cumprimento do fim da **violência** - disse Erekat.  
- Algo precisa ser feito, e desta vez por fatos, e não por meras palavras, a fim de parar a deterioração.

Há cerca de 8 mil palestinos em prisões israelenses. Eles são considerados pela sociedade palestina como **heróis** da resistência contra a ocupação.

08/05/2005 - 21h56m

### **AIEA alerta para ameaça da Coreia do Norte que teria até seis bombas atômicas**

WASHINGTON - O diretor da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), Mohamed ElBaradei, afirmou que a Coreia do Norte pode "abrir uma caixa de Pandora" se realizar testes nucleares de natureza militar. "Sabemos que eles têm a infra-estrutura industrial para transformar o plutônio de que dispõem e que pode ser suficiente para cinco a seis bombas atômicas. E também sabemos que eles têm como lançá-las," disse ele ao programa "Late edition", da rede CNN.

Funcionários do Departamento de Defesa americano, citados pela CNN, disseram que fotografias recentes tomadas por satélites indicam possíveis preparativos para um teste nuclear norte-coreano. O país cortou relações com a AIEA em 2002, expulsando todos os inspetores da agência internacional. ElBaradei afirmou que a agência está "muito, muito preocupada" com a possibilidade de um teste, que teria "repercussões políticas desastrosas" e seria "um passo bastante irresponsável".

O alerta acontece no momento em que se comemora os 60 anos do fim da guerra mundial na Europa, com 50 dirigentes reunidos em Moscou. Um encontro sobre o assunto está agendado entre o presidente da Coreia do Sul, Roh Moo-hyun, e seu colega chinês Hu Jintao. A China é o principal patrocinador do regime norte-coreano, fornecendo-lhe alimentos e energia. Hu quer que ele use sua influência para trazer a Coreia do Norte de volta para as negociações patrocinadas por seis países, que tiveram três rodadas infrutíferas.

No dia primeiro de maio, o chefe da Casa Civil dos EUA, Andrew Card, anunciou que os norte-coreanos haviam testado um míssil de curto alcance que caiu no mar do Japão. Na véspera, um porta-voz da Chancelaria norte-coreana havia chamado Bush de "desordeiro" e afirmou que não se esperava uma solução para o impasse internacional sobre o programa atômico de Pyongyang no atual governo americano. Numa entrevista coletiva na quinta-feira, 28 de abril, Bush disse que o dirigente norte-coreano Kim Jong Il era um "tirano" e "uma pessoa perigosa". Card disse no dia primeiro que não estava surpreso com o teste de míssil porque eles o faziam periodicamente e sempre demonstravam várias falhas.

Um ex-agente da CIA citado pelo Washington Post na semana passada pintou um cenário catastrófico se radiação atômica de um teste norte-coreano rumasse para o Japão. Segundo ele, os mercados financeiros de Tóquio e Seul despencariam, companhias estrangeiras poderiam deixar a região e os Estados Unidos cogitariam impor um bloqueio. "Não acho que seja exagerado. Acredito que um teste abriria uma caixa de Pandora, francamente. Não sei o que poderia acontecer. Não sei se os norte-coreanos são sofisticados o suficiente para fazer um teste sem liberar resíduos nucleares. Sei que haveria muitos resíduos de insegurança," disse o diretor da AIEA.

05/09/2005 - 17h38m

### **Ofensiva americana mata cem pessoas no Iraque**

*The New York Times*

BAGDÁ - Uma unidade dos Fuzileiros Navais invadiu uma área no oeste do Iraque, próximo à fronteira com a Síria, nesta segunda-feira em uma operação que matou cerca de cem insurgentes, atacando postos do deserto e casas dos extremistas que usaram a área para importar carros,

dinheiro, **armas** e estrangeiros para **lutarem** contra as **forças** americanas e iraquianas. A informação foi divulgada por autoridades americanas.

O **ataque** parece ser a maior **ofensiva** realizada no Iraque desde que os fuzileiros navais **invadiram** Fallujah, há seis meses, e é realizado em um momento que os **comandantes** americanos têm culpado à porosa fronteira com a Síria por permitir que o exército sem fim dos extremistas consiga entrar no Iraque e fortificar a insurgência mais rápido do que o tempo gasto pelos Estados Unidos e pelas **forças** do Iraque para matá-las e capturá-las.

Acredita-se que alguns dos insurgentes mortos na operação pelos fuzileiros navais fossem **lutadores** estrangeiros, informaram autoridades militares. A operação reflete à crescente preocupação entre os **comandantes** americanos de que os insurgentes sunitas tenham se desenvolvido livremente na área perto de al Qaim, no Deserto de Al Jazirah, perto do local no qual o Rio Eufrates passa da Síria para o Iraque.

A operação teve início no fim de semana e envolveu mais de mil fuzileiros navais, que tiveram apoio de helicópteros **armados**, aviões, tanques e veículos blindados.

Caças F-15E da **Força** Aérea **lançaram** duas **bombas** a laser guiadas GBU-12 500 e **dispararam** canhões de 510 20 milímetros nas cercanias de al Qaim, onde os fuzileiros travavam uma **batalha**, segundo informou um boletim sobre as operações da coalizão. Também foram disparados **canhões** de 319 20 milímetros na área durante a mesma operação.

"O **inimigo** sentiu honestamente que eles tinham segurança aqui", afirmou o **coronel** Bob Chase, chefe das operações da Segunda Divisão dos Fuzileiros Navais, que está lotada em Camp Blue Diamond em Ramadi. "Era um local seguro e vários dos insurgentes que estavam aqui era ex-integrantes do Partido Baath". "Agora não é mais um lugar seguro", acrescentou o **Coronel** Chase. "E não vai ser mais".

10/05/2005

### **Número de mortos em choques no Uzbequistão pode chegar a 500, diz ativista** **Agências Internacionais**

FERGHANA, Uzbequistão - Aproximadamente 500 pessoas podem ter sido mortas quando tropas uzbeques atiraram na sexta-feira contra milhares de manifestantes e **enfrentaram** rebelde na cidade de Andizhan, disse um ativista dos direitos humanos no Uzbequistão neste sábado. Milhares de pessoas voltaram a se reunir na cidade de Andizhan novamente neste sábado, na mesma praça onde soldados haviam atirado contra manifestantes um dia antes.

- O número total de mortos dos dois lados pode chegar a 500 - disse Saidzhakhon Zainatbitdinov, diretor local do grupo de defesa dos direitos humanos Appeal, em entrevista por telefone.

Ele disse que baseia sua estimativa em conversas com testemunhas e com seus próprios observadores. Pouco antes neste sábado, o presidente Islam Karimov anunciou que dez policiais e militares tinham sido mortos, assim como muitos rebelde, sem, no entanto, precisar o número de baixas civis.

Centenas de pessoas voltaram nesta sábado à praça palco do **confronto** entre rebeldes e tropas do governo em Andizhan, localizada a leste da capital, Tashkent. Os manifestantes, muitos deles pedindo a renúncia de Karimov, há 15 anos no poder.

Alexei Volsovevich, jornalista do opositor site na internet, ferghana.ru, disse, por telefone, que ainda era possível ver corpos na praça onde rebeldes haviam tomado um prédio público.

Neste sábado, o presidente negou que tenha dado autorização para que tropas do governo

abrissem fogo contra a multidão e acuso extremistas islâmicos pela violência no país.

- Eu sei que vocês querem saber quem deu a ordem para disparar. Ninguém mandou (os soldados) dispararem contra eles - disse um visivelmente furioso Karimov em entrevista à imprensa.

Karimov relacionou o levante de sexta-feira em Andizhan a protestos violentos e a um golpe no vizinho Quirguistão no início deste ano, que começou com protestos contra fraudes eleitorais em Osh, na fronteira com Andizhan.

Deixando de mencionar as vítimas civis, ele disse que 10 policiais e soldados foram mortos e que 100 ficaram feridos durante o episódio em Andizhan. A situação em Andizhan era calma, mas alguns rebeldes haviam escapado, disse Karimov, que está desde 1989 no poder.

O líder uzbeque, que defende uma política linha-dura contra dissidentes muçulmanos, disse acreditar que os rebeldes de Andizhan pertençam ao grupo anti-uzbeque Hizb ut-Tahrir.

- Pelo que sei, eles fazem parte de um grupo chamado Hizb ut-Tahrir - disse Karimov durante a coletiva de três horas.

- O objetivo deles é unir os muçulmanos aqui e criar um califado muçulmano governado pelas leis da Sharia nas quais eles crêem e derrubar nossa Constituição e as autoridades regionais.

Karimov também culpou o Hizb ut-Tahrir por ataques passados, inclusive explosões em julho que mataram quatro pessoas nas embaixadas dos EUA e de Israel e no gabinete de promotoria em Tashkent, além de ataques suicidas que mataram 50 pessoas um ano atrás. Analistas ocidentais dizem que Karimov usa a ameaça do extremismo islâmico para garantir seu regime autoritário duro e que muito do descontentamento da população vem da pobreza e do desemprego.

Horas depois, um porta-voz do Hizb ut-Tahrir rebateu as acusações de Karimov.

- A culpa da violência tem que estar com Islam Karimov e seu regime opressivo, que torturou e prendeu milhares de vítimas inocentes - disse Imran Wahid, porta-voz do Hizb ut-Tahrir em Londres.

Wahid disse que o grupo é bastante ativo no Uzbequistão, mas que não é violento.

- Queremos minar e derrubar o regime de Islam Karimov por meios pacíficos - afirmou.

- A culpa pela violência não deveria ser atribuída ao povo que vive sob opressão - acrescentou.

Hizb ut-Tahrir, que significa Partido da Libertação, diz que busca estabelecer um governo islâmico onde for possível, aumentando a consciência dos muçulmanos no mundo todo.

O Uzbequistão, uma nação da Ásia Central, ofereceu aos EUA o uso de uma base militar após os atentados de 11 de setembro de 2001, tornando-se assim um aliado de Washington na guerra contra o terrorismo. No entanto, o Ocidente tem criticado em repetidas ocasiões Karimov por seus abusos contra os direitos humanos.

Grupos de defesa dos direitos humanos dizem que há pelo menos seis mil pessoas presas por motivos políticos ou religiosos no Uzbequistão, onde só o islamismo apoiado pelo Estado é aceito e onde a tortura é uma prática comum.

Em Washington, o porta-voz da Casa Branca, Scott McClellan, exortou o governo do Uzbequistão e os manifestantes a agir com moderação. Já a União Européia, em um comunicado categórico, culpou as políticas do governo de Karimov de pelos protestos violentos.

A Rússia, líder do regime ao qual pertencia o Uzbequistão e alarmada com a crescente série de revoluções em ex-repúblicas soviéticas, disse apoiar totalmente Karimov.

A **violência** no Uzbequistão acontece no rastro dos distúrbios no vizinho Quirguistão, onde **violentos** protestos levaram à destituição do presidente Askar Akayev, que se refugiou em Moscou. Nos últimos 18 meses, houve também revoluções na Ucrânia e na Geórgia, onde chegaram ao poder governantes pró-Occidente.

## 8.2.2 MATÉRIAS DE ESPORTE

01/05/2005 - 12h15m

### **Juventus vence e mantém liderança do Italiano**

*GloboEsporte.com*

TURIM, ITÁLIA - Tudo igual novamente no topo da classificação do Campeonato Italiano. O Juventus fez a sua parte e venceu o Bolonha por 2 a 1 neste domingo, permanecendo ao fim da 34ª rodada ao lado do Milan na liderança, com 76 pontos, e aumentando as expectativas pelo

clássico entre os **rivals** do norte do país no próximo fim de semana, a quatro partidas do fim da temporada.

Foi um jogo também de **redenção. Atormentado** durante a semana pela exibição na principal rede de TV do país de um vídeo em que aparece aplicando injeção de substância supostamente dopante, o zagueiro italiano Cannavaro abriu o placar para o Juventus aos 18 minutos, numa bela e forte cabeçada. O uruguaio Zalayeta (foto) ampliou pouco depois, aos 24, mas Giunti diminuiu em seguida, aos 27.

Também em casa, o Internazionale também venceu. Sem Adriano, **derrotou** o Siena por 2 a 0, gols do argentino Julio Cruz aos dois minutos e do italiano Vieri aos 31, mantendo a terceira colocação com 62 pontos.

Na rodada de muitos gols, apenas um brasileiro deixou sua marca, justamente no **confronto** em que as redes mais balançaram e os principais **artilheiros** do Italiano brilharam. O meia Fábio Simplício, ex-São Paulo, marcou o quarto na vitória do Parma em casa sobre o Livorno por 6 a 4. Gilardino fez quatro para os anfitriões e se igualou a Montella, do Roma, na artilharia, com 21. Lucarelli respondeu na mesma moeda pelos visitantes, mas saiu de quadra **derrotado** e tem um a menos na estatística do campeonato.

30/04/2005 - 17h57m

## Vasco e Fortaleza empatam sem gols

*Globo Online*

RIO - Vasco e Fortaleza fizeram neste sábado um jogo com muitos erros, poucas emoções e nenhum gol. O empate em 0 a 0 acabou sendo um placar justo para a partida realizada com portões fechados no estádio Raulino de Oliveira, em Volta Redonda. Com o placar, os dois times seguem sem vencer no Campeonato Brasileiro. Agora, o Vasco passa a pensar no clássico contra o Botafogo, no próximo domingo, às 18h10m, em São Januário. O Fortaleza joga no mesmo dia e horário, contra o São Caetano, no Anacleto Campanella.

O Vasco teve um desfalque antes da partida. Romário retornou do México, onde disputou uma partida festiva, e se apresentou em Volta Redonda, mas Dário Lourenço preferiu poupá-lo e escalou o jovem Gustavo.

Com as arquibancadas do Raulino de Oliveira vazias, os dois times parecem ter se inspirado no cenário que os cercava durante o primeiro tempo, que foi um deserto de criatividade e emoções. O Vasco arrematou duas vezes a gol. Uma com Abedi a sete minutos, **defendida** em dois tempos por Albérico, e outra com Alex Dias, aos 34, que até marcou o gol, mas o lance já estava parado por impedimento. O Fortaleza assustou em apenas uma oportunidade, aos 43, quando Marcos Denner rolou para Giba chutar cruzado, à esquerda do gol de Everton. Os dois times só não desceram para os vestiários sob vaias porque não havia torcida no estádio.

Insatisfeito com a apatia de seu time, Dário Lourenço trocou Leozinho por Róbson Luiz no intervalo. O Vasco voltou mais aceso e Abedi acertou uma **bomba** no travessão logo aos três minutos. Cinco minutos mais tarde, Róbson Luiz deu bom passe para Gustavo dentro da área. O atacante chutou rasteiro, a bola desviou na zaga e acertou a trave direita de Albérico. Gustavo teve outra boa chance aos 11, recebendo passe de cabeça de Alex Dias e chutando sobre Albérico.

A partida ficou mais corrida, e o Fortaleza também mostrou suas **armas**. O estreante Alemão

falhou aos 21 e Marcos Denner tocou para Igor, que chutou alto, no meio do gol. Éverton defendeu sem problemas. Pouco depois o goleiro vascaíno apareceu novamente, encaixando chute de Chiquinho.

O Vasco teve outro gol anulado aos 33 minutos, em lance duvidoso. Jorginho Paulista cruzou e Abedi completou para as redes, mas o auxiliar marcou impedimento.

01/05/05

## Palmeiras reencontra vitória no Palestra Itália

*Globo Online*

SÃO PAULO - O Verdão conquistou sua primeira vitória no Brasileiro ao **derrotar** o Brasiense por 2 a 1 num jogo movimentado e cheio de chances de gol. A vitória no Palestra Itália interrompe uma seqüência de cinco jogos sem vencer.

A partida no Palestra Itália começou em ritmo intenso e logo aos 10 minutos o estreante Washington aproveitou um cruzamento preciso do lateral Lúcio para desviar de cabeça e abrir o placar para o Palmeiras.

O Verdão passou a **dominar** o meio-campo, mas o Brasiense aproveitava os muitos erros de passe do time da casa e **ameaçava** em **contra-ataques**. Num deles, aos 19 minutos, o pequeno Igor driblou dois **defensores** na entrada da área e chutou forte para empatar a partida.

Um minuto depois, a resposta do Palmeiras. Numa jogada rápida pelo meio, Juninho Paulista aproveitou um rebote da zaga do Brasiense e carimbou o travessão aos 20 minutos. Logo em seguida foi a vez do Brasiense voltar a **ameaçar** com Tiano, que quase desempatou, de letra, após cruzamento da direita de Marcelinho Paulista.

A equipe de Brasília se complicou aos 22 minutos, quando o volante Pituca recebeu o segundo cartão amarelo, sendo expulso após fazer falta **violenta** sobre Juninho Paulista.

Aos 30 minutos, um momento insólito no Palestra Itália. Renato, que substituiria o zagueiro Gérson no Brasiense, não pôde entrar em campo porque nem mesmo o médico da equipe conseguiu retirar o brinco do jogador. Rochinha acabou sendo o substituto, alguns minutos depois.

O Palmeiras iniciou a etapa final pressionando o Brasiense, conseguindo desempatar logo aos 3 minutos. Corrêa cobrou falta com precisão, vencendo o goleiro Donizete para botar 2 a 1 no placar. O gol forçou o Brasiense a sair para o jogo, abrindo ainda mais espaços para o time da casa.

Aos 6 minutos o Palmeiras quase ampliou após um chute **violentíssimo** do atacante Osmar. Marcelinho deu a resposta com uma cobrança de falta cheia de veneno, espalmada para fora pelo goleiro Marcos aos 11 minutos. O jogo continuou aberto até o final mas o Verdão desperdiçou diversas chances, perdendo a chance de garantir uma vitória mais tranquila.

No próximo domingo, o Palmeiras **enfrentará** o Coritiba, no Couto Pereira. Já o Brasiense viaja até Belo Horizonte, onde **enfrentará** o Atlético-MG.

02/05/2005 - 17h39m

## Chelsea e Liverpool decidem vaga na final da Liga dos Campeões

*Agência Placar*

SÃO PAULO - O Chelsea interrompe os festejos pela conquista do título inglês e entra em campo para disputar sua partida mais importante na temporada até agora. Nesta terça-feira, às 15h45 (de Brasília), os "Blues" jogam em Anfield Road contra o Liverpool, no jogo de volta pelas semifinais da Liga dos Campeões da Europa.

No primeiro **duelo**, o Chelsea decepcionou e amargou um empate em 0 a 0 em casa. Nada que preocupe o técnico José Mourinho.

- Um empate sem gols em casa é bom na Liga dos Campeões. Estou feliz com o resultado. Ele me deixa muito, mas muito confiante que estaremos na final - disse o português.

Apesar do otimismo, Mourinho joga a responsabilidade sobre os ombros do rival.

- Se eles perderem, não terão nada. Acho que a pressão está com o Liverpool - afirmou, referindo-se ao fato de seu time já ter conquistado o Campeonato Inglês e a Copa da Liga Inglesa.

- Voltaremos para Londres como **heróis** seja qual for o resultado, porque já conquistamos o título nacional - completou.

Rafa Benitez, técnico do Liverpool, aceita a responsabilidade e agradece o colega.

- José é um dos melhores técnicos do mundo e tem um time muito bom, mas eles perderão. O Chelsea tem o time mais caro do mundo e um grande treinador, mas nós temos a torcida. Eles não levam vantagem, é 50% a 50% - analisou.

A tal igualdade que Benitez prega se confirma dentro de campo, já que as duas equipes terão uma série de desfalques significativos. Algumas ausências são antigas, e outras mais recentes. No Chelsea, Paulo Ferreira e Wayne Bridge seguem contundidos e não jogam. Robben está recuperado, mas ainda não tem presença confirmada.

Os velhos problemas do Liverpool são o atacante Morientes e o zagueiro Pellegrino, que não foram inscritos pelo time na Liga dos Campeões. Para piorar, Xabi Alonso está suspenso pelo acúmulo de cartões, enquanto Josemi está machucado. O alemão Hamann foi liberado pelo departamento médico e deve entrar no meio-campo.

03/05/2005 - 19h15m

## **Flu enfrenta o Grêmio por uma vaga nas quartas-de-final**

*Globo Online*

*Agência Placar*

PORTO ALEGRE - Campeão estadual e um dos líderes do Campeonato Brasileiro, com 100% de aproveitamento nas duas rodadas da competição, o Fluminense tem nesta quarta-feira uma boa oportunidade de estender a fase positiva na temporada. Com ampla vantagem por ter feito 3 a 0 no jogo de ida, no Maracanã, o tricolor **enfrenta** o Grêmio às 21h45, no Olímpico, em busca de uma vaga nas quartas-de-final da Copa do Brasil. O time carioca pode perder por até dois gols de diferença, ou mesmo por três, desde que marque pelo menos um gol.

Para melhorar ainda mais o astral do Fluminense, o técnico Abel Braga terá de volta dois jogadores fundamentais para o seu esquema tático: o cabeça-de-área Marcão, que vem se destacando na função de líbero, e o atacante Tuta, autor de cinco gols nas últimas quatro vezes em que esteve em campo, dois deles no primeiro jogo contra os gremistas. Ausentes no jogo do último domingo contra o Paysandu, em Belém, pelo Brasileiro, Marcão e Tuta se recuperaram de suas contusões e confirmaram presença no Olímpico.

- Pelo resultado que criamos no primeiro jogo até podemos aparecer como favoritos, mas se não jogarmos bem não vamos seguir adiante. O **confronto** vai ser difícil e não podemos ser surpreendidos - alertou Marcão.

Para tentar superar o Fluminense, o técnico do Grêmio, Mano Menezes, decidiu escalar juntos os atacantes Somália e Samuel, que somam 16 gols na temporada - dez deles feitos por Somália, artilheiro gremista na temporada. Samuel, que vinha sendo reserva, terá agora uma chance de ajudar a equipe a virar o jogo. O time gaúcho, porém, terá dois desfalques: o atacante Pedro Júnior e o meia Paulo Ramos, ambos impedidos de atuar na Copa do Brasil por já terem defendido o Vila Nova na competição este ano.

- Estamos preparados para este desafio. Sabemos que a missão será bastante difícil, mas vamos partir em busca do resultado que nos interessa - disse o jovem atacante Anderson, que já desperta interesse em clubes do futebol europeu.

03/05/2005 - 17h46m

## Liverpool vence Chelsea e está na final da Liga

*Globo Online*

RIO - O Liverpool está na final da Liga dos Campeões. A equipe inglesa bateu os compatriotas do Chelsea por 1 a 0 nesta terça-feira, no estádio Anfield Road, em Liverpool, e parte em busca de seu quinto título na competição contra o vencedor do **confronto** entre Milan e PSV, que jogam nesta quarta. Na partida de ida, em Milão, o time italiano venceu por 2 a 0.

No primeiro jogo, na semana passada, em Londres, os dois times ingleses haviam empatado sem gols. Nesta terça, o gol da classificação do Liverpool saiu em um lance polêmico, logo aos três minutos. Baros recebeu na área e tocou por sobre o goleiro Cech, que se chocou com o atacante tcheco. O lance seguiu e Luis García tocou para o gol. Gallas afastou, mas o árbitro considerou que a bola já havia entrado.

A partir daí, o Chelsea tomou a iniciativa da partida, mas com a **pontaria** totalmente descalibrada. O time de Londres não deu um chute sequer ao gol defendido por Dudek na primeira etapa.

No segundo tempo, o goleiro do Liverpool fez boa **defesa** em cobrança de falta de Lampard aos 21 minutos. A pressão do Chelsea seguiu forte, enquanto o Liverpool não conseguia encaixar um contra-**ataque** que poderia definir o jogo. Já nos acréscimos, aos 50 minutos, Gudjohnsen perdeu uma chance de ouro, quando Dudek saiu mal do gol. O atacante do Chelsea bateu de voleio e a bola passou rente à trave direita.

08/05/2005 - 16h16m

## Barcelona vence e fica a uma vitória do título

*Globo Online*

*GloboEsporte.com*

VALÊNCIA, Espanha - O Barcelona está a uma vitória do título espanhol, que não conquista desde 1999. Neste domingo, o time catalão derrotou o Valência por 2 a 0 no estádio Mestalla e só precisa

ganhar um dos três jogos que faltam até o fim da competição para confirmar a 17ª conquista nacional da história. A primeira chance será no próximo sábado, contra o Levante, também em Valência.

O resultado deste domingo permitiu ao Barcelona manter em seis pontos (81 a 75) sua vantagem na liderança sobre o Real Madrid, que no sábado derrotou o Racing Santander por 5 a 0. O Real Madrid também joga no sábado, às 15h (de Brasília) contra o Sevilla fora de casa.

Se vencer mais um jogo, o Barcelona não poderá ser ultrapassado pelo Real Madrid. Mesmo que a equipe da capital consiga empatar em pontos, o Barça levantará a taça porque leva vantagem no **confronto direto**, já que venceu o **rival** por 3 a 0 no Camp Nou e perdeu por 4 a 2 no Santiago Bernabeu (5 a 4 no resultado somado).

O brasileiro Ronaldinho Gaúcho, eleito melhor jogador do mundo pela Fifa, abriu o placar neste domingo com um belo chute no ângulo aos 28 e o camaronês Samuel Eto'o completou a vitória aos 30 minutos no primeiro tempo. O atacante é o artilheiro da competição, com 23 gols, três a mais do que o brasileiro Ronaldo, do Real Madrid, e do uruguaio Forlán, do Villarreal. O quarto na lista é o também brasileiro Ricardo Oliveira, do Bétis, com 19.

08/05/2005 - 22h25m

## Flu vence Cruzeiro e se mantém com 100% de aproveitamento

*Globo Online*

RIO - Com um gol de Alex nos acréscimos, o Fluminense derrotou o Cruzeiro por 2 a 1, neste domingo em Volta Redonda, chegando à sexta vitória consecutiva, uma seqüência iniciada na final do Estadual e que inclui também jogos da Copa do Brasil. O resultado manteve a equipe carioca na liderança do Campeonato Brasileiro, junto com Santos e Botafogo, todos com 100% de aproveitamento (nove pontos) após três rodadas.

O time das Laranjeiras volta a campo no próximo domingo, às 18h10m, para **enfrentar** o Brasiliense no Serejão. O Cruzeiro está com quatro pontos, em 11º lugar, e recebe o Goiás no Mineirão, às 16h, no mesmo dia.

O Fluminense começou melhor a partida e assustou logo no início com Tuta e Juan, aos quatro e aos oito minutos da etapa inicial, respectivamente. Melhor posicionado, o time carioca **abusou** das jogadas pelo meio e foi através de uma delas que conseguiu abrir o placar, aos 19. Athirson deu um presente para Juan, que sem goleiro empurrou para o gol.

O gol despertou o Cruzeiro, que passou a criar algumas oportunidades. Aos 29, Athirson bateu, a bola desviou na zaga e Kléber defendeu no susto. Seis minutos depois, Lopes cruzou, Weldon desviou e Kléber defendeu com os pés.

No último lance de **perigo**, Athirson colocou Adriano na cara do gol, mas o meia quis colocar no ângulo direito de Kleber e mandou para fora.

### Alex marca nos acréscimos

A segunda etapa começou a todo vapor. O Fluminense teve a primeira oportunidade aos seis. Leandro tentou o chute, mas acabou travado por Maldonado, sem goleiro. O Cruzeiro partiu pra cima e conseguiu o empate aos 10 minutos. Fred cruzou na cabeça de Weldon, que mergulhou para fazer o gol.

A resposta Tricolor quase veio no minuto seguinte, com um belo chute rasteiro de Juninho. Fábio se esticou e fez grande **defesa**. Insatisfeita com o gol cruzeirense, a torcida do Fluminense começou a pedir a presença de Rodrigo Tiuí que entrou em campo e quase desempatou aos 19 em um **bomba** que saiu pela linha de fundo. Em seguida foi a vez de Gabriel finalizar para fora, de frente para o goleiro.

A partir daí, o jogo passou a ficar equilibrado com os dois times procurando o gol da vitória. O Fluminense se mostrou mais perto e quase fez o segundo aos 38. Fabiano Eller sobiu de cabeça e mandou a bola por cima do gol. Quando tudo parecia terminado, Alex recebeu ótimo passe e tocou na saída de Fábio para dar a vitória para o Fluminense.

08/05/2005 - 22h28m

## São Paulo goleia e aumenta crise do Corinthians

*Globo Online*

SÃO PAULO - Ganhar um clássico já é bom. Com goleada, ótimo. Se servir para aumentar a crise do rival, melhor ainda. Neste domingo, o São Paulo fez tudo isso no Pacaembu. O tricolor do Morumbi derrotou o Corinthians por 5 a 1 - gols de Luizão (dois), Rogério Ceni, Danilo e Cichinho, com Carlos Alberto descontando - e deixou o técnico argentino Daniel Passarella em situação praticamente insustentável. O time do Parque São Jorge tem apenas um ponto ganho após três rodadas do Campeonato Brasileiro e já aparece na zona de rebaixamento, em 20º lugar. O São Paulo soma quatro pontos e é o nono colocado.

Depois de afastar o goleiro Fábio Costa do elenco, barrar Roger e Betão do jogo contra o Figueirense e ver o Corinthians ser eliminado da Copa do Brasil nos pênaltis pela equipe catarinense, Passarella esteve próximo da demissão - sua permanência foi confirmada apenas sexta-feira, após uma reunião da diretoria com o presidente da MSI, o iraniano Kia Joorabchian, cuja **força** no clube parece ser a única esperança do treinador.

O São Paulo volta a jogar no próximo sábado, contra o Coritiba, no Morumbi. No dia seguinte, o Corinthians vai jogar fora de casa contra adversário que também vive um mau momento, o Atlético-PR, que perdeu os três jogos que fez até o momento no Brasileiro.

Aproveitando-se da crise corintiana, o São Paulo começou arrasador e abriu 3 a 0 em apenas 17 minutos. Logo aos três, Rogério Ceni fez o primeiro, cobrando pênalti. Aos 12, o goleiro cobrou falta com precisão, o camisa um corintiano Tiago espalmou para o alto e Luizão completou de cabeça para marcar o segundo. Cinco minutos depois, Tiago saiu mal do gol, Danilo pegou a sobra e chutou cruzado. A bola ainda bateu em Carlos Alberto, na pequena área, antes de entrar.

A torcida do São Paulo voltou a vibrar aos dois minutos do segundo tempo, com o quarto gol: Júnior avançou pela esquerda, entrou na área e cruzou para a conclusão de Luizão. Imediatamente, entrou em campo um torcedor corintiano com o objetivo de **agredir** o técnico argentino. Aos 23 minutos, o jogo chegou a ser interrompido por causa de outras **invasões**, que podem custar uma punição ao Corinthians. Pouco depois do reinício, aos 28, Cichinho encerrou a goleada com um golaço, enquanto a Polícia Militar tentava conter a **fúria** dos corintianos na arquibancada.

08/05/2005 - 21h07m

## Inter se recupera e vence o Flamengo, no Beira-Rio

Globo Online

PORTO ALEGRE - Em uma partida fraca tecnicamente, o Flamengo praticamente não **ameaçou** o gol do Internacional e perdeu sua primeira partida no Campeonato Brasileiro, por 1 a 0. O jogo foi válido pela terceira rodada da competição. Gustavo marcou o único gol, aos 25 minutos da etapa complementar.

Após uma seqüência de três derrotas consecutivas, o Internacional conseguiu se recuperar, mesmo com a ausência do seu principal jogador, o atacante Fernandão, que não atuou devido a uma tendinite no joelho.

Com o resultado, o time gaúcho somou seus primeiros três pontos na competição, subindo para a 16ª posição na tabela. Já o Flamengo permaneceu com quatro, em 13º lugar.

Na próxima rodada, o time da Gávea terá pela frente o Santos, no domingo, às 18h10m no estádio Luso-Brasileiro, enquanto o Inter joga no dia anterior contra o Figueirense, no Orlando Scarpelli, no mesmo horário.

A etapa inicial começou sonolenta com as duas equipes errando muitos passes e criando poucas oportunidades de gol. O primeiro lance de perigo aconteceu apenas aos 14 minutos. Jorge Wagner cobrou falta da meia-lua, por baixo, e acertou a trave de Diego que ficou parado no lance.

Com mais volume de jogo no meio-campo, o time gaúcho **dominou** com facilidade praticamente todos os rebotes da **defesa** Rubro-Negra. Com isso passou a **ameaçar** com mais frequência os visitantes, porém desorganizadamente. Aos 37 minutos, Rafael Sóbis chutou cruzado e mandou direto para fora, sem direção.

O Flamengo passou o primeiro tempo inteiro sem finalizar, sendo que o único bom momento aconteceu após um cruzamento da esquerda, aos 39 minutos. Em cobrança de falta, Fábio cruzou de longe para a área, a bola saiu errada e Renan espalmou para escanteio. Na seqüência, o goleiro colocou para córner após novo cruzamento.

### Gustavo marca em rápido contra-ataque

O panorama da partida não mudou no segundo tempo e continuou com o ritmo lento. A expulsão do meia Júnior, do Flamengo, não alterou a forma de jogar do Internacional, que permaneceu errando muitos passes. A melhor opção foram as bolas levantadas para a área. Aos 12, Gustavo, sozinho, cabeceou para fora. O mesmo atacante perdeu outra boa chance, aos 21, chutando nas mãos de Diego.

O Flamengo poderia ter aberto o placar aos 24, quando chegou ao campo adversário com três jogadores contra apenas um do time gaúcho. Obina, porém, 'entregou' a bola para Élder Granja. No contra-**ataque**, os cariocas sofreram o castigo. Gustavo recebeu belo passe, **dominou** e bateu no canto direito, sem chances para Diego.

Satisfeito com o resultado, o Inter diminuiu o ritmo e passou a tocar mais a bola. Gustavo e Rafael Sóbis ainda perderam chances para o time gaúcho. O Flamengo ainda conseguiu três ótimas chances nos acréscimos. Em uma delas a zaga do Inter tirou a bola em cima da linha após cruzamento de Geninho.

07/05/2005 - 20h12m

## Santos derrota o Atlético-PR na Vila Belmiro

Globo Online

SANTOS - Após três rodadas, o Santos manteve os 100% de aproveitamento no Campeonato Brasileiro. Neste sábado, no **duelo** entre o campeão e o vice do ano passado, o Peixe derrotou o Atlético-PR por 2 a 1, de virada, na Vila Belmiro.

Com a terceira vitória, o Santos chegou aos nove pontos e se isolou na liderança, mas pode voltar a ter a companhia de Botafogo e Fluminense, que jogam neste domingo contra Vasco e Cruzeiro, respectivamente. Já o Furacão segue em situação crítica: nenhum ponto ganho até o momento na competição, em penúltimo lugar. Na quarta rodada, o Santos vai **enfrentar** o Flamengo em Volta Redonda, domingo, enquanto o Furacão receberá o Corinthians, no mesmo dia.

O Atlético-PR abriu o placar aos 11 minutos do segundo tempo: Lima aproveitou falha da zaga santista e chutou no canto esquerdo de Henao. O Santos empatou aos 37, com um golaço de Robinho. Deivid cruzou da esquerda para a área e o craque acertou um lindo chute de primeira, sem deixar a bola cair no chão.

Aos quatro minutos do segundo tempo, o Durval falhou na área do Atlético-PR e Deivid apenas rolou para o zagueiro Halison decretar a virada santista.

07/05/2005 - 20h16m

## Ponte Preta derrota o Paysandu em Campinas

GloboEsporte.com

CAMPINAS - A Ponte Preta segue firme entre os primeiros colocados do Campeonato Brasileiro, e o Paysandu continua afundado na zona de rebaixamento, sem marcar ponto. Neste sábado, no Estádio Moisés Lucarelli, a Macaca derrotou o Papão por 2 a 0, gols de Rissut e Roger. Com o resultado, a Ponte sobe para sete pontos na tabela. O time paraense é o último colocado.

O time de Campinas volta a jogar no próximo sábado, contra o Fortaleza, na casa do adversário. O Paysandu **enfrenta** o São caetano, em Belém, no dia 15.

A Ponte mostrou que queria jogo desde o começo. Logo no primeiro minuto, Roger **invadiu** a área, chutou cruzado, mas Flávio Tanajura desviou para escanteio. Aos cinco minutos, a boma do lateral Rissut não teve apelação. De fora da área, ele acertou o ângulo direito do goleiro Alexandre Fávaro. Um golaço. A blitz da Macaca durou mais. Harison, aos oito minutos, tentou cruzamento da esquerda, a bola foi direto para o gol, mas Alexandre se esticou e espalmou para fora.

### Roger divide a artilharia com Robinho

Mas o time campineiro diminuiu o ritmo e, aos poucos, o Paysandu subiu de produção. O atacante Balão, com boa movimentação, dava trabalho à **defesa**, como num lance aos 18 minutos, em que ele deixou um marcador para trás, **invadiu** a área pela esquerda, mas, sem ângulo, bateu em cima de Lauro. Em seguida, a equipe paraense arriscou de longe. Donizete Amorim, duas vezes, obrigou o goleiro a fazer boas **defesas**. Aos 35 minutos, veio a melhor chance do Paysandu. Após cobrança de escanteio, o zagueiro Silvio subiu e cabeceou para o chão. Lauro fez grande **defesa**.

O segundo tempo começou com as duas equipes em ritmo lento. A Ponte teve uma chance aos sete minutos, quando Bruno entrou na área mas bateu na rede pelo lado de fora. O Paysandu tinha volume de jogo, mas não conseguia chegar perto do gol. O jeito era arriscar de longe. Foi o que

fizeram Balão, Rodriguinho e Sandro, mas os três chutes foram para fora.

Os dois times ainda teriam grandes chances de marcar. A Ponte teve a sua aos 31 minutos. Kahê fez grande jogada, **dominando** a bola no peito, passando por um marcador e tocando par Éverton, que chutou cruzado para grande **defesa** de Alexandre. Dois minutos depois, o Paysandu teve sua maior oportunidade. Após cruzamento da direita, Balão ajeitou de cabeça para Zê Augusto, que entrou de peixinho na pequena área, mas cabeceou em cima de Lauro, que segurou firme.

Mas a Macaca ainda teve gás para mais um gol, aos 38 minutos. Gabriel fez boa jogada pela direita, foi à linha de fundo e cruzou. Roger, de cabeça, marcou seu terceiro gol no Campeonato Brasileiro. Ele divide a artilharia da competição com Robinho, do Santos. O atacante pode ter feito sua última partida pelo clube, já que interessa ao São Paulo.

08/05/2005 - 22h28m

## São Paulo goleia e aumenta crise do Corinthians

*Globo Online*

SÃO PAULO - Ganhar um clássico já é bom. Com goleada, ótimo. Se servir para aumentar a crise do rival, melhor ainda. Neste domingo, o São Paulo fez tudo isso no Pacaembu. O tricolor do Morumbi derrotou o Corinthians por 5 a 1 - gols de Luizão (dois), Rogério Ceni, Danilo e Cichinho, com Carlos Alberto descontando - e deixou o técnico argentino Daniel Passarella em situação praticamente insustentável. O time do Parque São Jorge tem apenas um ponto ganho após três rodadas do Campeonato Brasileiro e já aparece na zona de rebaixamento, em 20º lugar. O São Paulo soma quatro pontos e é o nono colocado.

Depois de afastar o goleiro Fábio Costa do elenco, barrar Roger e Betão do jogo contra o Figueirense e ver o Corinthians ser eliminado da Copa do Brasil nos pênaltis pela equipe catarinense, Passarella esteve próximo da demissão - sua permanência foi confirmada apenas sexta-feira, após uma reunião da diretoria com o presidente da MSI, o iraniano Kia Joorabchian, cuja **força** no clube parece ser a única esperança do treinador.

O São Paulo volta a jogar no próximo sábado, contra o Coritiba, no Morumbi. No dia seguinte, o Corinthians vai jogar fora de casa contra adversário que também vive um mau momento, o Atlético-PR, que perdeu os três jogos que fez até o momento no Brasileiro.

Aproveitando-se da crise corintiana, o São Paulo começou arrasador e abriu 3 a 0 em apenas 17 minutos. Logo aos três, Rogério Ceni fez o primeiro, cobrando pênalti. Aos 12, o goleiro cobrou falta com precisão, o camisa um corintiano Tiago espalmou para o alto e Luizão completou de cabeça para marcar o segundo. Cinco minutos depois, Tiago saiu mal do gol, Danilo pegou a sobra e chutou cruzado. A bola ainda bateu em Carlos Alberto, na pequena área, antes de entrar.

A torcida do São Paulo voltou a vibrar aos dois minutos do segundo tempo, com o quarto gol: Júnior avançou pela esquerda, entrou na área e cruzou para a conclusão de Luizão. Imediatamente, entrou em campo um torcedor corintiano com o objetivo de agredir o técnico argentino. Aos 23 minutos, o jogo chegou a ser interrompido por causa de outras invasões, que podem custar uma punição ao Corinthians. Pouco depois do reinício, aos 28, Cichinho encerrou a goleada com um golaço, enquanto a Polícia Militar tentava conter a fúria dos corintianos na arquibancada.

14/05/2005 - 18h49m

## Barcelona empata e conquista o título espanhol por antecipação

*Globo Online*

RIO - Com duas rodadas de antecipação, o Barcelona conquistou pela 17ª vez o Campeonato Espanhol ao empatar em 1 a 1 com o Levante, neste sábado, em Valencia. Como mais cedo o Real Madrid também empatou com o Sevilla (2 a 2), o time catalão já entrou em campo precisando apenas de um ponto para ficar com o título. Rivera abriu o placar para os donos da casa e Eto'o, artilheiro disparado com 24 gols, marcou para os campeões.

Embora tivesse pela frente um adversário que luta contra o rebaixamento, o Barcelona teve que suar muito para comemorar o título que não conquistava desde 1999. O Levante foi sempre perigoso e acabou premiado com o gol aos 35 minutos do primeiro tempo. Num **lançamento** alto para a área, Congo ajeitou de cabeça e Rivera chutou no canto esquerdo. Já a melhor chance de Barcelona aconteceu no final da etapa, quando Eto'o acertou o travessão.

No início do segundo tempo, o Levante poderia ter ampliado com Congo, que entrou livre mas chutou nas mãos de Valdez. Mesmo sem jogar bem, o Barcelona chegou ao empate aos 15 minutos. Deco cobrou escanteio da direita e Eto'o escorou de cabeça para o fundo das redes. Depois, foi só tocar a bola e fazer o tempo passar até o apito final.

14/05/2005 - 16h22m

## Flamengo, de casa nova, recebe o líder Santos

*Globo Online e Agência Placar*

RIO - O Flamengo reencontra sua torcida neste domingo, às 18h10m, quando recebe o Santos, pela quarta rodada do Brasileiro. Após estreiar contra o Cruzeiro no Maracanã (que passa por reformas), o time carioca disputou duas partidas no Sul, contra Figueirense e Internacional, e atuará pela primeira vez no reformado Luso-Brasileiro, na Ilha do Governador, estádio que irá dividir com o Botafogo durante a competição.

O rubro-negro tem quatro pontos e tenta se aproximar do pelotão da frente. Além disso, quer apagar a má impressão deixada na última partida, quando perdeu de 1 a 0 para o Internacional. Já o Santos, com 100% de aproveitamento, busca a vitória para se manter na liderança do Campeonato Brasileiro.

Para neutralizar a **força ofensiva** do Santos, com Robinho e Deivid no **ataque**, o técnico Celso Roth mexeu na equipe. China e Renato serão os alas, em substituição a Fábio e André Santos, respectivamente. E Fellype Gabriel entra no meio-campo. O técnico também está preocupado com os avanços dos laterais Paulo César e Léo.

Júnior Baiano e Júnior, suspensos, estão fora do jogo. Quem fará sua reestréia com a camisa do Flamengo é o atacante Jean, que foi negociado com o Cruzeiro no início do ano e agora foi cedido ao rubro-negro por empréstimo. O jogador não esconde que espera ansioso pelo reencontro com a torcida.

- Nada melhor que voltar diante da torcida do Flamengo. Sabemos que o Santos possui uma grande equipe, mas vamos **lutar** pela vitória. Esperamos que nossos torcedores transformem o estádio num caldeirão - disse o atacante.

O zagueiro Henrique também está confiante numa boa partida diante da torcida rubro-negra.

- Se ganharmos, vamos mostrar para todo mundo que temos condições de superar qualquer um. Estamos mais ou menos com a mesma base do ano passado na **defesa** e estamos dando conta do recado.

### **Embalado, Santos tenta a quarta vitória na competição**

O Santos, por sua vez, vive um momento excelente. Na quarta-feira passada, o time goleou o Bolívar por 6 a 0, na Vila Belmiro, e ratificou sua classificação à segunda fase da Copa Libertadores da América. O técnico Gallo informou que não quer saber de poupar os titulares para o jogo com o Universidad do Chile, quinta-feira. Porém, o treinador não pretende colocar ninguém para jogar no **sacrifício**.

- Claro que se algum jogador reclamar de um problema físico, nós vamos poupá-lo - afirmou.

O lateral-direito Paulo César, que reclamou de dores musculares, pode ser um deles. Caso seja vetado, o seu substituto será Flávio. A outra dúvida de Gallo é em relação ao esquema tático. Ele pode optar pelo cabeça-de-área Zé Elias no meio-de-campo, que deixaria o time mais defensivo, ou promover a volta do apoiador Luciano Henrique, passando a atuar com dois apoiadores **ofensivos**.

Gallo está invicto desde que começou seu trabalho como técnico do Santos. Até agora são sete vitórias e três empates. Entretanto afirma não se iludir com os números.

- A invencibilidade está acontecendo, mas eu procuro pensar sempre no próximo jogo - disse.

O treinador também procura passar a mesma cautela aos jogadores.

- Já falei para eles não entrarem em euforia com o bom momento, porque é furada. Temos que continuar trabalhando com os pés no chão.

14/05/2005 - 18h03m

### **Desfalcado, Fluminense tenta se manter 100%**

*Globo Online*  
*Agência Placar*

RIO - O Fluminense tenta neste domingo manter o pique no Campeonato Brasileiro. Com nove pontos e 100% de aproveitamento e o time carioca **enfrenta** o Brasiense às 18h10m, no estádio Boca do Jacaré, em Brasília. O time da casa estará desfalcado de seu principal jogador, Marcelinho Carioca.

Mas o Fluminense também vai entrar em campo sem dois importantes jogadores no esquema de jogo do técnico Abel Braga: o lateral-esquerdo Juan e o cabeça-de-área Arouca. Os dois cumprem suspensão automática.

No lugar de Juan, Abel escalou Lino e na vaga de Arouca, o técnico deve lançar Maicon. Mas também pode optar por deslocar Gabriel para o setor e escalar Radamés na lateral-direita.

O atacante Leandro, que se queixou de estar atuando com problemas musculares após a vitória por 1 a 0 sobre o Treze, pela Copa do Brasil, realizará exames para saber se terá condições de atuar. O jogador deve estar em campo, mas caso isso não seja possível seu substituto deve ser o 'pé-de-coelho' Alex, que marcou, nos acréscimos, o gol da vitória sobre o Cruzeiro por 2 a 1.

- Me surpreendi ao saber que o Leandro declarou estar jogando no **sacrifício**. Se ele estava com

problemas, deveria ter me passado - disse o técnico Abel Braga, que espera contar com o atacante em Brasília.

Pelo lado do Brasiliense, a grande ausência é do ídolo Marcelinho Carioca, que sofreu estiramento na vitória por 1 a 0 sobre o Atlético-MG, no Mineirão. Seu substituto, que fará sua estréia pelo time candango, é outro jogador bem conhecido do público carioca: o apoiador Alex Oliveira, que já defendeu o próprio Fluminense e o Vasco.

O técnico Valdir Espinosa não sabe se poderá contar com o lateral-direito Dida, lesionado, que pode ceder vaga a Flávio. Mas os veteranos Vampeta e Oséas, assim como o apoiador Iranildo, estão confirmados no Brasiliense.

### 8.3 MATÉRIAS DO JORNAL O GLOBO

#### 8.4 MATÉRIAS DOS VEÍCULOS ESPORTIVOS

## 9. BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Raquel. *Cultura da bola explica Brasil*. Disponível em [www2.uol.com.br/cienciahoje/especial/futebol/futebol7.htm](http://www2.uol.com.br/cienciahoje/especial/futebol/futebol7.htm), acessado em 30/09/04.

A HISTÓRIA do futebol. Disponível em <http://www.mundodabola.com/historia.html>, acessado em 30/09/04.

ALMADA, Bruno de Mello. RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos. *Os anti-heróis no futebol e suas relações com a mídia: estudando a figura pública do jogador Edmundo*. Disponível em [www.efdeportes.com/efd82/edmundo.htm](http://www.efdeportes.com/efd82/edmundo.htm), acessado em 02/10/04.

A PÁTRIA de antenas. Disponível em <http://www.ceas.com.br/cadernos/cc178ed.htm>, acessado em 30/10/04.

A REBELDIA dos pés. Disponível em <http://www.cisc.org.br/portal/modules.php?name=News&file=article&sid=81>, acessado em 03/10/04.

AS POBRES PALAVRAS do futebol. Disponível em [http://www.contrapie.com/vercronicas.asp?id\\_cronica=580](http://www.contrapie.com/vercronicas.asp?id_cronica=580), acessado em 03/10/04.

BARROS, José Mário. *Futebol: Porque foi... Porque não é mais*. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.

BELTRÃO, Luiz. A reportagem esportiva. In: BELTRÃO, Luiz. *A imprensa informativa*. São Paulo: Folco Massucci, 1969.

BOND, Franser. Principais tipos de noticiário. In: BOND, Franser. *Introdução ao jornalismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BORGES, Clério. *Origem do futebol*. Disponível em <http://www.clerioborges.com.br/futebol.html>, acessado em 30/09/04.

BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer trabalho e tecnologia: refletindo sobre a necessidade de novos conceitos. In: BRUHNS, Heloisa Turini. GUTIEREZ, Gustavo Luis. *Representações do lúdico*. Campinas: Autores Associados, 2001.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. *A imagem televisiva e a cultura esportiva: um olhar sobre esta parceria*. Disponível em [http://www.sergiomattos.com.br/liv\\_tvregionais10.html](http://www.sergiomattos.com.br/liv_tvregionais10.html), acessado em 03/10/04.

CAMARGO, Vera Toledo. *Jogos Olímpicos: marco da divulgação científica do esporte*. Disponível em [http://www2.metodista.br/unesco/midi@forum/midi@forum\\_2000/midiaf2-7.htm](http://www2.metodista.br/unesco/midi@forum/midi@forum_2000/midiaf2-7.htm), acessado em 30/09/04.

CAPINUSSÚ, José Maurício. *A linguagem popular do futebol*. São Paulo: Ibrasa, 1988.

CARRANO, Paulo César Rodrigues (org.). ALVES, Nilda. DAILOLO, Jocimar. GALEANO, Eduardo. GARCIA, Regina Leite. OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CAVALCANTI, Eduardo. *Espírito Esportivo S.A.* Disponível em [http://www2.metodista.br/unesco/midi@forum/midi@forum\\_2000/midiaf2-7.htm](http://www2.metodista.br/unesco/midi@forum/midi@forum_2000/midiaf2-7.htm), acessado em 08/10/04.

CONTURSI, Ernani. *Marketing esportivo*. Rio de Janeiro: Sprint, 1991.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e estética*. Disponível em

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011), acessado em 02/10/04.

DIAS, Délio. *Futebol total*. Juiz de Fora: Im, 1980.

DIENSTAMANN, Cláudio. *A Copa de 70 e a raça Selecionada*. Disponível em <http://proex.reitoria.unesp.br/edicao05fev2002/materias/futebol.htm>, acessado em 30/09/04.

DOUGAN, Andy. *Futebol e guerra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ERBOLATO, Mario. O noticiário esportivo. In: ERBOLATO, Mario. *Jornalismo especializado*. São Paulo: Atlas, 1981.

ESPORTE NÃO é civismo. Disponível em [http://geocities.yahoo.com.br/adeusanosnoventa/esporte\\_patriotismo.htm](http://geocities.yahoo.com.br/adeusanosnoventa/esporte_patriotismo.htm), acessado em 10/10/04.

GUERREIROS ou jogadores? Disponível em [http://www.contrapie.com/vercronicas.asp?id\\_cronica=1385](http://www.contrapie.com/vercronicas.asp?id_cronica=1385), acessado em 02/10/05

FILHO, Nilton. *Futebol é guerra*. Disponível em [www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/020917\\_afeganistaoir.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/020917_afeganistaoir.shtml), acessado em 03/10/04

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e a sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GASTALDO, Édison Luis. *Os campeões do século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo*. In: *Revista brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas: Autores Associados, v.22, n.1, p.105-124, set. 2000.

HISTÓRIA do futebol. Disponível em <http://www.birafitness.com/histfutebol.htm>, acessado em 29/09/04.

HISTÓRIA DO FUTEBOL: origens, chegada ao Brasil, Charles Miller, FIFA, copa do mundo. Disponível em <http://www.suapesquisa.com/futebol/>, acessado em 29/09/04.

HISTÓRIA DOS EMPRÉSTIMOS no léxico do futebol. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling07.htm>, acessado em 02/10/05

JOS, Sebastião. SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. *Futebol, imaginário e mídia: as metáforas da discriminação no futebol brasileiro*. Disponível em <http://www.geocities.com/aotil/futebol.html>, acessado em 03/10/04.

LIMA, Louisiana. *Falta fair play no futebol estadual*. Disponível em, <http://www.ufpe.br/ascom/cconline/025/pesq001.html>, acessado em 08/10/04.

LIMA, Marco Antunes de. *As origens do futebol na Inglaterra e no Brasil*. Disponível em [www.klepsidra.net/klepsidra14/futebol.html](http://www.klepsidra.net/klepsidra14/futebol.html) , acessado em 10/10/04.

LOVISOLO, Hugo. *Tédio e espetáculo esportivo*. Disponível em [www.multirioi.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirioi.rj.gov.br/seculo21) , acessado em 30/09/04.

LUNA, Maurício. *Dos campos de batalha aos estádios*. Disponível em [www.multirioi.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirioi.rj.gov.br/seculo21) , acessado em 30/09/04.

LUNA, Maurício. *Espectáculo bilionário mobiliza multidões*. Disponível em [http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto\\_link.asp?cod\\_link=1292&cod\\_chave=1990&letra=c](http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=1292&cod_chave=1990&letra=c), acessado em 30/09/04

LUNA, Maurício. *Na guerra do esporte, ideologia e nacionalismo andam de mãos dadas*. Disponível em [www.multirioi.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirioi.rj.gov.br/seculo21), acessado em 30/09/04.

LUNA, Maurício. *Transformações em cinco mil anos de história*. Disponível em [http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/chave.asp?cod\\_chave=1990&letra=c](http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/chave.asp?cod_chave=1990&letra=c), acessado em 30/09/04.

NASSAR, Paulo. *Rivaldo é um grosso?* Disponível em <http://www.nao-til.com.br/nao-70/dienst1.htm>, disponível em 03/10/04.

OLIVEIRA, Adílson, *O caderno Vencer e a metáfora da guerra: Um estudo da linguagem esportiva do jornal Agora*. Disponível em <http://www.mundocultural.com.br/artigos/4/8/530.shtml>, acessado em 08/10/04.

OLIVEIRA, Lázaro Coutinho de. *Futebol: arte ou alienação?* Disponível em <http://www.verbo21.com.br/arquivo/34ltx3.htm>, acessado em 30/09/05.

OS INVENTORES do futebol. Disponível em <http://www.anzwers.org/trade/taxibrazil/taxicamfutebol.html>, acessado em 29/09/04.

PERRUSI, Artur. *Notas sobre futebol e violência*. Disponível em [http://geocities.yahoo.com.br/adeusanosnoventa/esporte\\_patriotismo.htm](http://geocities.yahoo.com.br/adeusanosnoventa/esporte_patriotismo.htm), acessado em 09/10/04.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1981.

REIS, Pablo. *“Futebolês” é o idioma do folclore esportivo*. Disponível em [http://www.tognolli.com/html/mid\\_futeboles.htm](http://www.tognolli.com/html/mid_futeboles.htm), acessado em 03/10/04.

RIBEIRO, Luiz Carlos. *Futebol e identidade nacional*. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>, acessado em 08/10/04.

ROVERI, Wilson. *Guerra no Futebol e outras Guerras*. Disponível em <http://www.berro.com.br/Html/RibeiraoPreto/RibeiraoPreto2.html>, acessado em 03/10/04.

SOUZA, Marcos Alves de. *A “Nação em chuteiras”, raça e masculinidade no futebol brasileiro*. 1996. Disquete. Tese (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TZU, Sun. *A arte da guerra*. São Paulo: Martin Claret, 2002